FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 105 ★ Nº 35.144 — DOMINGO, 22 DE JUNHO DE 2025 — R$ 9,90

Trump entra na guerra ao lado de Israel e ataca alvos nucleares do Irã

Americano pede fim do conflito após ação, direcionada inclusive contra a 'fortaleza nuclear' de Fordow



Fordow já era

Donald Trump
presidente dos EUA, sobre bombardeios em instalações nucleares

Os Estados Unidos entraram na guerra de Israel contra o Irã, nove dias depois de o Estado judeu iniciar o ataque contra o rival, sob a justificativa de tentar impedir a teocracia de obter a bomba atômica. O ataque foi anunciado em rede social pelo presidente Donald Trump.

O republicano declarou que os bombardeiros atacaram três instalações do programa atômico dos aiatolás, inclusive a "fortaleza nuclear" subterrânea de Fordow. Ao longo do dia, emergiram notícias da decolagem de aviões B-2, únicos capazes de lançar as superbombas contra bunkers.

Em pronunciamento, o americano afirmou que os iranianos deveriam aceitar um acordo, "ou nós iremos atacá-los de novo", acrescentando que outros alvos poderão ser atingidos.

Resta agora saber a resposta do Irã, que havia ameaçado reação em caso de ser agredido.

As opções iranianas são duras. Elas incluem atacar ativos militares americanos na região ou até fechar o trânsito de petróleo no Golfo Pérsico, o que pode levar a uma guerra maior após a degradação das suas defesas pela ação de Tel Aviv—retaliada com mísseis. **Mundo A22 e A23**

ilustrada
ilustríssima

HISTÓRIA DE UM MUNDO DESIGUAL

Celso Rocha de Barros trata da evolução do pensamento sobre distribuição de renda nos últimos dois séculos, tema de livro. B1

esporte

FLUMINENSE BATE TIME DA COREIA POR 4 A 2

Após ficar atrás no placar, equipe do Rio vira e segue com chance de avançar na Copa de Clubes nos EUA. A34

Ruy Castro

No passado, era mais difícil mudar história

Se você discorda do desfecho da série ou da virada contra seu time, é fácil "corrigir" no celular. Antes, era difícil. **Opinião A2**

EDITORIAIS A2

Bolsonarismo avança com Bolsonaro em risco Sobre pesquisa Datafolha que mostra maior apoio ao ex-presidente.

Sob ataque de Trump, Fed tenta conter inflação Acerca de pressões do republicano contra os juros.









Sequência de imagens mostra o balão pegando fogo e o cesto em chamas caindo rumo ao solo, em Praia Grande (SC) SBTNews no Youtube

57% dos eleitores apoiam reeleição para o Executivo, mostra Datafolha

A mais recente pesquisa do Datafolha aferiu que 57% dos eleitores do país são favoráveis à manutenção da reeleição para os cargos disputados em eleições para o Executivo: presidente, governador e prefeito.

Proposta que tramita no Senado vai na mão contrária, acabando com a reeleição. O fim do instituto tem o apoio de 41%.

Há dez anos, última vez que o Datafolha perguntou sobre a reeleição, 67% eram contra a reeleição e 30%, a favor.

A proposta no Congresso prevê a extensão do mandato de quatro para cinco anos. Nesse quesito, 59% defendem a mudança, ante 37% que são contrários. A pesquisa tem dois pontos de margem de erro. **Política A6**

Viagens urgentes de servidores são 70% e elevam gastos

As viagens urgentes de servidores públicos representam gastos de R$ 5,2 bilhões com passagens e diárias, desde 2021, contra R$ 1,5 bi de viagens programadas com maior antecedência. Dos dez órgãos com maiores despesas, sete são institutos. Para especialistas, cenário mostra falta de planejamento. **Mercado A13**

Brasil precisa de um Plano Real para contas públicas

Josué Guimarães da Silva, presidente da Fiesp, diz à **Folha** que o Brasil precisa de um novo Plano Real para resolver a expansão das despesas orçamentárias, cortar incentivos e reduzir os juros. **Mercado A18**

Balão de turismo com 21 pessoas a bordo pega fogo, cai e mata 8 em SC

No segundo acidente do tipo em uma semana no país, um balão de turismo com 21 pessoas a bordo pegou foto e caiu, matando 8 delas em Praia Grande (SC). Imagens mostraram pessoas pulando em pânico do cesto do balão. Os feridos foram levados para hospitais da região.

Segundo a polícia, o piloto disse que as chamas começaram em um maçarico que estava no cesto. Há uma semana, uma mulher morreu em acidente análogo no interior de São Paulo. **Cotidiano A26**

JHSF
SURPREENDENTE
FAZENDA SANTA HELENA
BRAGANÇA PAULISTA
A NOVA FAZENDA DA JHSF
COMING SOON
VEJA NA PÁG. A7.

opinião

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Bolsonarismo avança com Bolsonaro em risco

Inelegibilidade e perspectiva de prisão do ex-presidente por tentativa de golpe não reduzem a fatia do eleitorado que se considera próxima dele, o que mantém o seu cacife para as negociações da sucessão

Na segunda metade da década passada, o petismo atravessou uma crise avassaladora. A presidente Dilma Rousseff foi deposta por impeachment, e representantes do partido, inclusive o seu líder máximo, Luiz Inácio Lula da Silva, foram processados, condenados, declarados inelegíveis e presos.

A ofensiva judicial e as suas repercussões reputacionais, no entanto, não foram capazes de prejudicar a popularidade de Lula a ponto de anular a sua competitividade eleitoral. Em 2018, mesmo preso, o seu ungido, Fernando Haddad, chegou ao segundo turno e recebeu 45% dos votos.

Quatro anos depois, reabilitado pela Justiça, o próprio ex-presidente obteve o terceiro mandato numa disputa apertada.

Um processo semelhante ocorre com Jair Bolsonaro (PL). Em 2023, o Tribunal Superior Eleitoral tornou-o inelegível por ter abusado do poder da Presidência enquanto era candidato à reeleição. Agora o ex-mandatário responde a uma ação penal que pode condená-lo à prisão por atentado à democracia.

Entretanto os reveses que Bolsonaro acumula nos tribunais igualmente não parecem abalar o seu cacife popular.

A rodada mais recente de pesquisas do Datafolha mostra o ex-presidente, apesar de inelegível, empatado com Lula na simulação de segundo turno. Só o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), iguala o desempenho de Jair Bolsonaro entre os possíveis adversários do petista no ano que vem.

Além disso, a simpatia pelo bolsonarismo atingiu o maior nível desde o final de 2022. Hoje, 35% dos eleitores consideram-se próximos da corrente encabeçada pelo ex-presidente, alta de 4 pontos percentuais em relação a abril. Já a inclinação ao petismo caiu outros 4 pontos percentuais e chegou aos mesmos 35%.

Não espanta, nesse contexto, que o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), em entrevista à **Folha**, comece a dar recados em nome do pai para os candidatos que desejem o apoio de Jair no pleito de 2026. Prometer o indulto, caso ele seja condenado, será condição para o endosso —e já é antecipado e cobrado, em termos temerários, um conflito com o Supremo Tribunal Federal.

A simpatia pelo bolsonarismo atingiu o maior nível desde o final de 2022. Hoje, 35% dos eleitores consideram-se próximos da corrente encabeçada pelo ex-presidente, alta de 4 pontos percentuais em relação a abril, equivalente à inclinação ao petismo

Ao menos quatro governadores são candidatos em potencial a herdar os votos bolsonaristas: Tarcísio Freitas (Republicanos), de São Paulo, Romeu Zema (Novo), de Minas Gerais, Ronaldo Caiado (União Brasil), de Goiás, e Ratinho Júnior (PSD), do Paraná.

Nenhum deles reproduz, em sua conduta política, o discurso antidemocrático e os conflitos institucionais que caracterizam o pior do bolsonarismo. Ainda assim, tendem a assumir compromissos com o ex-presidente em nome de sua viabilidade eleitoral.

Ao mesmo tempo, interessa à direita nacional distanciar-se de tais cacoetes autoritários em busca de conquistar os eleitores moderados que podem decidir o pleito. Essa é uma tarefa complexa a ser conduzida até 2026.

Sob ataque de Trump, Fed tenta conter inflação

Comitê de política monetária da instituição mantém taxa de juros elevada para padrões americanos, dado o cenário incerto estimulado pela guerra comercial do presidente, que exige cortes de forma agressiva

O banco central americano (Fed) manteve inalterada a taxa básica de juros entre 4,25% e 4,50% ao ano na quarta (18). A decisão, esperada pelos mercados, reflete a abordagem cautelosa do órgão diante de incertezas no ambiente econômico, impulsionadas pela política comercial do presidente Donald Trump, particularmente sobre as tarifas, que impactam a inflação.

A estimativa do Fed para a alta de preços em 2025 subiu para 3,1%, ante 2,8% em março. Ao mesmo tempo, caiu a de crescimento neste ano, de 1,7% para 1,4%, enquanto o desemprego deve subir ligeiramente para 4,5%, ante estimativa anterior de 4,4%.

Manteve-se a projeção mediana de dois cortes na taxa de juros de 0,25 ponto percentual em 2025, um sinal de continuidade até que haja maior clareza. Há, no entanto, crescente divisão interna no comitê de política monetária da entidade quanto ao momento e à extensão de futuros afrouxamentos. Dez membros apoiam ao menos dois cortes, enquanto nove visam um ou nenhum.

Alguns deles, preocupados com a carestia induzida por tarifas, defendem a restrição prolongada para evitar um salto nas expectativas de inflação, especialmente porque as empresas relatam custos crescentes. Outros, citando sinais de enfraquecimento do mercado de trabalho, apoiam a antecipação dos cortes para impulsionar a atividade.

A tensão aumenta ainda com as críticas agressivas de Trump ao presidente do Fed, Jerome Powell —comportamento semelhante ao do brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em relação ao ex-presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto.

Repetindo equivocadas crenças populistas, além de ofensas como "perdedor" e "não é uma pessoa inteligente", o republicano tem exigido cortes robustos de juros, alegando que impulsionariam o crescimento e reduziriam os custos da dívida federal.

Na verdade, porém, não persistir no esforço de controle da inflação elevaria o peso de domá-la posteriormente, na forma de juros ainda mais altos e perda de bem-estar para a população.

Trump exige cortes robustos de juros, alegando que impulsionariam o crescimento. Mas não controlar a inflação elevaria o peso de domá-la no futuro, com juros ainda mais altos e perda de bem-estar

Felizmente, em maio de 2025, a Suprema Corte reafirmou a estrutura do Fed na burocracia federal, protegendo a instituição dos ataques de Trump.

Por ora, Powell se equilibra e mantém o rumo. Em coletiva de imprensa, enfatizou uma abordagem orientada por dados, do tipo "esperar para ver". Assim, o cenário mais provável, mesmo com as investidas do presidente americano, parece ser o de juros menores ao longo deste ano no principal centro financeiro global.

FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), João Cestari (tecnologia) e Marcelo Benez (*comercial*)
CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR BDO)
876.400 - Fechamento 2º Semestre de 2024
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

Jean Galvão



COLUNISTAS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

SÃO PAULO

Deus já foi casado

Hélio Schwartsman

Confesso que comprei "Lower Than the Angels" (mais baixo que os anjos), de Diarmaid MacCulloch, em busca de sacanagem. O subtítulo do livro, afinal, é "uma história de sexo e cristianismo". E a obra não decepciona. A sacanagem está lá, mas "Lower..." é muito mais do que um catálogo de histórias picantes.

O livro é deliciosamente erudito. O Venerável Beda é citado nada menos do que 19 vezes; João Crisóstomo, 18. E é informativo também. Nele eu aprendi que Jeová, sim, aquele que separou a luz das trevas, foi durante vários séculos casado. Sua mulher, como atestam inscrições do século 8 a.C., chamava-se Asherah e era objeto de devoção dos hebreus. A explicação para isso é que o monoteísmo que Lhe custou a esposa demorou para se fixar. Nesse entremeio Ele conviveu com outros deuses —e deusas.

McCulloch também ensina que foi por pouco que Lutero não abraçou a poligamia, que chegou a recomendar a amigos. Outra boa história é a do profeta russo Kondratii Selivanov, que, devido a um erro de tradução da Bíblia que utilizava, instruiu seus seguidores a se automutilarem. Na sua versão das Escrituras, o famoso "Multiplicai-vos" virou "Castrai-vos". Contra todas as expectativas, a seita sobreviveu por dois séculos.

Com amplo conhecimento histórico e teológico, McCulloch mostra em detalhe como diferentes ramos do cristianismo chegaram a conclusões tão diferentes sobre casamento, virgindade, relações homossexuais, masturbação etc. A ideia básica é que as Escrituras formam um conjunto muito diverso e frequentemente contraditório de afirmações. Se o "Levítico" manda matar os gays, a relação homossexual de David e Jônatas é descrita de forma poética em "Samuel". Como vemos hoje com questões jurídicas, a partir de um conjunto finito de textos, é sempre possível montar um raciocínio coerente para sustentar qualquer tese.

Se há algo que não deveria nos surpreender é encontrar desde igrejas cristãs que celebram o casamento gay até aquelas que proíbem o divórcio e não ordenam mulheres.

helio@uol.com.br

BRASÍLIA

O equivocado convicto

Dora Kramer

Autoconfiança é uma coisa, mas a capacidade de errar com absoluta convicção é diferente e geralmente senta praça na antessala do infortúnio.

É o risco que corre o presidente Lula (PT) ao insistir em dar murros na ponta das evidências como se a elas cumprisse o dever de se dobrar a vontades e realizar expectativas.

O governo gasta o dobro do que arrecada, não entrega um bom serviço e ainda se arvora o direito de aumentar impostos sob a rubrica da justiça social recentemente convocada para dar a Lula ares de Robin Hood.

Uma infantilização do eleitorado com repetição de artifícios e retórica que envelheceram duas décadas. O entorno de operadores inoperantes e temerosos de contrariar o chefe não ajuda o presidente a sair do lugar de quem acredita ter chegado até aqui por obra da inspiração divina que mais uma vez não lhe faltará.

Na terra dos homens não funciona assim. De um presidente da República esperam-se resultados, competência para liderar um projeto de país, habilidade de ultrapassar obstáculos na construção de consensos e disposição de abraçar o interesse nacional em detrimento de suas certezas pessoais.

Lula não entrega nada disso e, mesmo assim, acha que bastam seu desejo e obsessão para lhe garantir mais um mandato na Presidência, sem que ofereça à sociedade boas perspectivas para um novo período a partir de 2027.

Ele atribui as dificuldades atuais a crises, à oposição inclemente e à maioria hostil no Congresso. Crises nascidas todas no seio do governo; oposição no papel que já foi do PT; e um Parlamento que lhe deu todas as chances no primeiro ano, mas foi deixado à própria sorte enquanto o então (ainda) comandante do jogo tentava se firmar como liderança internacional.

Sim, há em cena o poder do Legislativo, mas há, sobretudo, a impopularidade de Lula, cujo capital ele deixou erodir criando o ambiente propício à sublevação dos congressistas de início aliados. Se há tempo de recuperar, cabe ao presidente demonstrar se consegue mudar.

RIO DE JANEIRO

Corrigindo a história

Ruy Castro

Hoje, se você discorda do desfecho de uma série ou não se conforma com uma virada contra o seu time, é fácil. Sentado no seu sofá com o celular, você "corrige" em segundos o desfecho da história ou o resultado do jogo. Ninguém é dono de mais nada —qualquer um pode se meter num filme ou vídeo, alterá-lo, invertê-lo, adulterá-lo, desfigurá-lo ou, quem sabe, até melhorá-lo. A verdade e a mentira estão agora às suas ordens, na palma da mão. Já foi bem mais difícil. No passado, com os recursos de então, intervir numa obra pronta requeria tempo, paciência e habilidade.

Meu amigo Paulo Perdigão, pioneiro da programação de filmes na TV Globo, nunca aceitou que, no final de seu filme favorito, "Os Brutos Também Amam" (1953), o herói Shane, interpretado por Alan Ladd, fosse embora deixando para trás o garoto Joey e sua mãe, ambos apaixonados por ele. Usando uma cópia da TV, Perdigão inverteu a cena, fazendo com que, ao ouvir Joey gritar "Shane, volte!", Shane se virasse em seu cavalo, parecesse hesitar e voltasse. Só não sei o que Perdigão fez com o marido dela.

Outro amigo, João Luiz de Albuquerque, usando cópias em VHS, reeditou o final de "Casablanca" (1942). Em sua versão, Ingrid Bergman, em vez de tomar aquele avião com o marido, deixa o fulano embarcar sozinho e volta para ficar com Humphrey Bogart em Casablanca.

Perdigão e João Luiz sabiam que seus finais seriam impossíveis na antiga Hollywood. Nela, o herói nunca tomaria a mulher de alguém, mesmo de um quase desconhecido. Mas nada impedia João Luiz de corrigir a derrota do Brasil para o Uruguai por 2x1 na final da Copa de 1950, no Maracanã. Usando lances de outras partidas, refez os minutos finais. Neles, o segundo gol do Uruguai não aconteceu —o chute fatal de Gigghia bateu na trave e, no contra-ataque, Zizinho desempatou e fomos campeões.

Não me entenda mal. Acho perfeitos os finais originais de "Shane" e "Casablanca", e um jornalista que foi ao Maracanã me garantiu que o Uruguai mereceu vencer o jogo.

A variável mental na política

STF foi violado só pela ditadura, e EUA já viveram ações contra a Suprema Corte

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

Quando da Revolta da Armada em 1893, era presidente Floriano Peixoto, o Marechal de Ferro. Navios estrangeiros ancorados no porto consultaram como seriam recebidos se decidissem proteger os interesses locais de seus países. Floriano respondeu: "À bala!". Primeira República, o arroubo de soberania talvez espelhasse mais a mente explosiva do Marechal do que o real sentimento de uma nação ainda alheia ao Estado. Bravata ou não, foi respeitado.

Cabe essa rememoração em época de fraca energia das soberanias nacionais, não por efeito colateral da globalização, mas por vulnerabilidade aos surtos de um neoimperialismo. Vulneráveis são os processos políticos que trocam espaço nacional pela efemeridade das redes, onde o que se diz não corresponde a qualquer princípio de organização social, mas a influências distantes da lógica da vida. O virtual arroga-se superior às demarcações territoriais e favorece uma subjetividade política sem identidade de classe.

Transnacional, esse contexto engendra absurdos como as ameaças ao Supremo Tribunal Federal pelo governo Trump. Enquanto o STF foi violado só pela ditadura militar, os EUA têm história de investidas contra a Suprema Corte, que "mudou de tamanho sete vezes entre 1800 e 1869, todas por razões políticas" (Levitsky e Ziblatt, "Como As Democracias Morrem"). Em 37, o presidente Roosevelt também fez guerra aberta contra a Corte e, mesmo com maioria sólida no Congresso, foi bloqueado. Atentados iguais nunca mais se repetiram.

Na geopolítica neoimperial trumpista, desrespeitar instituição sólida como o Supremo de outro país é retorno da pior tradição americana. Atitude análoga ao discurso das redes, desvinculado da factualidade histórica. Mas que se desenha com tintas fortes para o campo político, onde influenciadores com milhões de seguidores tendem a ocupar o espaço público das representações civis junto aos Poderes republicanos. Trump passou de reality show a influencer, híbrido de canto de sereia e politicagem direitista, adequado à penetração de outsiders nos portões fluidos do establishment político.

Não carece de nenhum Marechal de Ferro para repelir à bala aloprados de além-mar. É tarefa de Estado-Nação soberano

Essa fluidez estende-se à estabilidade psíquica dos atores. Nos anos 90, tecnocratas precisavam de drogas euforizantes (a "Prozac Economy") para tomar decisões. Em 97, o presidente equatoriano Bucaram, El Loco, foi deposto por notória maluquice. Ampliado pelas redes, o fenômeno construiu Bolsonaro, que agora chama seu gado golpista de "malucos". Desvairado, Tump briga com Musk, que o vincula a famoso abusador sexual. Mas, "quando duas crianças brigam, é melhor deixá-las", sentencia, autorreflexivo, Trump. Não há infantilidade, porém: a cetamina, droga de que Musk é dependente, é tão dissociativa que desconecta sentimentos, identidade e localização espacial. Um quer ser imperador da Terra, o outro, de Marte. Livre delírio confunde-se com liberdade de expressão.

Cetamina é a fonte real dos ataques de Musk ao ministro Moraes. Desconhece-se a condição mental dos funcionários americanos permeáveis aos conspiradores da quinta-coluna brasileira, antinacional. As ameaças parecem bizarrices, mas nessa atmosfera geral de desequilíbrio, tudo é possível. O STF tem muito a ponderar sobre penduricalhos salariais ou sobre o poder que lhe sobe à cabeça quando "costeia os alambrados legislativos", como diria Brizola. Não carece de nenhum Marechal de Ferro para repelir à bala aloprados de além-mar. É tarefa (político-psiquiátrica) de Estado-Nação soberano.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Ajustando as contas com crescimento e justiça social

Os resultados com a adoção do arcabouço fiscal têm surpreendido a maioria dos analistas, que não acreditavam na capacidade do governo para cumpri-lo

Guilherme Mello e Bruno Moretti

Secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda

Secretário Especial de Análise Governamental da Casa Civil da Presidência da República

A matéria publicada pela **Folha de S.Paulo**, sob o título "Gasto sob Lula 3 cresce em ritmo de quase o dobro da receita", confunde o leitor ao ignorar a trajetória de consolidação fiscal no atual governo, além de repetir imprecisões e erros já esclarecidos anteriormente.

A expansão das despesas tem origem principalmente nos gastos relacionados à PEC da transição, que deu fim ao Teto de Gastos e incorporou R$ 168 bilhões de despesas ao orçamento federal. A PEC foi necessária para reverter a paralisação ou redução expressiva de programas como o Bolsa Família, o Minha Casa Minha Vida, o Farmácia Popular e o PAC.

A PEC cumpriu papel de recolocar o Brasil na trilha do crescimento inclusivo e sustentado, com redução do desemprego, da pobreza e da desigualdade.

Logo nos seus primeiros meses, o governo Lula se comprometeu a pagar os passivos herdados do governo anterior, como é o caso dos precatórios atrasados e o calote no ICMS de combustíveis dos estados, o que nem sequer é citado na reportagem.

O Novo Arcabouço Fiscal (NAF), aprovado em 2023, delineou a estratégia de política fiscal para os anos seguintes, com foco no ajuste gradual das contas públicas, sem colocar em risco o crescimento com inclusão social. Não apenas implicou limite às despesas, como induziu a recuperação da arrecadação com base em medidas de tributação progressiva, a exemplo dos fundos exclusivos e offshore.

Passado o impacto inicial da PEC da Transição, o ano de 2024 registrou redução real de 0,7% na despesa primária em relação ao ano anterior, situando-a no patamar de 18,8% do PIB em 2024, inferior à média das despesas entre 2015-2019 (19,5%). Como resultado do esforço de recuperação das receitas e controle das despesas, entre 2023 e 2024, o governo Lula realizou um dos maiores processos de consolidação fiscal do mundo, segundo o FMI, de 2% do PIB. Tudo isso com o PIB crescendo acima de 3%.

As considerações presentes na reportagem sobre supostas despesas "parafiscais" também não resistem a uma análise minimamente embasada. O aporte de recursos públicos em fundos garantidores de crédito, como o FGO e o FGI, tem fonte no Orçamento Geral da União e acarreta despesa primária. Não é correto afirmar que são "despesas fora do orçamento" ou do arcabouço fiscal.

Por sua vez, as despesas financeiras de fundos públicos custeiam operações de crédito sem risco para a União, com previsão orçamentária, autorização do Congresso e classificação contábil em conformidade com o FMI.

O aporte de recursos públicos em fundos garantidores de crédito, como o FGO e o FGI, tem fonte no Orçamento Geral da União e acarreta despesa primária. Não é correto afirmar que são 'despesas fora do orçamento' ou do arcabouço fiscal

O comentário de um colunista da **Folha** acerca da utilização do Fundo Social choca pelo grave equívoco que comete. Metade dos recursos do fundo social já é utilizada como fonte de recursos para gastos em educação. A outra parte carecia de regulamentação e constituía saldo positivo na Conta Única do Tesouro. Salvo por uma autorização constitucional extraordinária não mais vigente, não é verdade que "antes do governo Lula assumir, grande parte dos recursos captados pelo fundo social eram direcionados ao abatimento da dívida pública", uma vez que tais recursos são vinculados a finalidades específicas.

Em atendimento a determinação do TCU, o governo Lula regulamentou a utilização dos recursos do Fundo Social para áreas como habitação social. A proposta manteve o objetivo do fundo, mas de modo compatível com as metas de resultado primário e com o uso de receitas do óleo como funding para investimentos com elevado retorno econômico e social.

Os resultados a partir da implementação do NAF têm surpreendido a maioria dos analistas, que inicialmente não acreditavam na capacidade do governo cumprir os limites do arcabouço, mas hoje incorporam o cenário de cumprimento até 2026.

O governo segue focado no controle da dinâmica de crescimento das despesas de acordo com os limites do NAF, no atingimento da meta de resultado primário, na recuperação da arrecadação com base no crescimento econômico e em propostas, pelo lado da despesa e da receita, que promovam a correção de distorções e justiça social.

A tragédia do mercado de opiniões

Eu mesmo estou aqui a emitir uma que suponho responsável, mas que poderá ser desqualificada ou valorada; o recomendado é desconfiar mesmo

Luiz Guilherme Piva

Economista (UFJF), mestre (UFMG) e doutor (USP) em ciência política e autor de "Ladrilhadores e Semeadores" (Editora 34) e "A Miséria da Economia e da Política" (Manole)

A "tragédia dos comuns" é uma teoria que, em resumo, diz que o uso adicional, sem custo, de um bem por vários usuários tende a levá-lo à extinção. Há variações, como a que, em vez de extingui-lo, torna o bem mais caro para todos. Trata-se, no fundo, de cada indivíduo buscar o maior benefício pessoal, sem custo ou a custo baixo, e, assim, produzir o pior resultado coletivo.

Exemplos não faltam. Desde o de pastores levando suas ovelhas para comer até o de pescadores acorrendo a um lago: a grama e os peixes tendem à extinção. Dinamicamente, as ovelhas e os pescadores, sem alimentos, também podem perecer.

Há aplicações da teoria em grandes questões, como a crise ambiental, e cotidianas, como a conta coletiva de água em condomínios. Pode-se usá-la ainda na análise do processo político e econômico, a exemplo das emendas ao Orçamento público.

Com certo sarcasmo, ou metalinguagem, dá para dizer que a teoria se aplica a si própria: não há custo adicional para usá-la e seu uso tem sido excessivo, o que pode levá-la, senão à extinção, ao menos ao descrédito. Antes que isso ocorra, faço aqui minha utilização —e ela mesma tem outra camada de metalinguagem: trata-se do mercado de opiniões.

Com a amplitude e a velocidade das redes, todos podem falar sobre tudo, da forma que quiserem, sem qualquer necessidade de fundamentação ou critério. Não que tal irresponsabilidade seja praticada por todos, mas é possível fazê-lo livremente, juntamente com todos os outros indivíduos, responsáveis ou irresponsáveis, conhecedores ou mentirosos, que atuam no mercado de opiniões. Não há custo.

Chega-se, no raciocínio extremo, ao cenário de extinção da opinião. Parece absurdo. O ponto é que, com a profusão de usos, cuja finalidade é a maximização da fruição pessoal (aparecer, confundir, provocar, ser reconhecido), não é mais possível separar a opinião (errada ou certa com relação a um assunto, mas presumivelmente fundamentada num critério ou ponto de vista ou pesquisa ou engano sincero) do chute descompromissado ou mal-intencionado, com perda coletiva de confiança (e de análise e debate) no que se lê ou ouve. Eu mesmo estou aqui a emitir opinião que suponho responsável, mas que poderá, nesta barafunda, ser desqualificada ou valorada, a depender de quem a leia e confie ou desconfie das minhas intenções e da minha capacitação —e o recomendado é desconfiar mesmo.

Antes, em âmbito menor, era preciso ter cautela para usar tal recurso —e isso garantia certa audição e algum debate. Hoje, na ausência desse cuidado, descredita-se de tudo. Melhor tomar tudo como chute

Pois é este o cerne. Não se trata de um bem quantitativamente escasso, mas qualitativamente (responsabilidade de quem fala e confiança de quem ouve) sim. E o desaparecimento desses atributos produz a extinção da opinião como tradicionalmente a entendemos.

Não falo do conceito de "verdade", cujos contornos são bem nítidos —como peixes, gramas, recursos naturais, água encanada etc.— acerca de alguns assuntos, como a Terra não ser plana, ou o Pelé ser o maior jogador da história, ou a vacina ser benéfica. Falo da opinião: o que se acha ou avalia, de forma responsável e sincera, sobre algum tema.

Antes, em âmbito menor, era preciso ter cautela para usar tal recurso —e isso garantia certa audição e algum debate. Hoje, na ausência desse cuidado, descredita-se de tudo. Melhor tomar tudo como chute. E chute, neste mercado é, de fato, o mais comum. O que é uma tragédia.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br

Atuar por conta ou ser CLT

O jovem de hoje é imediatista, obcecado por consumo e renda ganha de forma rápida. Essa visão é mais forte nas classes sociais mais baixas ("Datafolha: 59% preferem trabalho por conta própria", Mercado, 21/6). O empreendedorismo, sistema de trabalho da moda, pregado pela direita liberal, pode ser tiro no pé, se não coberto por proteção social e previdenciária privada. É sair do investimento seguro em poupança (CLT) e investir na Bolsa de Valores (PJ), onde há lucros e perdas.
Egidio Perroni Neto (São Paulo, SP)

*

O governo destruiu a CLT. O peão trabalha igual a um camelo de segunda a sábado para receber a porcaria do salário mínimo. Se sobreviver no Brasil, se aposentará com a mesma porcaria de salário mínimo e ainda será roubado no INSS pelos indicados dos políticos ladrões. Não vale a pena.
Eduardo Freitas (São Paulo, SP)

Foto e demissão

Foi ingênua ao se exibir ao lado do vizinho "importante" achando que não seria vista ("Assessora: fui demitida por foto com rival de Caiado", Painel, 21/6). De resto, coronéis não perdoam traições.
Gustavo Moreira (Rio de Janeiro, RJ)



Restaurante panorâmico na orla do Guaíba, em Porto Alegre (RS), rio que até as 18h deste sábado (21) estava com o nível de água em 3,14 m —a cota de inundação é 3,60 m Evandro Leal/Agência Enquadrar/Folhapress

RS revive drama com chuvas

Há uma "indústria da enchente" ("Com três mortes e 107 cidades atingidas pela chuva, Rio Grande do Sul reabre abrigos e revive drama", Cotidiano, 21/6). Afinal, foram bilhões enviados para aquela região em 2024. O que foi feito?
Dea Maria Kowalski (Curitiba, PR)

*

Votaram no mesmo governador. Agora Inês é morta.
Debie dos Santos Bastos (São Paulo, SP)

Parada LGBT+

Eu estive desde a primeira e acompanho feliz a pavimentação da revolução social, reconhecimento de direitos assegurados na Constituição pela dignidade do ser humano ("Parada LGBT+ 'envelhece' e atrai público de mais de 30 anos, mostra pesquisa", Mônica Bergamo, 20/6)! Celebremos todas as formas de amor com as nossas famílias de sangue e afinidade. Nenhum direito a menos. Gratidão aos organizadores.
Anibal Carrion (Santos, SP)

Assunto Redes sociais para jovens: proibir ou não?

Fato é que algo precisa ser feito. Mas, em terras brasileiras, falar em regulamentação das redes e da internet é motivo para falarem em censura e ditadura. A grande verdade é que os jovens estão abandonados à própria sorte nessas redes.
Geraldo dos Santos Júnior (São Paulo, SP)

*

Medida necessária e assertiva. Adolescentes não têm senso crítico e capacidade cognitiva para filtrar bons conteúdos em redes sociais. Nem sequer para medir o que propagam por meio delas.
Ítalo Francisco Alves Melo (Altamira, PA)

*

Se as redes sociais, onde a mentira prevalece nos algoritmos, já fazem mal aos adultos, imaginem o efeito nas crianças. Sou a favor de proibirem e moderarem muitos conteúdos até para adultos.
Maria Thomaz Siega (São Jorge d'Oeste, PR)

Acho uma decisão completamente acertada, pois cada vez menos as redes sociais se prestam à sociabilidade. Tornou-se lugar de propagação de discursos de ódio, misoginia, homofobia, racismo e todo tipo de absurdo.
Júlia Serra Young Picchioni (São Paulo, SP)

*

Sou contra a proibição. É uma medida inócua e superficial. O cerne da questão reside na estrutura familiar, onde a educação deveria florescer. Pais imersos na própria dependência digital falham em orientar e exemplificar.
Ronan Wielewski Botelho (Londrina, PR)

*

Proibir é severo. Penso que as rede deveriam pedir comprovação da data de nascimento com documento. Além disso, rastrear e gerar dados sobre os jovens, em relação ao que buscam nas redes.
Matheo Macedo Teixeira (Barueri, SP)

É uma maneira ineficiente de tornar a internet mais segura. É necessário um monitoramento por uma instituição imparcial, capaz de barrar desinformação e ideologias de ódio.
Taylor Pereira (Manaus, AM)

*

Proibir nunca será solução. O controle é possível pela conta do iOS ou do Android pelos pais e deve ser incentivado e popularizado.
Jefferson C. Vieira (São Paulo, SP)

*

Sou pediatra, e sei que as redes sociais podem instigar a intolerância, a violência, além de tirar o tempo para brincar, socializar, fazer esportes, estudar... As crianças que passam muito tempo em frente às telas são mais ansiosas, irritadas, desobedientes, sedentárias e já têm problemas como lombalgia, sobrepeso, obesidade e hiperlipidemia etc.
Rosana Cardoso Manique Rosa (Porto Alegre, RS)

FOLHA DE S.PAULO UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA	R$ 29,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM	R$ 49,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO IMPRESSA	**VENDA AVULSA**		**ASSINATURA MENSAL***
	seg. a sáb.	**dom.**	**Todos os dias**
SP	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 204,90
MG, PR e RJ	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 209,90
DF e SC	R$ 8,90	R$ 11	R$ 266,90
ES, GO, MT, MS e RS	R$ 9,90	R$ 12	R$ 334,90
AL, BA, PE, SE e TO	R$ 14,90	R$ 15,50	R$ 361,90
Outros estados	R$ 15,90	R$ 16,50	R$ 448,90

* Com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

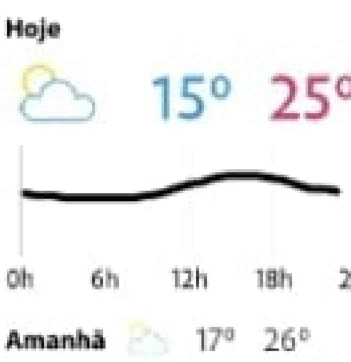
OMBUDSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

ATMOSFERA

São Paulo

Hoje



Amanhã 17° 26°

Hoje		
Rio	17°	29°
Brasília	13°	29°
Ribeirão	15°	30°
Amanhã		
Rio	18°	34°
Brasília	14°	30°
Ribeirão	17°	30°

Fonte: www.climatempo.com.br

BLOQUEIO DE RUAS

Vias fechadas para carros e exclusivas para pedestres em São Paulo neste domingo (22), devido ao programa Ruas Abertas no Centro

ONDE

- No bairro da Liberdade: rua dos Estudantes (entre a avenida da Liberdade e a rua da Glória); rua Américo de Campos (entre a rua Galvão Bueno e a rua da Glória); rua Galvão Bueno (entre a rua dos Estudantes e a rua Américo de Campos); e rua dos Aflitos.
- O programa Ruas Abertas no Centro não acontecerá na avenida Paulista neste domingo (22), em razão da realização do desfile da 29ª Parada do Orgulho LGBTQIA+.

QUANDO Das 9h às 16h.

AÇÃO DE SAÚDE

O QUÊ A Secretaria de Saúde paulistana realiza ação de saúde durante o mês do Orgulho LGBTQIA+.

SOBRE A AÇÃO A equipe da Coordenadoria de IST/Aids estará presente no desfile da 29ª Parada do Orgulho LGBTQIA+. Serão distribuídos kits de prevenção com preservativos, gel lubrificante e autoteste de HIV, disponibilizados em bolsas personalizadas.

ONDE E QUANDO Uma tenda estará em frente ao parque Prefeito Mário Covas, na avenida Paulista, neste domingo (22), a partir das 11h.

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 22.JUN.1925



Folha da Noite

Pela politica

INDISCREÇÕES DO RIO

Folha da Manhã

Atrasados diante de europeus, EUA aprimoram transporte aéreo

Os EUA vinham desenvolvendo vagarosamente a sua navegação aérea comercial. Apesar de ser um local onde a aviação fermenta com vivacidade, o país ainda está bastante atrasado com relação à Europa, não possuindo linhas áreas regulares como as da França, da Inglaterra e de outras nações. Agora são dados sinais de um novo surto de desenvolvimento norte-americano no setor, com um correio aéreo entre Nova York e São Francisco com voos noturnos.

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Teleguiado

O secretariado de Ricardo Nunes (MDB) deverá ser mantido na Prefeitura de SP, caso ele renuncie em abril do ano que vem para disputar o governo do estado. A medida funcionaria como uma espécie de "seguro" para que haja continuidade na eventual gestão do coronel Mello Araújo (PL), que herdaria o mandato até 2028. O atual vice é visto como uma figura voluntarista e imprevisível, e a perspectiva de que assuma a prefeitura durante 2 anos e 8 meses é encarada com preocupação por aliados de Nunes.

MISSÃO DADA O atual prefeito tem dito que não gostaria de deixar o mandato, mas que não poderia recusar um pedido de Tarcísio de Freitas (Republicanos) para disputar o governo, caso o atual ocupante do Palácio dos Bandeirantes se candidate à Presidência.

PAPEL PASSADO O Solidariedade e o PRD vão anunciar na quarta (25) uma federação para as próximas eleições, na tentativa de cumprir a cláusula de barreira. O grupo será presidido por Ovasco Resende e reunirá políticos como o deputado Paulinho da Força (Solidariedade-SP) e Vinícius Neskau (PRD), ex-genro do ex-deputado Roberto Jefferson. Terá dez deputados federais, um governador (Clécio Luís, do Amapá) e buscará ampliar a aliança. Estão na mira PSDB e Podemos, entre outros.

NAÇÕES UNIDAS

A cidade de SP acolheu 4.810 imigrantes de 90 países entre janeiro e maio deste ano, segundo dados prefeitura. Destes, 2.555, ou 53%, são de Angola. O segundo grupo mais numeroso é o dos venezuelanos, com 570. Chama a atenção a existência de pessoas vindas de países ricos, como Japão (6), Alemanha (5), Espanha (5) e França (5).

PLANO B O novo arranjo poderá ser uma alternativa presidencial para o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, caso seu atual partido, o União Brasil, prefira indicar o vice de um nome bolsonarista.

BULA 1 O Congresso derrubou na última terça (17) um veto de Lula que, segundo farmacêuticas, dificultava a pesquisa de novos medicamentos. O ponto vetado dizia que as empresas poderiam interromper o fornecimento gratuito de drogas experimentais às pessoas que participaram dos estudos clínicos cinco anos depois de serem lançados.

BULA 2 Na avaliação da indústria, o limite é necessário para manter as pesquisas viáveis economicamente. "Muitos pesquisadores saem do Brasil porque não têm ambiente aqui, preferem até ir para a Argentina", diz o líder do PP, Dr. Luizinho (RJ), que articulou a derrubada junto ao ministro Alexandre Padilha (Saúde).

ELAS O governo de SP ganhou dois Leões de Bronze no Festival Internacional Cannes, o mais importante evento da publicidade global, pela campanha "SP por Todas", que reúne políticas de proteção, acolhimento e autonomia financeira das mulheres no estado.

TRÊS PODERES

VENCEDOR DA SEMANA
O senador **Omar Aziz** (PSD-AM), que foi escolhido para presidir a CPMI do INSS, ganhando um holofote para disputar o governo do Amazonas em 2026.

PERDEDOR DA SEMANA
O ex-ministro **Braga Netto**, que foi apontado em novo relatório da PF como "figura central" para desacreditar as urnas eletrônicas durante a eleição de 2022.

FIQUE DE OLHO
Em semana esvaziada pelas festas juninas, partidos intensificam articulação para indicar nomes à **CPMI do INSS**; Bolsonaro faz **novo ato** na Paulista domingo.

Com Carlos Petrocilo, Juliana Arreguy, Victoria Azevedo e Raphael Di Cunto

57% apoiam direito à reeleição de presidentes, governadores e prefeitos, aponta Datafolha

Projeto em debate propõe acabar com a renovação dos cargos; já ampliação de mandato para 5 anos é aprovada por 59% da população

Júlia Barbon

SÃO PAULO Pesquisa Datafolha mostra que a maioria dos brasileiros (57%) é a favor de permitir que presidentes, governadores e prefeitos disputem a reeleição, na contramão da proposta de reforma política que tramita no Senado. Outros 41% são contrários à possibilidade de continuidade no cargo.

O levantamento indica, por outro lado, que a maior parte da população (59%) apoia a ampliação de todos os mandatos eletivos de quatro para cinco anos, como prevê o projeto. Nesse caso, 37% são contrários.

Os dois pontos são temas centrais da proposta de emenda à Constituição (PEC12/2022) que foi aprovada no mês passado pela Comissão de Constituição e Justiça do Senado. Ela pretende acabar com a reeleição no Executivo e unificar a duração dos mandatos e as datas das eleições.

O texto, sob relatoria do senador Marcelo Castro (MDB-PI), ainda precisa ser aprovado em dois turnos por pelo menos 60% dos senadores (o equivalente a 49 dos 81 votos) e, depois, dos deputados (308 dos 513 votos), o que ainda não tem data prevista para acontecer.

Eventuais mudanças seriam feitas de forma gradual e não afetariam as eleições de 2026.

A última vez que o Datafolha perguntou sobre reeleição aos brasileiros foi há dez anos, em junho de 2015, quando o cenário era inverso: 67% eram contra permitir que o presidente tentasse um novo mandato, e 30%, a favor —números semelhantes aos registrados nas esferas estadual e municipal.

Na ocasião, o país vivia uma crise política e econômica, com o segundo governo da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) acuado pela Operação Lava Jato, pelo Congresso e por protestos nas ruas, em um cenário que pavimentaria o caminho para o impeachment no ano seguinte.

Com os resultados atuais, o Brasil volta a patamares registrados em novembro de 2007, quase um ano após a reeleição de Lula (PT). Na época, 58% dos brasileiros endossavam a possibilidade de reeleição do presidente, 57%, dos governadores, e 56%, dos prefeitos.

Em julho de 2005, data da primeira medição do instituto Datafolha sobre esse tema, os índices foram ainda mais altos. O apoio à possibilidade de disputar um novo mandato alcançou 65%, 64% e 63% em cada esfera, respectivamente, num período em que o governo federal sustentava alta aprovação pela população.

Desta vez, o instituto entrevistou presencialmente 2.004 pessoas com 16 anos ou mais nos dias 10 e 11 de junho, em 136 municípios de todas as regiões do país. A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos.

A pesquisa mostra maior apoio à reeleição presidencial entre os jovens de 16 a 24 anos, os menos escolarizados e os mais pobres. O índice também é superior entre os eleitores que aprovam o atual governo Lula (74%) e os mais identificados com o PT (71%), em comparação aos que preferem o PL de Jair Bolsonaro (48%).

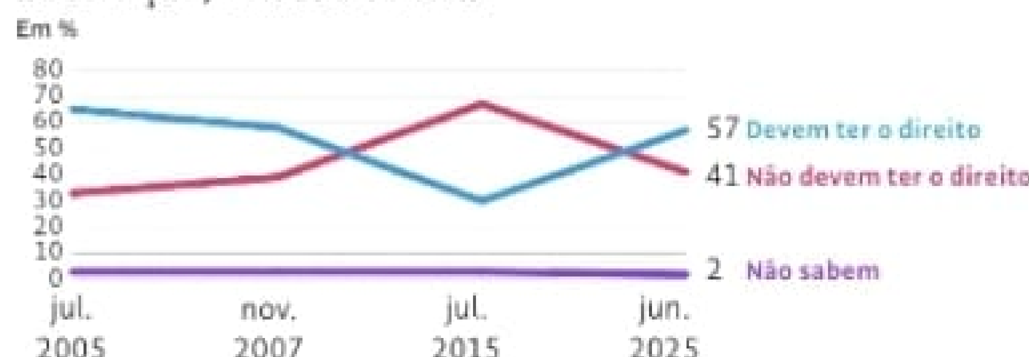
O número, porém, não varia tanto de acordo com a cor ou religião dos entrevistados.

Em relação à ampliação dos mandatos de quatro para cinco anos, o Datafolha havia feito a mesma pergunta em dezembro de 2019. De lá para cá, a porcentagem que se diz favorável à mudança cresceu de 53% para 59%, enquanto a taxa de contrários recuou de 42% para 37%.

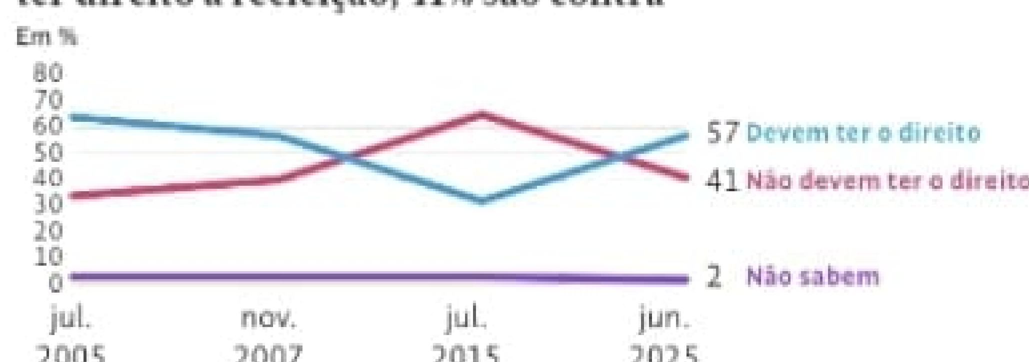
O apoio a mandatos mais longos é maior entre os homens (63%) do que entre as mulheres (55%) e também entre os mais instruídos (65%) e os que têm renda familiar mensal de cinco a dez salários mínimos (68%).

Opinião dos brasileiros sobre reeleição

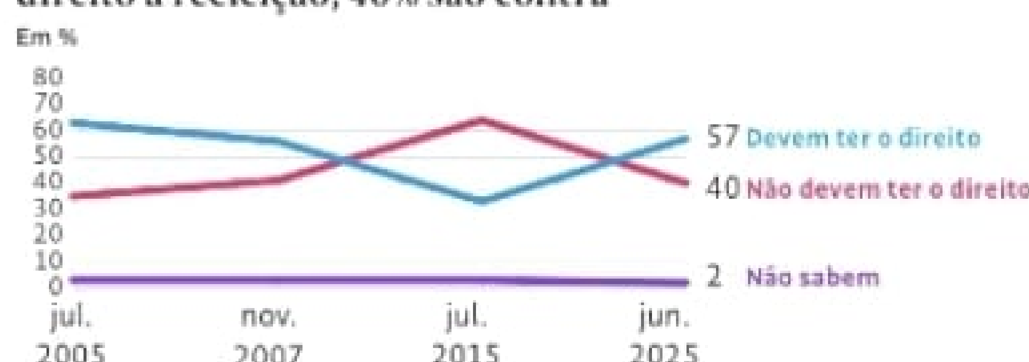
57% acham que presidentes devem ter direito à reeleição; 41% são contra



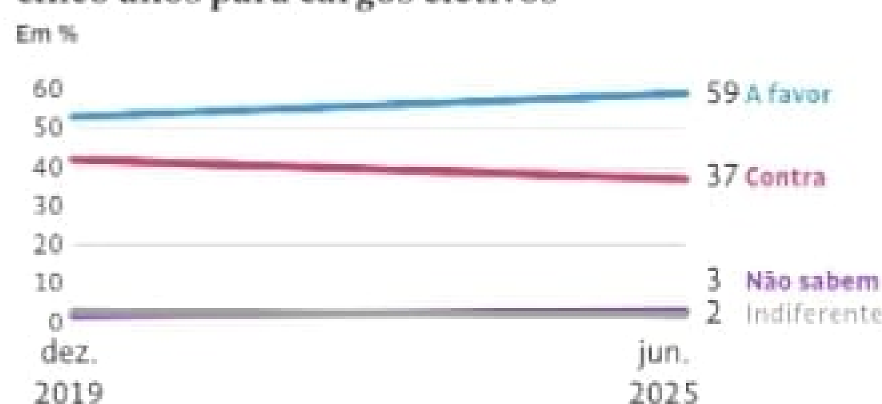
57% acham que governadores devem ter direito à reeleição; 41% são contra



57% acham que prefeitos devem ter direito à reeleição; 40% são contra



59% são a favor de mandatos de cinco anos para cargos eletivos



Fonte: Pesquisa Datafolha feita com 2.004 brasileiros nos dias 10 e 11 jun.; a margem de erro é de 2 p.p., para mais ou para menos

JHSF
SURPREENDENTE



FAZENDA SANTA HELENA

BRAGANÇA PAULISTA

A NOVA FAZENDA DA JHSF

COMING SOON

SAIBA MAIS



FOTO REAL DA FAZENDA SANTA HELENA

STF julga Bolsonaro entre ecos da Lava Jato e ação como freio a ameaças antidemocráticas

Investigações foram marcadas por concentração de poderes em Moraes e inação de órgãos de controle

JAIR BOLSONARO NO BANCO DOS RÉUS

Renata Galf

SÃO PAULO Concentração de poder em um juiz, imparcialidade posta em dúvida, uso de prisões preventivas e delação premiada sob questionamentos.

Apesar das diferenças entre um caso e o outro, esses são alguns dos paralelos que fazem com que ecoe a já finada Operação Lava Jato em parte das críticas aos inquéritos que desaguaram na ação da trama golpista e são conduzidos pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal).

Especialistas argumentam que uma parcela da atuação heterodoxa da corte precisa ser analisada a partir da posição do STF como principal anteparo às investidas antidemocráticas do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) em meio à inação de outras instituições de controle ao longo de seu governo, como a PGR (Procuradoria-Geral da República).

Ainda assim, há medidas que são vistas como erros e excessos pelo tribunal.

Com isso, ainda que de um lado a realização do julgamento de um ex-presidente junto a militares de alta patente por uma tentativa de golpe indique uma corte em certa medida fortalecida, de outro alguns dos métodos utilizados no decorrer das investigações colocam no horizonte a pergunta quanto ao risco de também eventuais condenações envolvendo a trama golpista virem a desmoronar mais adiante.

"Existe, sim, um paralelo relevante entre a Lava Jato e os processos do golpe agora. Ambos desvelaram crimes gravíssimos, juntaram provas, gravações, documentos, falas, reuniões ilícitas, gravemente ilícitas. Mas ambos os processos padecem de vícios. E de vícios graves", diz Miguel Gualano de Godoy, professor de direito constitucional da UFPR (Universidade Federal do Paraná).

Para ele, apesar de o Supremo ter ajudado a proteger a democracia, há uma série de problemas na forma como ele fez isso.

Ele vê como problemática, por exemplo, a concentração de relatorias em Alexandre de Moraes e a decisão de não considerá-lo impedido para relatar o caso da trama golpista depois de as investigações o apontarem como vítima de um plano de assassinato.

Também para Rubens Glezer, professor da FGV Direito SP, é possível estabelecer uma aproximação entre a atuação da corte nos diferentes inquéritos conduzidos por Moraes e a Lava Jato.

"É inegável que você vai ter vícios processuais no inquérito das fake news, no inquérito das milícias digitais, na condução [desses casos], na falta de transparência que o tribunal tem", diz ele.

Glezer vê como um erro que a corte não ceda minimamente a pleitos das defesas, como o de levar o julgamento ao plenário em vez da Primeira Turma, assim como entende que o STF deveria tomar medidas para mitigar as acusações de parcialidade.

No caso da questão de impedimento, no entanto, Glezer pondera que há um risco em se validar o entendimento de que ameaças à corte e aos ministros possam dar base para afastá-los dos processos. "É muito sensível esse caso porque o presidente atacou o tribunal e atacou o tribunal como um todo", diz.

Desde que se tornou relator do inquérito das fake news (por determinação de Dias Toffoli) e dos atos antidemocráticos de 2020 (por sorteio), Moraes acumulou uma série de outras relatorias sem que houvesse sorteio entre os ministros, mas por "prevenção", quando se entende que há algum tipo de relação entre os processos.

Especialistas, no entanto, têm apontado que a prática vem sendo utilizada de modo extremamente amplo pelo Supremo. Além disso, muitas dessas ramificações não foram abertas a pedido do Ministério Público.

Entre os aspectos explorados pela defesa de Bolsonaro está a atuação proativa do ministro no decorrer das investigações.

Ela alega ainda que teria havido pesca probatória, falta de acompanhamento da PGR em parte da investigação, além de centrar fogo especialmente na delação de Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro. Até aqui, no entanto, esses questionamentos vêm sendo todos negados pela corte.

Preso em maio de 2023 no âmbito das investigações sobre falsificação de cartão de vacina, Mauro Cid seguiu detido até setembro daquele ano, tendo sido solto depois de firmar um acordo de delação premiada — sucessão de fatos que à época suscitou comparações com o ex-juiz Sergio Moro.

Arquivos encontrados nos dispositivos de Cid, como um plano de golpe, estão entre as provas da denúncia.

Parte das informações que municiaram a investigação sobre as vacinas, por sua vez, tiveram origem em uma quebra de sigilo ordenada por Moraes em meio a uma outra investigação contra Bolsonaro iniciada em 2021.

Ao mesmo tempo em que questiona uma série de atos processuais de Moraes que culminaram na prisão de Cid, a defesa de Bolsonaro contesta ainda a validade de sua delação.

Godoy (UFPR) avalia que hoje não existe um cenário de anulação na corte, porque o Supremo tem refutado tais objeções, ainda que, segundo ele, com argumentos muito frágeis. "Mas nada garante que, com a mudança da composição do Supremo, esses processos não possam eventualmente ser anulados lá na frente."

Segundo Glezer, a conjuntura política importará mais que a jurídica nesse quesito. Ele aponta que se, de um certo ângulo, o tribunal está mais forte do que nunca ao julgar o ex-presidente e militares, em paralelo um outro processo pode estar acontecendo: o de corrosão de sua autoridade.

"Se em algum momento a gente nunca pensou que uma ordem do STF pudesse ser desobedecida, o fato é que existe uma certa apreensão, você tem que ficar checando. O quanto que ele consegue esticar a corda agora?"

Para ele há um paradoxo na medida em que, ao mesmo tempo em que a corte age para coibir os ataques às instituições, ela dá também ainda mais munição para as investidas contra o próprio tribunal e para que sua atuação seja deslegitimada.

Fabiana Luci, professora da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) que analisou a forma como a atuação do Supremo foi noticiada pela imprensa durante o governo Bolsonaro até o 8 de Janeiro, considera que o saldo para a imagem da corte teria sido negativo, com potencial impacto em sua legitimidade.

Segundo ela, enquanto as decisões envolvendo a pandemia teriam sido acompanhadas por uma visão mais positiva da atuação da corte, no casos ligados a atos antidemocráticos e de relação entre Poderes, a abordagem teria sido mais crítica, no sentido de que a corte estaria concentrando poderes em excesso.



Jair Bolsonaro ao ser interrogado pelo ministro Alexandre de Moraes Pedro Ladeira - 11.jun.25/Folhapress

Série destrincha julgamento de ex-mandatário

Série de reportagens mostra o que o julgamento do ex-presidente e de militares no STF representa na história do país. A série discute o que está em jogo no processo e explora quais os desafios e simbolismos que o rodeiam

Casos no STF que têm Moraes como relator

Inquérito das milícias digitais
Investigação na qual foram incluídas as apurações sobre o cartão de vacina de Bolsonaro, as joias sauditas e a trama golpista. Foi instaurada em 2021 por Moraes em um drible à PGR, que havia pedido o arquivamento do inquérito referente aos atos antidemocráticos de abril de 2020. O ministro usou o caso arquivado, do qual tinha se tornado relator por sorteio, para justificar a relatoria do novo

Vazamento de dados sigilosos da PF
Com base no inquérito das fake news, Moraes se tornou relator do inquérito aberto de ofício, em 2021, após pedido do TSE, para investigar Bolsonaro por suposto vazamento de dados sigilosos de investigação da PF sobre um ataque hacker contra o TSE em 2018. Em dados obtidos em quebras de sigilo de Mauro Cid nesse processo, foram encontrados elementos que se desdobraram em outras investigações como a do cartão de vacina

Cartões de vacina
A investigação envolvendo a suspeita sobre os cartões de vacinação teve a relatoria distribuída a Moraes usando como fundamento o inquérito das milícias digitais

Trama golpista
A relatoria da petição da trama golpista, em que Bolsonaro foi denunciado, teve a distribuição a Moraes justificada pela investigação sobre os cartões de vacina — em que Mauro Cid foi preso

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman da Folha tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000

Tarcísio é um nome apoiado pela imprensa?

Informação sem contraponto em reportagem da Folha gera ruído que prejudica o próprio jornal

Alexandra Moraes

"Tarcísio avança pelas bordas para 2026 e se equilibra para não melindrar Bolsonaro." Publicado na última segunda (16), o texto era mais um dos que tentam indicar as costuras sendo feitas para as eleições do ano que vem.

No meio do relato, a **Folha** afirmava que, para aliados, Tarcísio de Freitas (Republicanos) "é um nome apoiado pelo mercado financeiro, pelo centrão e pela imprensa — e simbolizaria a candidatura do 'establishment'".

Peraí: "Pela imprensa"?! Esses aliados incluem a **Folha** no grupo? Talvez sim, talvez não, mas a afirmação era reproduzida pelo jornal sem nenhuma ponderação e assim permaneceu. Se a **Folha** também é "imprensa", é no mínimo estranho que se veja nomeada num contexto opaco como esse e não busque esclarecê-lo.



Carvall

O ruído se soma a outros problemas menores que, juntos, podem dar ou reforçar a impressão de que há condescendência do jornal com o governador, tanto à frente do Executivo estadual quanto em sua jornada nacional como candidato a avatar do inelegível Jair Bolsonaro (PL).

Em outro caso, uma sequência de notas tratava de formas bem diferentes projetos de natureza semelhante, em nível federal e estadual, de Lula e Tarcísio. A isenção do pagamento de conta de luz, sob Lula, era identificada como medida visando sua reeleição. Já a ampliação do desconto na conta de água e esgoto em SP não nomeava políticos (havia apenas um genérico "governo de SP") e era tratada como "inclusão" desde o título, com destaque para seu aspecto social.

Problemas menores, quando somados, podem dar ou reforçar a impressão de que há condescendência do jornal com o governador, tanto à frente do Executivo estadual quanto em sua jornada nacional como candidato a avatar do inelegível Jair Bolsonaro (PL)

Também houve o erro, já devidamente reconhecido e retificado, ao chamar de "pequena diferença" uma distância de 11 pontos nos índices de aprovação de Tarcísio e Geraldo Alckmin em período semelhante.

Uma leitora viu nesse erro, em abril, um sinal de apoio a Tarcísio, o que afrontaria o apartidarismo apregoado pelo jornal em seus princípios editoriais.

A questão é que, apesar dos deslizes, o jornal também tem uma coleção razoável de material crítico ao governador. Se inicialmente promoveu sem muito contraditório a iniciativa de uma espécie de "Bolsa Família" de Tarcísio, mostrou que o projeto estadual "tem verba inferior à que governo deixou de gastar na área social".

O jornal também evidenciou "distorções e omissões sobre golpismo" na defesa que Tarcísio fez de Bolsonaro. E, finalmente, usou o verbo certo em "Tarcísio bajula Bolsonaro", quando noticiou que o governador estava repetindo bordões do ex-presidente.

O problema, como quase sempre, está nos detalhes — e em evitar as armadilhas. Se a percepção dos próprios aliados é que se trata de um nome "apoiado pela imprensa", pode ainda haver muito mais a ser mostrado.

*

GALÃ PODE ENVELHECER?

Um mês antes da morte de Francisco Cuoco, a **Folha** publicou um perfil do ator cuja introdução era dedicada a destacar sua decadência física. O texto listava que ele tinha "o olhar perdido", "muito peso" e "pernas, inchadas, com pés roxos". Ao falar, ele "ajeitou a sonda no nariz e soltou um muxoxo."

Leitores protestaram contra o que viram como falta de respeito. "Matéria beirando a vulgaridade", "texto agressivo e cruel", "insensibilidade"... Um leitor defendeu o registro: "A verdade deve ser dita, dura como ela é. O resto é demagogia".

A questão, nesse caso, é saber qual seria "a verdade" da vida aos 91 anos. Há normalidade nos problemas de saúde ou o usual seria conservar o porte de galã? Clint Eastwood é a regra ou a exceção?

"Os primeiros parágrafos se detêm em detalhamento gráfico de problemas de saúde e da aparência atual do ator, agressão e humilhação sem sentido e sem justificativa", escreveu um leitor.

Depois do anúncio da morte, na última quinta (19), a **Folha** colocou entre seus destaques um novo texto, baseado no anterior, mais curto e sem a descrição pormenorizada do aspecto físico.

Ao longo do dia, a Globo mostrou repetidas vezes suas homenagens. A emissora fizera uma espécie de desagravo poucas semanas depois da publicação da **Folha**, com uma última entrevista do ator. A GloboNews dedicou também longos segmentos a Francisco Cuoco. "Gostei de ver como ele envelheceu bem", declarou Jorge Pontual na noite da quinta.

Nos últimos anos, a **Folha** recebeu críticas por sensacionalismo nos obituários de mulheres (Aracy Balabanian, Marília Mendonça, Glória Maria e Rita Lee foram casos tratados pelo ombudsman anterior). Parece ter buscado equalizar o tratamento dos gêneros, só que pelo avesso.

STF já tem base para analisar perdão a Bolsonaro

Episódio de deputado cassado pode servir de parâmetro para derrubar eventual indulto ao ex-presidente

Gustavo Zeitel

SÃO PAULO O caso Daniel Silveira servirá de parâmetro para a discussão sobre um eventual indulto a Jair Bolsonaro em 2026. Ele é réu no processo da trama golpista e deve ser julgado neste ano pelo STF (Supremo Tribunal Federal).

Se o ex-presidente for condenado e o próximo presidente lhe conceder a graça, o Supremo poderá usar o episódio do deputado cassado para derrubar o decreto, em um cenário de crise entre os Poderes Executivo e Judiciário, afirmam especialistas.

"O STF estaria resguardado se negasse um indulto ao ex-presidente, porque criou um precedente com Daniel Silveira", diz Juliana Cesario, professora de direito constitucional da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

"O ex-presidente pode ser condenado por crimes mais graves do que os de Silveira, o que seria outra justificativa para a intervenção do Supremo", afirma ela.



O STF estaria resguardado se negasse um indulto ao ex-presidente, porque criou um precedente com Daniel Silveira

Juliana Cesario
professora de direito constitucional da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais)

Em 2022, o STF condenou Silveira a 8 anos e 9 meses de prisão por ameaça ao Estado Democrático de Direito e coação durante o processo. Ele divulgou um vídeo atacando os ministros do STF, defendendo o fechamento da corte e pedindo um novo AI-5, instrumento da ditadura militar.

Depois do julgamento, Bolsonaro concedeu indulto ao aliado, derrubado pelo STF, sob o argumento de desvio de finalidade. Para os ministros, não é possível conceder perdão quando há ameaça de agressão física e incitação à invasão às sedes dos três Poderes.

A pressão por um indulto ao ex-presidente tem aumentado nas últimas semanas. Em entrevista à **Folha**, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) afirmou que sua família apoiará o candidato que se comprometer com o perdão.

Professora de direito constitucional da PUC-SP, Gabriela Zancaner prevê uma crise aguda entre Executivo e Judiciário. Afinal, o ex-presidente tem uma popularidade muito maior do que Silveira. "A nossa Constituição diz que um poder regula o outro. É natural que o STF exerça esse controle, desde que previsto em lei", diz.

Para o cientista político Aldo Fornazieri, da FESPSP (Fundação Escola de Sociologia e Política de SP), o tema será pauta dominante nas eleições. Todos os pré-candidatos de direita já se comprometeram em conceder o indulto. "Ninguém é maluco de desperdiçar o apoio de Bolsonaro", afirma.

Ele não descarta, porém, uma negociação entre STF e Executivo para evitar uma crise. De todo modo, a insistência no indulto significa uma alternativa ao projeto da anistia, parado no Congresso. "O indulto é mais factível, porque é prerrogativa do presidente, não é lei", diz Fornazieri.



EstúdioFOLHA

Cidade de SP registra menor índice de desemprego desde 2012



Aponte a câmera de seu celular ou tablet e saiba mais

Carlos Fico Militares causaram todos os golpes, mas sociedade os desconhece

Referência em estudos da ditadura, historiador detalha em novo livro papel das Forças Armadas em episódios de rupturas desde nascimento da República

ENTREVISTA

Fabio Victor

SÃO PAULO "Sempre se fala com mais clareza e calor, com mais razão e proveito, quando se dispõe de baionetas para assegurar o direito que se reclama."

De autoria do general Pedro Aurélio de Góis Monteiro, um dos militares mais poderosos do país na primeira metade do século 20 —foi líder do Exército na chamada Revolução de 30 e na Era Vargas, e depôs Getúlio em 1945—, a sentença é citada duas vezes em "Utopia Autoritária Brasileira", do historiador Carlos Fico, recém-lançado pelo selo Crítica, da editora Planeta.

Combina à perfeição com o espírito do livro, cujo subtítulo é tão explícito quanto o sincericídio de Góis Monteiro: "Como os militares ameaçam a democracia brasileira desde o nascimento da República até hoje".

Professor titular de história da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), o autor detalha de forma didática todos os 13 golpes ou tentativas de golpe no país desde aquele que instaurou a República em 1889.

A tentativa pela qual Jair Bolsonaro é acusado, a 14ª, é citada de forma breve na conclusão da obra, que tem revisão de outro acadêmico referencial na área, o cientista político João Roberto Martins Filho, da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos).

A ameaça bolsonarista ainda é muito recente, justifica o autor, que ainda assim arrisca, em entrevista, uma distinção para ela: se no passado a motivação dos militares era mais ideológica/doutrinária, agora o motor principal foi a preservação de vantagens materiais.

Como explica Fico na apresentação, o propósito do livro "é simples: mostrar que todas as crises políticas brasileiras caracterizadas por ruptura da legalidade constitucional (...) foram causadas por militares".

Apesar do relevante e indevido papel dos fardados como agentes políticos, a sociedade praticamente os desconhece, aponta.

*

Em "Utopia Autoritária" o sr. menciona de raspão o governo Bolsonaro. Seria porque, do ponto de vista historiográfico, é muito recente para analisar o que houve nos últimos anos? É muito recente. A experiência em história mostra que documentos e revelações mais decisivos só vêm com o tempo. Estamos no meio do julgamento do processo golpista do Bolsonaro. E temos basicamente testemunhos, uma ou outra documentação. Eles produziram provas exuberantes contra si próprios, e várias vieram à tona, mas normalmente as revelações mais decisivas demoram. Os militares são muito ciosos em fazer atas, frequentemente documentam coisas que são até surpreendentes depois. Então não vai ser surpresa se nos próximos anos esse tipo de revelação vier à tona —e aí talvez eu faça um posfácio.

Allison Sales - 14.jun.25/Folhapress

Carlos Fico, 66

Nascido no Rio, é professor titular de história do Brasil da UFRJ, pesquisador do CNPq e um dos principais estudiosos do país sobre a ditadura militar (1964-1985). É autor de "O Grande Irmão: da Operação Brother Sam aos Anos de Chumbo", entre outros livros

Arriscaria dizer quanto tempo é necessário para termos um quadro mais claro do que houve nos últimos anos? Acho que em cinco anos a gente já vai ter. Mas provavelmente antes disso a gente já tenha pelo menos uma sinalização mais concreta do que houve, digo, que não seja apenas por meio de testemunhos, mas de documentação escrita mesmo.

Até militares tidos historicamente como democratas, como o marechal Henrique Lott, saem mal no livro. Não há na história brasileira líderes militares legalistas? Acho que o Rui Barbosa e o general Lott não saem muito bem do livro e que muita gente vai reclamar disso, porque o Lott, por exemplo, é muito estimado em setores da esquerda, que o consideram legalista. O que acontece na maioria dos casos é que alguns poucos generais tomam a frente de iniciativas golpistas. Outros ficam ali em dúvida, observando. Alguns também se posicionam contra, e a maioria fica muda, esperando para ver o que vai acontecer, até porque uma iniciativa golpista é uma coisa muito arriscada.

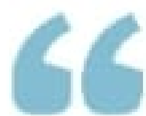
Isso não significa que não tenha havido e não haja militares profissionais contrários ao golpismo e que defendem a legalidade. Isso sempre houve. O caso do golpe de 64 é bem esclarecedor. Um primeiro ato do chamado Comando Supremo da Revolução cassou mandatos, outro suspendeu direitos políticos de quem não era parlamentar e teve um ato que puniu militares. E essa primeira leva de militares punidos é mais numerosa do que os parlamentares cassados ou civis que tiveram direitos políticos suspensos. Eles foram passados à reserva compulsoriamente. Não dá para dizer que eram militares de esquerda, mas que eram nacionalistas ou que eram legalistas e que se contrapuseram ao golpe de 64. Então sempre há também militares com esse perfil legalista.

O sr. diz que o artigo 142 da Constituição (segundo o qual as Forças Armadas "destinam-se à defesa da pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem") é um dos facilitadores desse intervencionismo militar e defende que ele seja alterado. Mas o governo Lula não tem base no Congresso para aprovar uma PEC nesse sentido –que até foi proposta por um deputado do PT. Se tivesse uma base parlamentar mais sólida, acha que o governo Lula alteraria esse artigo? Espero que sim. É muito difícil saber o que aconteceria, mas acho que sim. O Congresso é muito conservador, tem sido cada vez mais. E conservadores em geral tendem a não estar de acordo com esse tipo de restrição aos militares. Então sou até muito pessimista em relação à possibilidade de mudança de redação do artigo 142, não vejo possibilidade de o atual governo fazer essa alteração, mas acho que seria essencial.

UTOPIA AUTORITÁRIA BRASILEIRA
CARLOS FICO



Editora, Crítica/Planeta, R$ 104,90, 448 págs (R$ 74,90 o e-book)



É uma contradição o fato de os militares serem agentes políticos tão importantes —indevidamente, não deveriam ser, mas foram e são— e, por outro lado, a sociedade conhecê-los muito pouco. Existe até a caricatura de que os militares não servem para nada, só para pintar meio-fio

No caso do Lula, mesmo que tivesse base no Congresso, tenho dúvida se ele faria, o histórico dele com os militares permite pensar que não. Por parte dos civis/políticos de modo geral, sempre houve uma resignação, diria até um medo, de confrontar o intervencionismo militar. Por quê? Inclusive em todos os episódios de golpe ou tentativa de golpe, quando esse assunto chega ao Congresso, se vê exatamente isso que você falou, essa reverência dos parlamentares. Do século passado até episódios mais recentes. Os parlamentares sempre, mesmo os que condenam, acabam fazendo uma deferência, dizendo que, no entanto, foi uma crise muito grave, até se compreende que tenha havido intervenção militar. Então essa reverência sempre houve. Desde o fim da ditadura, nenhum presidente enfrentou esse problema devidamente, mesmo quando houve condição política para isso.

Talvez porque a baioneta e o canhão inspiram medo... Tem até a frase do Góis Monteiro que o sr. cita duas vezes no livro, de que quando se tem a baioneta, fica mais fácil argumentar... Exatamente. Isso é uma coisa muito forte. Seria preciso que o presidente da República, seja quem fosse, enquadrasse os militares como funcionários públicos fardados, para os quais a sociedade confere o direito de uso das armas —e, portanto, usar essas armas contra a sociedade é um crime muito grave. Então uma postura mais afirmativa seria de todo desejado, mas, infelizmente, nunca aconteceu desde o fim da ditadura.

Há outro aspecto: é uma contradição o fato de os militares serem agentes políticos tão importantes —indevidamente, não deveriam ser, mas foram e são— e, por outro lado, a sociedade conhecê-los muito pouco. Existe até a caricatura de que os militares não servem para nada, só para pintar meio-fio. O Congresso Nacional, por exemplo, não tem parlamentares especializados nos militares.

Como o teu livro mostra, militares golpistas jamais foram punidos no Brasil. Acredita que desta vez eles serão punidos? E, se forem, o que isso pode mudar nas relações civis-militares? Acho que isso já deve estar servindo de alerta para as forças militares. Nem tanto assim a relação da sociedade com os militares. Mas, na medida em que é algo inédito, muito provavelmente essas forças estarão entendendo que alguma coisa mudou. Porque, afinal, aqueles generais estavam no banco dos réus respondendo a um interrogatório no Supremo Tribunal Federal, coisa que nunca aconteceu. Então algo mudou.

Eufrázio

Advocacia de parentes de ministros em ações provoca incômodo no STJ

Reclamação é feita por magistrados e advogados que atuam no tribunal; situação se agrava após lei de 2022, sancionada por Bolsonaro, que altera Código de Processo Civil

José Marques

BRASÍLIA A atuação de parentes de ministros como advogados em ações no STJ (Superior Tribunal de Justiça) provoca incômodo entre os integrantes da própria corte e também entre membros de algumas das principais bancas de advocacia do país.

A queixa foi feita de forma reservada à **Folha**, nos últimos meses, por quatro ministros do STJ e por diversos advogados, que reclamam sobretudo de que a atuação não é só feita formalmente nos autos dos processos, mas também fora deles.

Dentro do tribunal, a maior insatisfação é com a atuação fora dos autos. Nestes casos, os nomes dos advogados não aparecem diretamente vinculados às causas, o que limita eventuais declarações de impedimento ou suspeição por parte dos ministros.

Procurados pela **Folha**, o STJ e o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) não responderam.

De acordo com a lei, um magistrado é impedido de julgar processos nos quais ele próprio, seu cônjuge ou um parente tenham atuado. Já a suspeição é mais subjetiva, cabendo, por exemplo, se o juiz for amigo íntimo, inimigo capital ou devedor de uma das partes.

Um ministro do STJ afirmou que a situação se agravou depois de uma lei sancionada em 2022 pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Ela altera o Código de Processo Civil e prevê que atividades de consultoria e assessoria jurídica por advogados "podem ser exercidas de modo verbal ou por escrito, a critério do advogado e do cliente, e independem de outorga de mandato ou de formalização por contrato de honorários".



Sessão do plenário do STJ (Superior Tribunal de Justiça) Gustavo Lima - 15.out.2024/STJ

Com isso, advogados fazem contratos particulares com as partes e não entram com procuração nos autos. Muitas vezes, nem as partes contrárias nem os próprios ministros sabem que essas pessoas estão participando da ação.

Em 2016, um levantamento da **Folha** mostrou que parentes de 10 dos 33 ministros tinham parentes advogando na corte. Já reportagem do UOL no fim do ano passado apontou que metade dos ministros do STJ tem filhos ou parentes advogando formalmente em quase mil processos no tribunal.

Além dos ministros atuais, há processos dos quais participam parentes de ministros aposentados e de integrantes do STF (Supremo Tribunal Federal).

Esses advogados são chamados internamente de "príncipes", de forma jocosa.

Advogados reclamam que eles têm privilégios porque participam de encontros privados dos ministros, reuniões com integrantes de outros Poderes, além de ter acesso a outros espaços reservados.

Também há uma queixa, em grandes escritórios, sobre uma pressão para que eles atuem em conjunto com parentes de ministros em causas no STJ.

Integrantes das grandes bancas dizem que, muitas vezes, as partes acreditam que só conseguirão acesso aos ministros se fizerem uma dessas contratações. A percepção ajuda a aumentar o número de causas tocadas por esses parentes de magistrados.

Algumas ações envolvem a atuação, em lados diferentes, de parentes de ministros do STJ e do STF. Isso ocorre nos principais processos bilionários na corte superior.

Um dos exemplos é o conflito entre gestores financeiros e Walter Faria, dono do Grupo Petrópolis, das cervejas Itaipava e Petra, que mobilizou nos últimos anos pelo menos dez parentes de membros da cúpula do Judiciário brasileiro que atuam como advogados.

Em tribunais estaduais e federais, é comum que desembargadores tenham filhos com escritórios de advocacia. Em alguns casos, as bancas se tornaram alvo de apurações por vendas de decisões.

É o caso da operação que mirou, em 2023, o juiz federal Cândido Ribeiro, do TRF-1 (Tribunal Regional Federal da 1ª Região, em Brasília), e seu filho por suspeita de venda sentenças para uma organização criminosa que, segundo a PF, atua no tráfico internacional de drogas, lavagem de dinheiro e crimes financeiros. Ribeiro se aposentou após a operação e não comentou as suspeitas à época.

Os filhos dos magistrados são, ainda, alguns dos principais alvos das operações que miram os Tribunais de Justiça de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins. Esses casos estão sob a supervisão do ministro do STF Cristiano Zanin pois têm relação com investigações sobre vendas de decisões e vazamento de informações sigilosas em gabinetes do STJ.

Até o momento, apenas funcionários e ex-funcionários do STJ são investigados, além de lobistas e advogados que não têm parentesco com os ministros.



Lei limita atuação de juízes ligados aos processos

Um magistrado é declarado impedido de julgar processos nos quais ele próprio, seu cônjuge ou um parente tenham atuado. O magistrado também deve se declarar suspeito se, por exemplo, for amigo íntimo, inimigo capital, credor ou devedor de uma das partes

Condenado do 8/1 é preso de novo, e decisão de soltura é investigada

RIO DE JANEIRO E BRASÍLIA A Polícia Federal prendeu novamente na última sexta (20), em Catalão (GO), o mecânico Antônio Cláudio Alves Ferreira, condenado por participar dos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023, quando quebrou um relógio histórico.

A prisão foi determinada pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), depois de Ferreira ter sido solto na quarta-feira (18) por decisão do juiz Lourenço Fonseca Ribeiro, da Vara de Execuções Penais de Uberlândia (MG).

No dia seguinte à soltura, além de ordenar que o mecânico fosse preso novamente, Moraes também determinou a abertura de uma investigação sobre a decisão do juiz mineiro. Ele havia concedido a Ferreira progressão de pena para o regime semiaberto, sem uso de tornozeleira eletrônica.

Moraes afirmou que o magistrado não tinha competência para tomar essa decisão e que o condenado não cumpriu o tempo suficiente na prisão para poder migrar de regime.

Na sexta-feira, então, a Corregedoria-Geral do Tribunal de Justiça de Minas Gerais abriu um procedimento para investigar a decisão do juiz.

"O TJMG reafirma o seu compromisso com a legalidade, os princípios do Estado democrático de Direito e o irrestrito respeito às ordens judiciais emanadas dos tribunais superiores", diz a nota do tribunal.

Ferreira foi condenado pelo STF a 17 anos de prisão e foi libertado após dois anos e quatro meses de detenção. Ele cumpriu 16% da pena em regime fechado, mas, segundo o Moraes, só poderia passar ao semiaberto após 25% do tempo total da condenação, dada a gravidade dos crimes.

Segundo a Polícia Federal, a prisão foi realizada por policiais federais em cooperação com policiais militares de Goiás e com apoio da Força Integrada de Combate ao Crime Organizado de Minas Gerais. A reportagem não localizou a defesa do mecânico.



Antônio Cláudio Alves Ferreira derruba relógio no Palácio do Planalto durante atos golpistas Reprodução - 8.jan.2023/TV Globo

Na decisão judicial que estabeleceu a soltura, o juiz Fonseca Ribeiro argumentou que Ferreira cumpriu a fração necessária para receber o benefício, não cometeu faltas graves e tem "boa conduta".

O réu foi solto sem tornozeleira eletrônica, segundo o juiz, pela falta de equipamentos disponíveis em Minas Gerais. A Secretaria de Justiça e Segurança Pública do governo Romeu Zema (Novo), porém, afirmou que a informação não procede e que há mais de 4.000 vagas ativas no sistema de monitoramento.

A pasta disse que, em casos em que a pessoa possui residência em comarca diferente do presídio, como o de Ferreira, há possibilidade de soltura sem monitoramento, só com prisão domiciliar.

Ferreira foi filmado por câmeras jogando o relógio no chão. O objeto destruído era o único exemplar da peça no mundo, dado de presente pela corte francesa a dom João 6º no início do século 19, e já foi restaurado e devolvido ao Palácio do Planalto.

Por que Flávio Bolsonaro está solto?

Em entrevista à Folha, ele contou que o próximo golpe já está marcado para 2027

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

Flávio Bolsonaro disse à **Folha** que em 2026 Jair Bolsonaro só apoiará um candidato a presidente se ele prometer dar um golpe de Estado quando o STF disser que anistiar golpista é inconstitucional.

Ou seja, se Jair Bolsonaro apoiar um candidato a presidente em 2026, você já sabe: o sujeito prometeu ao Jair um golpe de Estado.

Flávio Bolsonaro não é Carluxo nem Eduardo. Não tem reputação de maluco. Disse o que disse por cálculo e disse por ordem do pai.

A entrevista à **Folha** foi o primeiro serviço prestado por Flávio Bolsonaro à democracia brasileira em uma vida cujos destaques até agora haviam sido um desmaio em debate, o Queiroz e uma mansão comprada com dinheiro vivo.

O que Flávio deixou claro é que, se o sujeito for apoiado por Bolsonaro, não interessa se tem verniz de moderninho ou aquela reputação de competência técnica que o sujeito adquire automaticamente assim que o mercado resolve votar nele.

Não interessa se discursa sobre "centro" ou "fim da polarização" e se os líderes religiosos milionários de sempre vão jurar que ele é um bom menino.

Ninguém é moderno, ninguém é moderado, ninguém é centrista ou bom menino se seu primeiro compromisso de campanha é soltar os caras que planejaram matar Lula, Alckmin e Alexandre de Moraes, que destruíram a praça dos Três Poderes, que tentaram roubar o voto dos eleitores pobres de Lula, que planejavam matar, censurar e prender seus adversários políticos.

Tarcísio ou algum dos outros três presidenciáveis de direita poderia ter vindo a público dizer que, olha, Jair, eu sou de direita, muito de direita, mas não vou dar golpe de Estado nenhum porque tenho vergonha na cara

Se a família Bolsonaro fosse de esquerda, a entrevista de Flávio teria sido o centro da agenda política nacional na semana passada. Tarcísio, Caiado, Zema e Ratinho Júnior não conseguiriam abrir a boca sem que alguém lhe perguntasse se, afinal, eles vão prometer o golpe que Jair quer.

O Congresso Nacional, ao invés de aumentar a conta de luz, teria organizado uma CPI para investigar o novo plano golpista. E Flávio Bolsonaro teria sido preso em flagrante.

Não teve nada disso.

Mesmo assim, Tarcísio de Freitas ou algum dos outros três presidenciáveis de direita poderia ter vindo a público dizer que, olha, Jair, eu sou de direita, sou muito de direita, mas não vou dar golpe de Estado nenhum porque tenho vergonha na cara. Eu fingi que não vi o golpe que você tentou, Jair, eu fingi que não vi as pessoas que você matou na pandemia, Jair, mas essa linha eu não vou cruzar. Eu posso fingir que não vi seus crimes, mas não vou eu mesmo cometê-los. Nada. Tarcísio só disse "ihuuu".

Imaginem o que teria acontecido se, em 2018, Gleisi Hoffmann tivesse dado uma entrevista à **Folha** dizendo que o então candidato petista, Fernando Haddad, teria prometido a Lula dar um golpe militar se não conseguisse anistiá-lo. Haddad teria sido capaz de dar uma única entrevista, de participar de um único evento público, sem ser obrigado a falar no assunto?

Quantos dias passariam até que uma CPI fosse instalada? Quantas horas passariam até aparecer um mandado de prisão para Gleisi para que as próprias Forças Armadas viessem a público rechaçar a ideia?

Flávio nos contou que na agenda da família Bolsonaro o próximo golpe já está marcado para 2027. Se você vai ganhar a vida ano que vem argumentando que um aliado deles é moderado, essa é uma boa hora para pedir aumento.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. **Camila Rocha** / Lara Mesquita TER. Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari QUI. Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves SÁB. Demétrio Magnoli



O presidente Lula e o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, durante evento no Palácio do Planalto no fim do ano passado; ambos estão sob pressão após elevação do IOF em maio Pedro Ladeira - 27.nov.2024/Folhapress

Lula e petistas querem usar debate sobre impostos para enfrentar oposição nas redes

Após falas de Haddad em comissão, tema ofereceu engajamento digital raro para a esquerda, segundo monitoramento feito pelo PT

Caio Spechoto e Catia Seabra

BRASÍLIA Integrantes do governo Lula (PT) e do partido do presidente querem usar o debate sobre a cobrança de impostos no embate com a oposição.

Um monitoramento feito pelos petistas sugeriu que o tema pode oferecer um engajamento poucas vezes obtido pela esquerda nas redes, apesar da pressão do Congresso e de empresários.

Dirigentes do PT reforçaram, nos últimos dias, a avaliação de que é possível disputar uma parte importante do eleitorado com o argumento de que o governo busca justiça social ao propor que os mais ricos e empresas poderosas paguem mais impostos para bancar políticas públicas e benefícios como a isenção de Imposto de Renda para os mais pobres.

Os petistas dizem estar cientes de que a tática pode agravar o desgaste do governo junto à cúpula da política e do PIB. Lula, em determinado momento, teria mostrado preocupação com esse revés, mas depois passou a elogiar o discurso de cobrança dos mais ricos em prol dos mais pobres.

O uso dessa estratégia já pôde ser observada nos últimos dias. Integrantes importantes do partido e do governo, como o próprio Lula, deram declarações públicas nesse formato.

"O IOF do Haddad não tem nada de mais", disse Lula em entrevista ao podcast Mano a Mano, divulgada na quinta-feira (19). Ele defendeu o que chamou de "justiça tributária": quem ganha mais deveria pagar mais imposto do que quem ganha menos.

"Estamos pegando os setores que ganham muito dinheiro e que pagam muito pouco. As bets pagam 12%, nós queremos que paguem 18%. Eles ganham bilhões, bilhões, bilhões e bilhões. Não querem pagar. As fintechs hoje são quase que uns bancos. Não querem pagar. Então, essas brigas nós temos que fazer. Não dá para ceder toda hora", declarou.

A ministra Gleisi Hoffmann (Relações Institucionais) afirmou também na quinta-feira que as medidas econômicas propostas pelo governo são necessárias para garantir o equilíbrio fiscal e para combater a desigualdade social.

"Elas são indispensáveis para começarmos a corrigir as enormes injustiças de um sistema que isenta os ganhos em aplicações financeiras e cobra até 27,5% de imposto de uma professora primária. Vamos fazer esse debate franco, o Brasil só tem a ganhar com a verdade", declarou Gleisi.

Lula e o ministro Fernando Haddad (Fazenda) estão sob pressão por terem elevado o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) no fim de maio. Houve um recuo parcial do aumento. Ainda assim, a Câmara aprovou um requerimento para acelerar a tramitação de proposta que anula as alterações no IOF, em uma derrota para o governo.

Os petistas dizem ter identificado, no entanto, um movimento nas redes a partir da semana passada. No dia 11, Haddad participou de audiência da Comissão de Finanças e Tributação da Câmara e foi duramente questionado por bolsonaristas sobre o tema.

Houve forte embate com os deputados Carlos Jordy (PL-RJ) e Nikolas Ferreira (PL-MG). O ministro da Fazenda respondeu com firmeza e disse que a oposição fazia "molecagem".

Segundo os petistas, um monitoramento apontou que, naquele dia, as ideias defendidas pelo ministro tiveram engajamento bem mais alto que o normal. O mais comum é o bolsonarismo falar praticamente sozinho de impostos e contas públicas nesses espaços.

Outro levantamento, feito a pedido da **Folha** pela consultoria Bites, mostrou que a participação de Haddad na comissão deu um raro fôlego à esquerda nas redes sociais —ainda que não tenha sido suficiente para empatar o jogo com as forças de direita.

Das 50 postagens com mais engajamento sobre aumento de impostos e sobre o embate entre Haddad e Nikolas, o bolsonarismo teve 31. A direita venceu, mas não chegou a repetir o domínio absoluto desse ambiente digital.

Haddad ganhou 30 mil novos seguidores no Instagram e no Facebook até terça-feira (17), de acordo com a Bites. Foi seu melhor desempenho desde 2023.

"O que houve foi o Haddad subindo o tom e dando uma linha de defesa do governo. E realmente apareceu gente defendendo a esquerda, o que em geral não acontece tanto. O que acontece mais é uma vitória, por W.O., da direita", disse o diretor técnico da consultoria, André Eler.

O próprio Haddad demonstrou ânimo nas conversas que se seguiram ao embate na comissão. Segundo aliados, Lula acompanha as manifestações de seus ministros, apoiando as defesas mais enfáticas das medidas da gestão. Integrantes do governo têm defendido que ministros subam ainda mais o tom.

Elio Gaspari

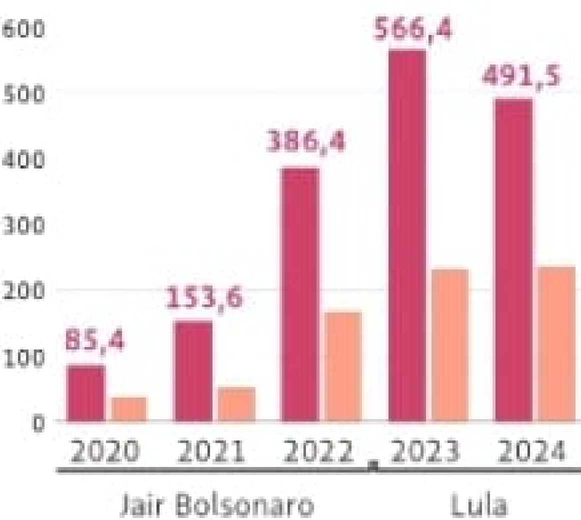
Excepcionalmente o colunista não escreve neste domingo

Viagens urgentes de servidores são cerca de 70% desde 2021

Número de viagens
Em milhares
■ Urgentes
■ Não urgentes



Custo de passagens
Em milhões de R$
■ Urgentes
■ Não urgentes



Custo de diárias
Em milhões de R$
■ Urgentes
■ Não urgentes



Fonte: Análise do Deltafolha a partir de dados do Portal da Transparência; acesso em 13.mai



Aviões trafegam em pista do aeroporto de Congonhas, em São Paulo Danilo Verpa - 8.mai.25/Folhapress

Viagens urgentes de servidores vão a 70% do total e elevam gastos públicos

Voos comprados com antecedência saíram mais baratos; para especialistas, cenário mostra falta de planejamento no setor público, que prejudica a gestão de orçamento

DELTAFOLHA

Géssica Brandino
Luany Galdeano
Tiago Cardoso

BRASÍLIA Solicitadas com menos de 15 dias de antecedência, as viagens urgentes de servidores públicos representam cerca de 70% dos voos do governo federal desde 2021. Ao todo, foram mais de R$ 5,2 bilhões gastos com passagens e diárias nesses casos, contra R$ 1,5 bi de viagens programadas com maior antecedência.

O maior crescimento desse tipo de voo foi de 2021 a 2022, na gestão de Jair Bolsonaro (PL), uma alta de 58%. De 2022 para 2023, primeiro ano do governo Lula (PT), houve a segunda maior alta, de 30%. Em 2024, o ciclo de crescimento foi interrompido, com uma queda de 12% na comparação com 2023.

A **Folha** analisou dados de trechos de mais de 2,4 milhões de viagens de servidores disponibilizados no Portal da Transparência de 2020 —ano em que a divisão entre viagens urgentes e não urgentes passou a ser feita— até 2024. Segundo a CGU (Controladoria-Geral da União), a decisão foi tomada em 2019, após acordo entre o órgão e o Ministério do Planejamento, à época responsável pelo sistema de concessão de diárias e passagens, hoje sob responsabilidade do MGI (Ministério da Gestão e Inovação).

O sistema registra viagens realizadas ou não, valores pagos em cada uma, nome e cargo do servidor, entre outras informações. Cada órgão é responsável por cadastrar e aprovar suas diárias e passagens. Para verificar se a antecedência interfere no gasto público, a reportagem comparou os preços de passagens de trechos de viagens urgentes e não urgentes com origem em Brasília para um mesmo destino dentro de um intervalo de sete dias. A amostra tinha 8.116 voos internacionais e 327 mil voos nacionais, com um ou mais trechos.

Em 86% das vezes, a despesa com passagens desses voos foi mais alta do que aquela feita com antecedência para o mesmo destino. A diferença de preço foi maior para trechos nacionais, com os voos urgentes custando mais em 89% das vezes. Nas viagens internacionais, o mesmo aconteceu em 72% dos intervalos. Para especialistas, o quadro revela uma cultura de falta de planejamento no setor público, que prejudica a gestão de orçamento e eleva o custo das viagens a serviço.

Uma passagem comprada para Buenos Aires com urgência para decolar no dia 3 de fevereiro de 2024 teve custo de R$ 8.165, enquanto uma sem urgência para o dia 30 de janeiro do mesmo ano custou R$ 1.473. Os valores foram corrigidos pela inflação. Para uma viagem urgente à capital do Acre, Rio Branco, no dia 6 de abril de 2024, o custo da passagem foi de R$ 5.234, contra R$ 1.743 para uma viagem não urgente para a mesma data e destino.

Viagens urgentes são necessárias para parte dos servidores e instituições públicas, sobretudo os que contam com responsabilidades imprevisíveis, segundo Gustavo Fernandes, professor de administração pública da FGV (Fundação Getulio Vargas).



Algumas viagens curtas já poderiam ter sido substituídas por reuniões online. Hoje, temos a possibilidade de ter equipes híbridas, então não precisaria estar todo mundo no mesmo endereço. Fora que não é possível imaginar que para um ministro ir a uma reunião sejam necessárias 18 pessoas acompanhando

Mariana Aldrigui
professora de turismo na USP

Pode ser enquadrado nessa situação, por exemplo, o gabinete da Vice-Presidência da República, que é o segundo órgão federal com maior cifra de passagens compradas sem antecedência. A Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas), que também pode atender emergências, está em terceiro lugar. Mas, dos dez órgãos com maiores gastos, sete são IFs (Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia). O primeiro lugar da lista é ocupado pelo Instituto Federal Baiano.

"Em um instituto de educação, 99% das [viagens] são previsíveis", afirma o professor da FGV. "É um aspecto não republicano as pessoas acharem que, quando vão viajar, podem marcar quando quiserem, na hora que quiserem, sem planejamento." Além dos IFs, da Vice-Presidência e da Funai, ainda consta na lista dos dez órgãos com valores mais altos a Funarte (Fundação Nacional das Artes).

Em nota, a Funarte afirma que parcerias e cooperações também são imprevisíveis. O fato de estar sediada no Rio de Janeiro exige viagens a Brasília e a outros complexos culturais, como São Paulo e Belo Horizonte, diz. A Funarte diz ainda que tem atuado para aprimorar fluxos de planejamento das viagens.

Procurados, o IF Baiano e a Funai não responderam aos questionamentos até a publicação desta reportagem.

Entre 2023 e 2024, já na gestão Lula, a cifra de viagens urgentes do gabinete da Vice-Presidência ficou em quase 98%. Em nota, a Vice-Presidência afirma ter como premissa a economicidade de gastos, apesar da dinâmica para cumprir agendas e o fato de que o vice-presidente, Geraldo Alckmin (PSB), acumula cargo de ministro de Estado. Segundo a gestão, de 2022 a 2024, houve uma redução de 76,8% nas despesas discricionárias da Vice-Presidência.

Passagens compradas com antecedência têm um custo menor, seguindo um padrão internacional, de acordo com Mariana Aldrigui, professora de turismo na USP. Por isso, é necessário o planejamento prévio de quais serão os deslocamentos necessários ao longo do ano e, assim, reduzir as despesas. O mercado privado costuma contar com um gestor de viagens, responsável por essa função. Esse profissional organiza com antecedência os cronogramas das equipes e busca com agências os pacotes com melhor custo-benefício. Mas, no setor público, essa figura ainda é rara, segundo a professora.

"A gestão pública ainda é muito arcaica e protocolar. No mundo corporativo, tudo está sendo feito em minutos, com controles e limites de gastos já inseridos. Esse é um grande espaço de oportunidade para reduzir custos", afirma. De acordo com Aldrigui, o setor também continua mantendo um excesso de viagens desnecessárias e que envolvem uma comitiva ampla de servidores.

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

CRISTIANE ALKMIN SCHMIDT
Presidente da MSGás

'Há uma histeria na transição energética'

Cristiane Schmidt, presidente da MSGás, diz que matriz já é limpa e defende exploração de petróleo

Ex-secretária de Economia do governador de Goiás, Ronaldo Caiado, Cristiane Alkmin Schmidt hoje comanda a MSGás, distribuidora de Mato Grosso do Sul, a maior do Centro-Oeste. Lá ela vive um dos problemas que tentou combater quando foi conselheira do Cade: o monopólio da Petrobras no mercado de gás. Em 2019, no governo Jair Bolsonaro, a estatal decidiu assinar um acordo com o órgão antitruste e vender seus braços de transporte e distribuição. A medida foi revista no governo Lula e, em 2024, a Petrobras voltou atrás. Schmidt critica a medida, que afeta a gestão da MSGás. Ela defende a construção de termelétricas como saída para estimular a demanda pelo combustível e para garantir a segurança energética.

*

É a favor da redução do uso dos combustíveis fósseis? Existe uma certa histeria na transição energética. O Brasil não é tão poluente quanto o restante do mundo e temos uma matriz elétrica e energética limpa. Podemos sempre melhorar, mas não de qualquer forma e a qualquer custo.

Como seria isso? A gente precisa fazer as coisas aos poucos, pensando no custo, porque quem paga a conta não quer que ela seja tão alta.

O que é urgente, então? Pensar na segurança energética, porque hoje já é um problema essas energias intermitentes. Há grandes desafios e eles estão postos. A gente tem que explorar o petróleo. Se o mundo está demandando petróleo até 2050, temos de aproveitar esse 'boom'.

Mas a senhora comanda uma empresa de gás natural. A gente tem que fazer uma matriz complementar, não tem que pensar em transição necessariamente. Agora, o que a gente pode fazer é, por exemplo, trocar algumas fontes por outras. Carvão e diesel poderiam ser alijados. E acho que aí entraria o gás natural, que, ainda que seja um combustível fóssil, é menos poluente do que essas duas. Futuramente, quando o custo estiver bom, o gás natural seria substituído pelo biometano.

O governo quis abrir o mercado de gás com o novo marco legal. Funcionou? Teve um up [alta]. Em 2022, o mercado, dominado pela Petrobras, começou a ser um pouquinho modificado com novos players [competidores].

A Petrobras rompeu o acordo com o Cade que a obrigava a vender suas empresas de transporte e distribuição de gás. Isso atrapalha? Quando fui do Cade, pedimos a desverticalização da Petrobras e, hoje, vejo como acertada aquela decisão. Ela foi revertida, mas muitas das privatizações não. Teve, no transporte, a venda da TAG e da NTS. Quando chegou a vez da TBG [a do Gasoduto Brasil-Bolívia], o Cade voltou atrás. Isso ainda é um problema, porque há uma empresa monopolista na produção. Ela escoa, processa e transporta, via TBG.

O que, então, atrai as novas empresas? O potencial do mercado. Há players importando GNL [gás liquefeito] não só da Argentina, mas de outros países, chegando por navios. Ainda é pouco, mas já conseguem fazer com que o preço da molécula caia.



Cristiane Schmidt
1971, Rio de Janeiro Doutora em Economia (EPGE/FGV), foi secretária-adjunta de Acompanhamento Econômico do Ministério da Fazenda (2000-2003), conselheira do Cade (2015-2018) e secretária de Economia de Goiás (2019-2023). Atuou na Embratel e na Itaú Asset. Prestou consultorias no Banco Mundial e na ONU

Como ganha dinheiro em um mercado sem escala? A TBG passa pelo Mato Grosso do Sul e temos um preço um pouco menor não só com a Petrobras, mas com outras comercializadoras.

As empresas que compraram braços de gás da Petrobras carregam contratos com preços muito caros. Essa conta dura muito ainda? Esta é uma das razões para termos um preço maior do que deveria. O regulador falhou aí. Deveria, lá atrás, ter observado os preços. Mas esses contratos estão vencendo. No nosso caso, um termina em 2026.

Qual o peso de uma termelétrica no seu negócio? Hoje é muito pouco porque quase nunca é acionada. Com essas novas usinas advindas do leilão de capacidade, a demanda por gás aumentará. A maior indústria hoje no Mato Grosso do Sul consome 300 mil metros cúbicos de gás por dia. Uma termelétrica oscila entre 1 milhão e 2 milhões de metros cúbicos por dia. Uma usina dessa puxa e dá estabilidade.

Evasão de técnicos e engenheiros atinge empresas da Zona Franca de Manaus

Baixa remuneração, choque de gerações e fábricas onde temperatura pode ultrapassar 40ºC levam a debandada de especialistas



Linha de montagem de motos da Honda no distrito industrial da Zona Franca Manaus Lalo de Almeida - 5.ago.18/Folhapress

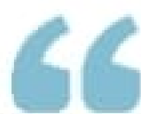
Daniele Madureira

MANAUS Foi no chão de fábrica de uma fornecedora de peças da Honda que Diego Francisco Souza, 40, decidiu o que fazer da vida. Aos 18, ele trabalhava como operador de máquinas da Scorpios da Amazônia: sua função era montar peças em dispositivos de solda, que seriam soldados na sequência por robôs. Ficou impressionado com o mundo da tecnologia e da inovação. Passou a usar o horário de almoço para acompanhar os técnicos da área e entender como tudo funcionava.

Aprendeu tão bem só observando, que numa manhã de sábado, quando a máquina em que trabalhava apresentou falha e o responsável técnico estava fora, foi ele quem consertou sozinho o equipamento. Pouco depois, foi transferido para a manutenção e mergulhou fundo no universo da automação —área que desenha sistemas para automatizar processos, aumentando a eficiência da indústria a partir do uso de robôs. Foi promovido a eletricista, técnico em robótica, analista de processos e coordenador de engenharia. E deixou a Zona Franca.

"Em Manaus, infelizmente, os salários ainda são inferiores aos de outras regiões do Brasil", diz. "Cheguei a ganhar mais do que o próprio gerente da unidade, o que gerou um impasse", afirma Souza, que acabou transferido para uma unidade em Camaçari (BA), recebendo 54% mais.

Hoje o especialista mora com a família em Kansas City, nos EUA, e tem a própria empresa de automação industrial. "Minha história é a prova de que a Zona Franca forma talentos capazes de competirem em nível global", diz. "Mas a limitação salarial faz com que muitos profissionais busquem oportunidades em outros estados ou até fora do país."



Minha história é a prova de que a Zona Franca forma talentos capazes de competirem em nível global. Mas a limitação salarial faz com que muitos profissionais qualificados busquem oportunidades em outros estados ou até fora do país

Diego Francisco Souza
especialista que deixou a Zona Franca de Manaus e hoje tem sua própria empresa de automação nos EUA

Grandes empresas da Zona Franca de Manaus têm sentido na pele essa debandada. Para estarem inseridas no universo da "indústria 4.0", elas demandam técnicos e engenheiros de automação. Mas esta mão de obra está em falta no polo industrial.

"Há um gap de especialistas em automação", diz Hamzah Nasser, diretor da fábrica da Electrolux em Manaus. "Muitos desses engenheiros estão fora da região e precisamos trazê-los para cá."

É o que faz, por exemplo, a Recofarma, uma das 19 fábricas da multinacional Coca-Cola no mundo destinadas exclusivamente à produção de concentrados para refrigerantes e outras bebidas gaseificadas. A empresa precisou "importar" especialistas em automação de São Paulo para trabalhar em Manaus. Para convencer os profissionais, paga bônus.

Com 30 anos de trabalho no polo industrial, Gerson Nascimento, 57, supervisor de saúde, segurança e meio ambiente da Electrolux, diz que o polo costumava trazer muitos engenheiros de fora, mas agora começa a exportar especialistas. Para ele, existem outros fatores, para além da remuneração, que fazem com que os profissionais deixem Manaus.

"Nem todos querem ficar, principalmente as novas gerações, que desejam que as coisas aconteçam muito rápido", diz. Mas em indústria não é assim. "Existe todo um processo para conseguir uma promoção, mas eles querem queimar etapas para conseguirem uma ascensão mais rápida."

Jean Marc Hamon, 59, diretor da fábrica da Bic em Manaus, concorda. "Os mais jovens têm necessidade de autonomia muito maior do que os profissionais antigos. Se a gente trabalhar da mesma forma que trabalhava há 10 ou 15 anos, eles não ficam, em especial quem trabalha com as novas tecnologias", diz o francês, que há 33 anos mora na capital amazonense.

Na fábrica da Bic, a temperatura varia entre 23ºC e 25ºC. Trata-se de um diferencial importante em Manaus, onde o termômetro chega a 31ºC em pleno outono e, dentro da fábrica, pode superar os 40ºC."

"A pior coisa de trabalhar em Manaus é o calor", diz o gerente de manufatura da Yamaha, Jackson Mata, 50. Natural de Itapiranga, a 339 quilômetros de Manaus, filho de extrativistas, descendente de indígenas, ele diz que a Yamanha vem implantando iniciativas para reduzir as altas temperaturas dentro da fábrica.

A repórter viajou a convite do Cieam (Centro da Indústria do Estado do Amazonas)

Eufrázio

VEM AÍ

CASAFOLHA
CONHECIMENTO QUE TRANSFORMA

O MAIOR NOME DA PUBLICIDADE MUNDIAL, AGORA, NA CASAFOLHA

ESTREIA: 26/6

SIR MARTIN SORRELL
comanda o curso:

A nova geopolítica, inteligência artificial e o futuro dos negócios

Martin Sorrell é um dos executivos mais importantes do planeta. Fundador de uma empresa de publicidade que se tornou a maior do mundo no setor e passou de 20 bilhões de libras em valor de mercado, ele recebeu a maior honraria da Harvard Business School e foi nomeado cavaleiro do Reino Unido.

Assine agora

e aproveite a oferta exclusiva.

DE ~~R$ 59,90~~ POR APENAS
12x de R$ 19,90 /MÊS.
*PROMOÇÃO VÁLIDA PARA O PLANO ANUAL.



Já é assinante Folha? Acesse: casafolhasp.com.br/upgrade e faça o upgrade de sua assinatura.

FOLHA DE S.PAULO
★★★

‘Tudo aqui é caro’: moradores de Manaus pagam mais por produtos do polo industrial

Infraestrutura falha limita a competição, encarecendo itens como celulares, remédios e refrigerante produzidos na capital amazonense

Daniele Madureira

MANAUS Augusto César Barreto Rocha, 53, chega atrasado para o almoço na sede do Cieam (Centro da Indústria do Estado do Amazonas). Cumprimenta os jornalistas convidados pela instituição para conhecer algumas fábricas da Zona Franca de Manaus e pede licença para se sentar. Enquanto saboreia uma iguaria local, pirarucu ao molho de camarão, ouve com atenção os questionamentos da reportagem sobre a dificuldade de logística em Manaus.

"O problema de Manaus não é logística", diz Rocha. "Caso contrário, o açúcar do doce que a senhora está comendo não chegaria até aqui", responde calmamente um dos maiores especialistas em logística da região Norte do país. "O problema de Manaus é a infraestrutura."



Rio Igapó Açu cruzando a rodovia BR-319 no estado do Amazonas; infraestrutura desafia logística e preços na região Bruno Kelly - 9.set.24/Reuters

O assunto é a principal preocupação da Zona Franca de Manaus, região onde cerca de 600 empresas contam com incentivos fiscais para manter unidades industriais, que geram 130 mil empregos diretos e 430 mil indiretos. No ano passado, o polo faturou R$ 204 bilhões, alta de 18% em relação a 2023, com produtos variados, de motos a medicamentos, passando por celulares e micro-ondas. A previsão deste ano é chegar aos R$ 236 bilhões, segundo a Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus). Na reforma tributária, Manaus conseguiu preservar vantagens fiscais até 2073, oferecendo produtos que chegam ao consumidor custando 30% menos, em média, em relação a similares estrangeiros, conforme a Suframa. Esse benefício muitas vezes não chega, no entanto, para quem mora ao lado da Zona Franca.

Escoar a produção de Manaus para as demais regiões do país não é tarefa simples, pois rodovias —modal responsável por cerca de 60% do transporte de carga no Brasil— são escassas. Os voos são caros e os navios precisam lidar com a época de seca —as dos dois últimos anos foram recordes, o que exigiu investimentos adicionais de R$ 2,9 bilhões por parte da indústria, para que as embarcações não ficassem encalhadas no rio Negro. Fora isso, o transporte fluvial é demorado: são cinco dias até Belém.

A dificuldade de acesso gera impactos na distribuição —parte dos produtos saem de lá para a sede das empresas, no Centro-Sul, para depois serem distribuídos às varejistas— e torna muito mais restrita a competição no comércio local. "Um celular aqui custa o dobro do que é cobrado em outros lugares", diz a estudante de farmácia Jéssica Gabrielle Queiróz de Almeida, 18, que mora na comunidade flutuante Catalão, no rio Negro, em Manaus. Ela trabalha na loja de artesanatos da família, que funciona na casa onde moram.

"Tem uma varejista aqui, a Bemol, que triplica o preço das coisas", diz ela, que faz compras em grandes marketplaces, dando o endereço de parentes em Manaus. Mas precisa ter paciência: o tempo médio para entrega é de 11 a 14 dias. "Compra internacional demora uns 20 dias", afirma Gabrielle, que consegue receber mais depressa livros da Amazon, que chegam em menos de 7 dias.

A varejista citada pela estudante é líder em vendas na região Norte. Segundo dados do último balanço publicado pela Bemol, de 2023, a empresa registrou receita líquida de R$ 3,4 bilhões, com lucro de R$ 493 milhões, uma alta de 12% sobre o ano anterior. De acordo com a plataforma Klooks, que compila dados públicos de empresas, a margem de lucro da companhia foi de 14,5%, enquanto a média do varejo é de 2%.

A reportagem pode conferir in loco: em uma das lojas da rede em Manaus, um celular Samsung Galaxy A25 256 GB, com 8 GB de memória RAM, é oferecido a R$ 2.368. Em São Paulo, o preço gira em torno de R$ 1.390. Já o Mercado Livre entrega o produto em Manaus por R$ 1.289 —um preço 84% menor ao da Bemol.

Fundada em 1942 pela família Benchimol, a empresa é dona de uma financeira e oferece como diferencial as entregas por barco, na maioria das 62 cidades do estado do Amazonas, assim como em comunidades ribeirinhas. Questionada sobre as diferenças de preços, a Bemol não respondeu até o fechamento desta edição.

"Aqui tudo é mais caro", diz Demézio furtado Filho, 67, taxista há 35 anos em Manaus. Quando quer comprar um eletrônico mais em conta, pede a parentes e amigos que trabalham na Zona Franca e conseguem adquirir produtos com desconto.

A rodovia que poderia resolver boa parte dos problemas de infraestrutura logística de Manaus foi tema de um bate-boca recente entre a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva (Rede-AC), e o senador Omar Aziz (PSD-AM), durante audiência no Senado. Com 880 km de extensão, a BR-319 tem apenas os trechos próximos a Porto Velho e a Manaus trafegáveis. O chamado "trecho do meio", com mais de 400 quilômetros, não é asfaltado e não pode ser percorrido em pelo menos metade do ano, devido à temporada de chuvas. Ambientalistas defendem que a obra pode levar ao aumento desenfreado do desmatamento na Amazônia.

A repórter viajou a convite do Cieam

colunistas da semana

DOM. Samuel Pessôa, Vinicius Torres Freire, Ana Paula Vescovi / Marcos Lisboa / Candido Bracher **SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos, Eduardo Cucolo, Michael Viriato** TER. Michael França / Cecilia Machado, Mauro Zafalon QUA. Bernardo Guimarães / Lorena Hakak, Vinicius Torres Freire, Jerson Kelman QUI. Cida Bento / Solange Srour, Vinicius Torres Freire, Romulo Saraiva SEX. Bráulio Borges, Vinicius Torres Freire SÁB. Marcos Mendes / Rodrigo Zeidan, Laura Müller Machado

Direitão do Congresso ataca o país

Direitão aprova leis ruinosas, chantageia e acha que Dino e Lula conspiram

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Depois de voltarem das férias juninas e julinas, os parlamentares devem tratar da isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R$5.000 por mês. O governo quer compensar essa isenção cobrando imposto de mais ricos.

Na atual pindaíba, seria o caso de cobrar imposto de rico e não isentar ninguém, mas isso é devaneio. Realista é estimar que o direitão do Congresso talvez aprove a isenção sem providenciar receita para cobrir o buraco. "Talvez": a depender da conjuntura político-eleitoral, pode ser que não se dê essa lambuja a Lula. Dada a depredação que a maioria parlamentar tem promovido, não se pode descartar hipótese pior, de uma nova temporada de pauta-bomba, que explode governo e país.

A derrubada de vetos presidenciais na semana passada foi assustadora até para quem já dá de barato o comportamento político desclassificado, bucaneiro e ignorante. Os votos encareceram a conta de luz e apodreceram ainda mais o setor elétrico. Subsídios e reservas de mercado impedem que se planeje a expansão do fornecimento de energia com base em necessidade de consumo, em preços, na operação segura do sistema de trânsito de eletricidade e na aplicação racional de investimento. É um desastre.

Lula 3 é o governo mais minoritário no Congresso em termos numéricos e ideológicos desde a redemocratização. A articulação política é incapaz. A popularidade do presidente é baixa. O governo pedincha dinheiro a cada quatro meses, por aí, a fim de cobrir parte do aumento irresponsável de despesa, o que o sujeita a mais chantagem e golpes.

A derrubada de vetos presidenciais assustou até quem dá de barato o comportamento político desclassificado, bucaneiro e ignorante. A conta de luz ficou mais cara; o setor elétrico, mais podre e ineficiente

O governo apanha por motivos variados, pois, até por ser incompetente. Mas, desde fins de 2024, o principal motivo é falta de dinheiro para emendas parlamentares. Flávio Dino, ministro do STF, tenta diminuir a vergonheira. O pagamento encrencou. O direitão que domina o Congresso acredita de fato que governo e Dino conspiram para fechar a torneira.

Emenda, essa gorjeta gorda paga por maus serviços, é uma graxa que faz o parlamento rodar desde pelo menos a Constituição de 1988. Difícil dizer que legislaturas recentes sejam mais negocistas do que antecessoras, por falta de medida, não de mau cheiro. No que dá para medir, há mais dinheiro reservado para a graxa das emendas do que em quase todos os ministérios. Há menos estatal para se fazer farra.

Logo, emenda é a alma do negócio, renda complementada por fundo eleitoral e partidário. Hoje em dia, dado o fim oficial do financiamento empresarial de campanhas, acredita-se que não existam mimos de lobbies. Né.

Assim, mesmo que houvesse lideranças parlamentares prestantes, elas seriam tragadas pela necessidade de administrar a repartição das emendas, sem o que não se manda nem no café do Congresso. O neocoronelismo se entrincheira, a "base eleitoral" do deputado se torna feudo ou capitania bancada por emendas, que alimentam familismos, dinastias pebas, prefeitos agregados e também roubança.

Os mandões do Congresso ora tentam reorganizar o sistema de distribuição de dinheiro e, assim, a funcionalidade perturbada da troca de votos por favores para o feudo. Novas demandas de Dino podem encrencar um acordão que, se previa, funcionaria depois da metade do ano. A dúvida é saber se dinheiro basta ou começou a campanha de destruir governo e país, país que tem de se rebelar contra essa gente.



Leilão Judicial Eletrônico

Imóveis com deságios de até 50% sobre o valor de avaliação. Aproveite!



Lances a partir de **R$ 2.051.405,09** | Avaliação R$ 2.413.417,75

Barracão

Imóvel comercial de 2 pavimentos com 789 m² de construção e terreno com área de 488 m². Composto por estrutura que inclui espaços para escritório e banheiros.

1º Leilão ~~04/06 - 09:00hs~~ | 2º Leilão 25/06 - 09:00hs



Juiz: Exmo. Dr. Arthur de Paula Gonçalves
4ª Vara Cível de Bauru/SP



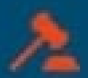
Bauru/SP

Lances a partir de **R$ 2.886.772,52** | Avaliação R$ 5.773.545,03

Sítio e Terreno

Sítio com 2.286 m² de construção e terreno com área de 387.945 m². Composto por casa sede, 3 casas de caseiro, 2 curral, portal, viveiro, barracão, espaço de serviços, galinheiro, pocilga, capela e espaço de lazer.

1º Leilão ~~13/06 - 14:00hs~~ | 2º Leilão 03/07 - 14:00hs



Juíza: Exma. Dra. Patrícia Alcalde Varisco
Vara Única de Nazaré Paulista/SP



Bom Jesus dos Perdões/SP

ID 7310

Lances a partir de **R$ 4.667.575,82**

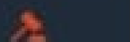
Avaliação R$ 6.667.965,46

Terreno São Paulo/SP

Terreno com área de 3.100 m², localizado a 19 min. de Parelheiros e a 29 min. de Interlagos.

Juiz: Exmo. Dr. Cássio Pereira Brisola
1ª Vara Cível do Foro Regional XI - Pinheiros/SP







Lances a partir de **R$ 1.538.008,04**

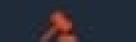
Avaliação R$ 1.845.794,23

Imóvel Residencial São Bernardo do Campo/SP

Imóvel com 99 m² de construção e terreno com área de 250 m². Localizado a 5 min. do Golden Square Shopping e a 10 min. da Rodovia Anchieta.

Juiz: Exmo. Dr. Gustavo Dall'Olio
8ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP

1º Leilão ~~04/06 - 09:30hs~~ | 2º Leilão 25/06 - 09:30hs





Lances a partir de **R$ 465.599,79**

Avaliação R$ 775.999,66

Apartamento São Paulo/SP

Imóvel com 153 m² no Ed. Colossos da Cantareira. Composto por 2 salas, varanda, lavabo, suíte, 2 dorms, wc, cozinha, depósito, dorm. e wc de empregada, área de serviço e 3 vagas de garagem.

Juiz: Exmo. Dr. Rodrigo de Azevedo Costa
3ª Vara Cível do Foro Regional I - Santana/SP

1º Leilão ~~04/06 - 09:30hs~~ | 2º Leilão 25/06 - 09:30hs



ID 7381

Lances a partir de **R$ 333.921,74**

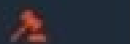
Avaliação R$ 667.843,48

Terreno Urbano Santana de Parnaíba/SP

Lote de terreno com 682 m² no Residencial e Comercial Serra do Sol. Localizado a 12 min. da Estrada dos Romeiros.

Juíza: Exma. Dra. Andressa Martins Bejarano
1ª Vara Cível de Santana de Parnaíba/SP







Lances a partir de **R$ 2.379.797,05**

Avaliação R$ 3.966.328,41

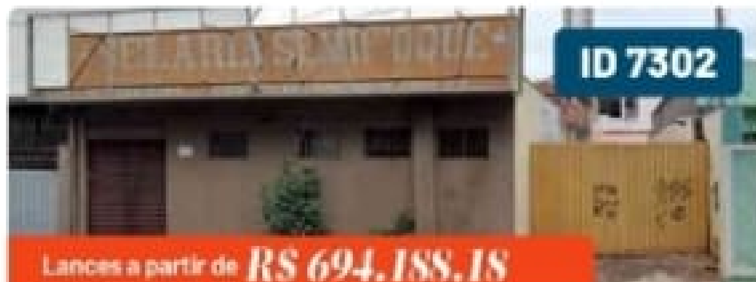
Imóvel Comercial Tatuapé/SP

Imóvel com 255 m² de construção e terreno com área de 370 m². Composto por 2 coberturas para estacionamento de veículos e edificação para uso comercial.

Juíza: Exma. Dra. Samira de Castro Lorena
4ª Vara Cível do Foro Regional III - Jabaquara/SP

1º Leilão ~~04/06 - 14:00hs~~ | 2º Leilão 25/06 - 14:00hs





Lances a partir de **R$ 694.188,18**

Avaliação R$ 1.388.376,36

Salão Industrial São Carlos/SP

Imóvel com 330 m² de construção e área de terreno de 363 m². Localizado a 6 min. do centro da cidade e a 14 min. da Rod. Washington Luís.

Juiz: Exmo. Dr. Eduardo Cebrian Araujo Reis
4ª Vara Cível de São Carlos/SP

1º Leilão ~~04/06 - 14:00hs~~ | 2º Leilão 25/06 - 14:00hs



ID 7325 LOTE 1

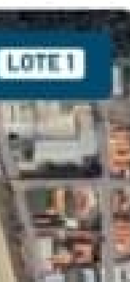
Lances a partir de **R$ 1.713.713,13**

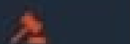
Avaliação R$ 2.142.141,41

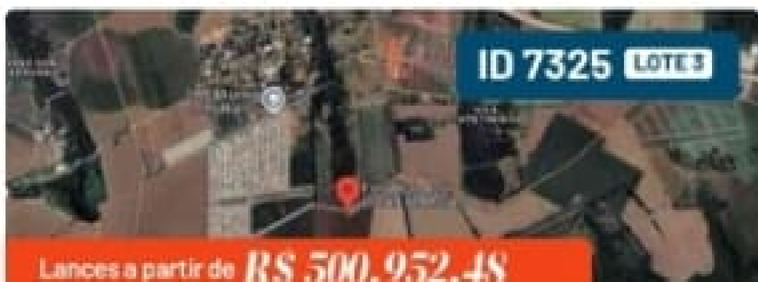
Terreno Urbano Itapetininga/SP

Terreno com área total de 3.610 m², localizado a 2 min. da Rod. Raposo Tavares e a 7 min. do centro da cidade.

Juiz: Exmo. Dr. Alfredo Gehring Cardoso Zolchi Fonseca
1ª Vara Cível de Itapetininga/SP







Lances a partir de **R$ 500.952,48**

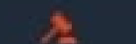
Avaliação R$ 626.190,60

Terreno Urbano Itapetininga/SP

Terreno com área total de 1.060 m², localizado a 5 min. da Rod. Raposo Tavares e a 10 min. do centro da cidade.

Juiz: Exmo. Dr. Alfredo Gehring Cardoso Zolchi Fonseca
1ª Vara Cível de Itapetininga/SP

1º Leilão ~~13/06 - 09:30hs~~ | 2º Leilão 03/07 - 09:30hs





Lances a partir de **R$ 421.377,34**

Avaliação R$ 702.295,58

Prédio Comercial Saltinho/SP

Imóvel comercial com 350 m² de construção e terreno com área de 218 m². Composto por 3 salas independentes e banheiros.

Juíza: Exma. Dra. Daniela Mie Murata
4ª Vara Cível de Piracicaba/SP

1º Leilão ~~13/06 - 09:30hs~~ | 2º Leilão 03/07 - 09:30hs



ID 7343

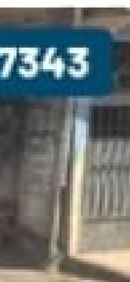
Lances a partir de **R$ 424.845,54**

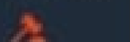
Avaliação R$ 499.818,28

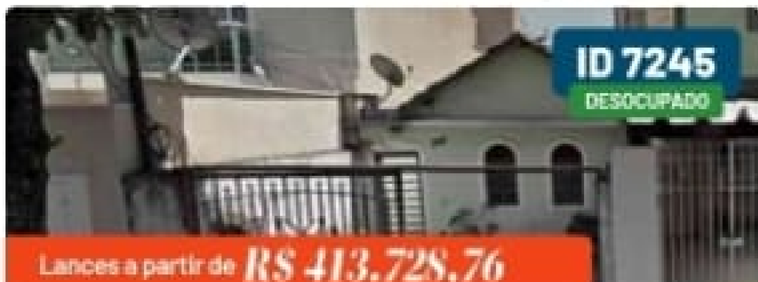
Imóvel Residencial Barueri/SP

Imóvel com área de 215 m², composto por 3 residências. Localizado a 15 min. do Rodoanel Mário Covas e do Shopping Tamboré.

Juiz: Exmo. Dr. Bruno Paes Straforini
1ª Vara Cível de Barueri/SP







Lances a partir de **R$ 413.728,76**

Avaliação R$ 689.547,93

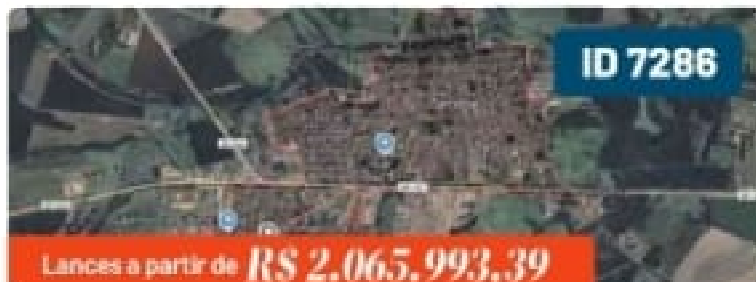
Imóvel Residencial São Paulo/SP

Imóvel com 72 m² de construção e área de terreno de 125 m². Localizado a 6 min. do Metrô Praça da Árvore e a 13 min. do Shopping Plaza Sul.

Juíza: Exma. Dra. Bruna Lícia Martins
5ª Vara Cível de Barueri/SP

1º Leilão ~~13/06 - 11:00hs~~ | 2º Leilão 03/07 - 11:00hs





Lances a partir de **R$ 2.065.993,39**

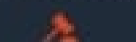
Avaliação R$ 2.951.419,13

Terreno Rural Torrinha/SP

Sítio Recanto do Terra II com área total de 22.800 hectares.

Juiz: Exmo. Dr. Guilherme de Lilbo Chalon
1ª Vara Judicial de Brotas/SP

1º Leilão ~~13/06 - 14:00hs~~ | 2º Leilão 03/07 - 14:00hs



ID 7312

Lances a partir de **R$ 502.540,94**

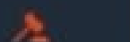
Avaliação R$ 1.005.081,88

Gleba de Terras Miracatu/SP

Reserva legal desmembrada do Sítio Martins com área de 242 hectares. Situado na zona rural de Itariri bairro de Pedro Barros, município de Miracatu/SP.

Juiz: Exmo. Dr. Raul de Aguiar Ribeiro Filho
3ª Vara Cível de Barueri/SP







Lances a partir de **R$ 305.969,81**

Avaliação R$ 407.959,75

Imóvel Residencial Limeira/SP

Imóvel com 413 m² de construção e área de terreno de 418 m². Localizado a 3 min. da R. Antônio Lucato e a 7 min. do centro da cidade.

Juiz: Exmo. Dr. Rilton José Domingues
2ª Vara Cível de Limeira/SP

1º Leilão ~~13/06 - 14:30hs~~ | 2º Leilão 03/07 - 14:30hs





Lances a partir de **R$ 1.846.672,62**

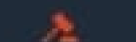
Avaliação R$ 3.077.787,71

Terreno Urbano Bauru/SP

Terreno com área de 7.349 m² e viabilidade arquitetônica para empreendimento residencial. Localizado a 5 min. da Rod. Cmte. João Ribeiro de Barros.

Juíza: Exma. Dra. Bruna Lícia Martins
5ª Vara Cível de Barueri/SP

1º Leilão 03/07 - 14:00hs | 2º Leilão 03/07 - 15:00hs



Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

11 3969 1200 | 0800 789 1200 — WhatsApp 11 95577 1200 — leje.com.br — @lejeoficial — Leilão Judicial Eletrônico

Josué Gomes Brasil precisa sentar-se à mesa e fazer um Plano Real para consertar as contas públicas

Filho de José Alencar, vice de Lula de 2003 a 2010, atual presidente da Fiesp (Federação das Indústrias de São Paulo) defende isonomia de condições para todas as empresas e setores e vê necessidade de repensar as regras da CLT

ENTREVISTA

Adriana Fernandes

BRASÍLIA O presidente da Fiesp (Federação das Indústrias de São Paulo), Josué Gomes da Silva, diz à **Folha** que o Brasil precisa de um novo Plano Real para resolver a expansão das despesas do Orçamento, cortar incentivos corporativos e permitir a redução da taxa de juros.

Filho de José Alencar, vice-presidente nos governos Lula 1 e 2, o empresário dono do grupo têxtil Coteminas diz que o chefe do Executivo precisa fazer o que sabe: dialogar mais. Citado em eleições passadas como vice dos sonhos e convidado para ser o ministro da Indústria no início do terceiro mandato de Lula, o empresário nega planos políticos e diz que deixa o comando da entidade neste ano com perfil ultraliberal. Ele defende isonomia de condições para todas as empresas e setores e vê necessidade de repensar as regras da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).



Zanone Fraissat/Folhapress

Josué Gomes da Silva, 61

Natural de Ubá (MG), é presidente da Fiesp, com mandato de 2022 a 2025. Em 2014, foi candidato ao Senado em MG pelo MDB. Formado em engenharia civil pela UFMG e em direito pela Faculdade Milton Campos. Tem MBA pela Vanderbilt University

*

Qual é a saída para a crise gerada pelo decreto de alta do IOF? Há um consenso de que tem que ser feito um ajuste, mas não de como fazê-lo. Cada um quer defender o seu quinhão, ninguém abre mão de nada. Estou estendendo [a avaliação] às lideranças empresariais, porque na busca pela sobrevivência, muitas vezes, os diversos segmentos buscam benefícios. Mas, às vezes, [eles] vão sendo prorrogados de maneira indefinida e já não trazem mais o mesmo impacto econômico. Tudo precisa ser revisto.

Está todo mundo cansado de uma carga tributária, que, para o nível de desenvolvimento do Brasil, é alta. O Plano Real deixou uma tarefa inacabada, que é justamente o ajuste das contas públicas. Os desequilíbrios só se acumularam de lá para cá.

Como seria possível mudar esse quadro? Se nós, como sociedade, nos sentarmos em torno de uma mesa, como fizemos no Plano Real. Havia um consenso na sociedade que precisávamos debelar a hiperinflação. Depois de várias tentativas, a sociedade acabou reconhecendo a importância, e tivemos sucesso. Precisamos de um novo Plano Real para resolver a questão das contas públicas e trazer os juros para um patamar civilizado, porque com taxa de juros real de 10% [9,53% ao ano] é impossível que a economia funcione bem. Ela não é, de forma isonômica, distribuída para todos.

Como assim? Conseguimos criar uma meia-entrada para alguns. Por exemplo, o Congresso derrubou alguns vetos que impactam fortemente o preço da energia. É fácil, né? Pega e passa a conta para o outro. O impacto econômico adverso ninguém mede. Vai ter forte perda de competitividade na indústria, porque você está trazendo benefícios para alguns segmentos. A conta é paga por terceiros. De recado em recado da briga entre grupos políticos, o Brasil vai ficando com uma conta que vai tolhendo o nosso crescimento. Estamos nos empobrecendo. O Brasil hoje está tomado por corporações. Não é só de funcionários públicos.

As corporações empresariais também, inclusive aquela do estado mais rico do país, da qual o sr. é uma liderança? É verdade. Estamos passando a conta para outros setores ou para todos da sociedade, porque colocamos custos no Orçamento que são impagáveis. O dinamismo da economia vai diminuindo. Se a gente não encontrar, como encontramos lá no Plano Real, uma forma de resolver isso, vai ser difícil o Brasil crescer. Todos nós, brasileiros, estamos frustrados.



O que frustra é ver um debate eleitoral antecipado. Não digo que é um lado só. O pior é que vemos, a portas fechadas, muitas vezes as pessoas se recusando a debater, porque querem só resolver o problema de 2025 e 2026 para ver o que acontece a partir de 2027

As propostas de pacto não avançaram. Por que seria diferente agora? Winston Churchill dizia que os americanos sempre faziam a coisa certa depois de tentar todas as alternativas anteriores. O Brasil parece que puxou essa característica. Temos que reconhecer que, no passado, a Presidência tinha um poder muito maior do que hoje. O Legislativo tem muito poder, mas pouca responsabilidade. Os impactos das decisões tomadas pelo Legislativo não caem sobre ele. No Judiciário, então, nem se fala. Sou defensor do sistema em que a gente dê mais responsabilidade ao Legislativo. O grande problema é ele ter todo o poder que tem, sem ter a responsabilidade pelos atos.

Especialistas e lideranças políticas apontam a necessidade de medidas estruturantes, mas elas não foram apresentadas na hora H nem pelo governo Lula nem pelo Congresso. Cabe aos poderes políticos eleitos no Brasil tomarem a decisão. A sociedade pode estar ao lado apoiando as medidas. Não acho que a luta por um equilíbrio fiscal imediato é a adequada. Temos que ter uma sustentabilidade das contas públicas, uma redução ao longo de dez anos. Podemos fazer de maneira que a relação dívida/PIB caia, e também a carga tributária. Tem três rubricas grandes no Orçamento. Uma delas é a de juros. Nos últimos dez anos, o Brasil pagou de juros R$ 5,3 trilhões.

[Tem também] as transferências de renda que somaram cerca de R$ 1,5 trilhão. Parte dessas transferências de renda é indexada a ganhos reais. A indexação à inflação é natural. Em lugar nenhum do mundo se usa essas transferências de renda indexadas a ganhos reais. Rever a indexação a ganho real de transferência de renda é uma coisa que a sociedade precisa discutir sob pena de daqui a dez anos não termos como pagar. Tem também cerca de R$ 1 trilhão de gastos tributários, que são subsídios e programas de incentivos. Essas três rubricas precisam ser discutidas.

O empresário Ricardo Faria, conhecido como "rei do ovo", disse à Folha que é difícil contratar no Brasil porque há viciados no Bolsa Família. Críticos falaram que ele quer o capitalismo selvagem. O Ricardo Faria é um craque, um grande empresário. Para nós, empresários, é muito intuitivo achar que hoje você não consegue trabalhadores de carteira assinada porque eles estão vivendo com o Bolsa Família. Ficamos surpresos quando ouvimos um pesquisador do Insper [Rodrigo Soares] dizer que o impacto no mercado de trabalho formal de carteira assinada é menor do que nós costumamos imaginar. Há um conjunto de fatores que leva hoje à menor oferta, à menor disposição dos trabalhadores de estarem assinando carteira. Temos que repensar o conjunto de regras da CLT, sem retirar direito de ninguém, porque os jovens não querem mais isso. No campo do trabalho, existem hoje dois mercados de trabalho cujas regras não são isonômicas.

A Fiesp sempre foi vista como uma entidade muito poderosa. As entidades patronais perderam influência? O agro parece ter mais influência. A indústria de transformação já representou um percentual do PIB muito maior. Já fomos quase 27% do PIB e hoje somos 11%. É natural uma redução da capacidade de influência. O agro é uma potência e um orgulho nacional. O Brasil tem empresários no agro espetaculares, mas o agro tem duas coisas que são muito boas: baixo custo tributário e uma condição creditícia muito favorável. Mas isso não tira o mérito deles. Se criarmos uma solução isonômica para todos, seria ótimo.

A guerra entre Israel e Irã impacta o Brasil? É mais uma razão para não adiarmos as soluções para os nossos problemas. O que frustra é ver um debate eleitoral antecipado. Não digo que é um lado só. O pior é que vemos, a portas fechadas, muitas vezes as pessoas se recusando a debater, porque querem só resolver o problema de 2025 e 2026 para ver o que acontece a partir de 2027. Ou seja, em vez de trazer uma solução definitiva que nos ganha tempo, vamos empurrar com a barriga. Por que já não discutimos hoje? O cenário internacional está muito conturbado. Temos que fazer o nosso dever de casa.

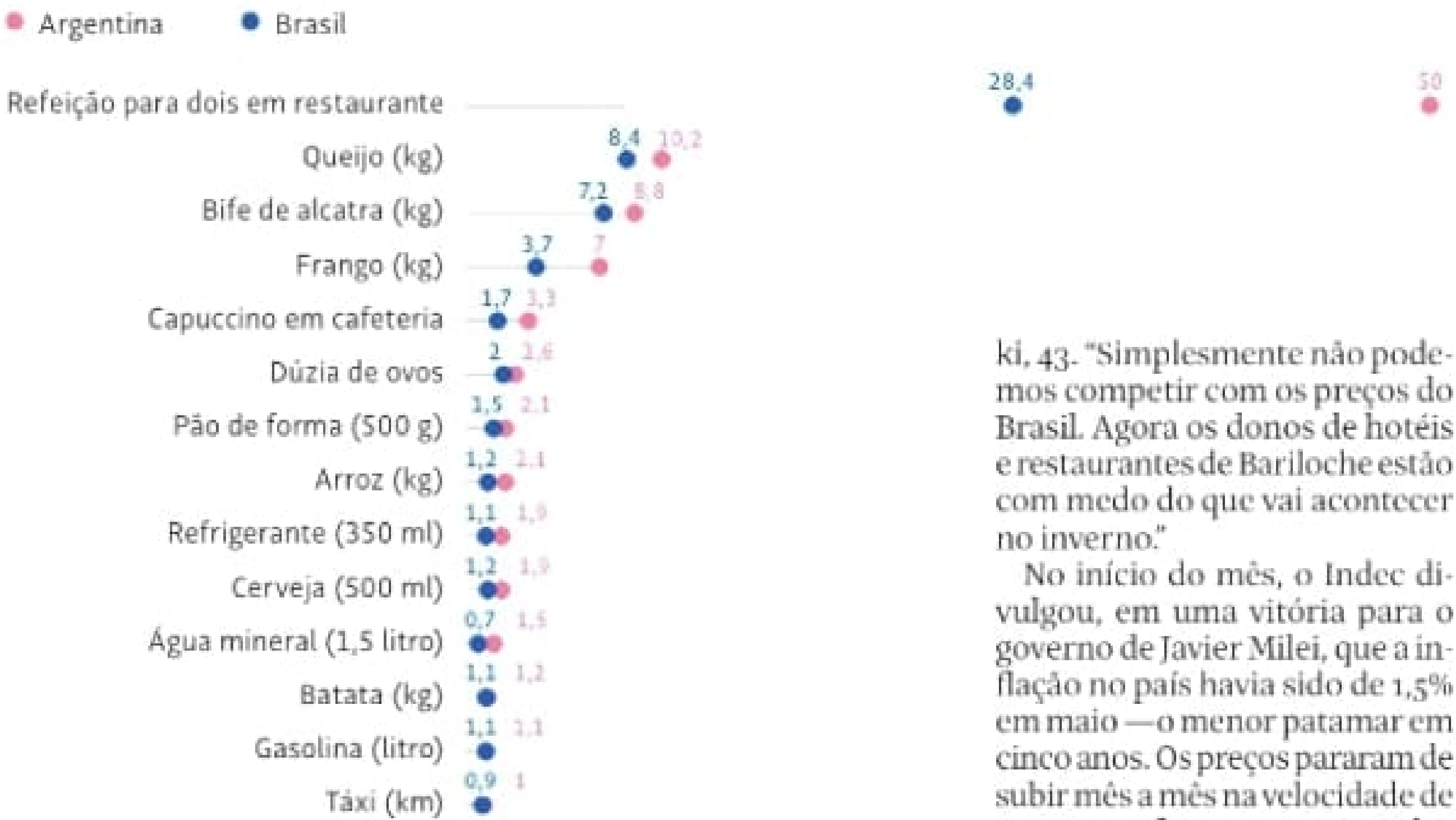
Eufrázio

Com 9 entre 10 preços mais altos na Argentina, turistas brasileiros evitam vizinhos

Viagens de argentinos ao Brasil cresceram 59,1% em abril de 2025

Preços de principais produtos na Argentina e no Brasil

Em US$ internacionais



Fonte: Ieral, a partir da Numbeo

Douglas Gavras

BUENOS AIRES "Não tenho com quem conversar em português", se queixa o garçom argentino Alexis Franco, 33, em um restaurante na rua Florida, ponto que costumava ser concorrido no centro de Buenos Aires. "Antes, os brasileiros vinham em grupo, agora vou ter de esperar as minhas férias para passear no Brasil."

Ele conta que o irmão, que trabalhava como "arbolito", oferecendo câmbio pela cotação blue (paralela), passou a fazer entregas de encomendas por aplicativo, pela falta de turistas com quem trocar dólares. "Parece que estamos sempre em uma gangorra, Argentina e Brasil, espero que nenhum dos dois caia", resume.

A falta de turistas estrangeiros na Argentina não é impressão. Nos quatro primeiros meses de 2025, a Argentina recebeu 3,3 milhões de visitantes (uma queda de 25,4% ante o ano anterior). Enquanto isso, as viagens ao exterior dos argentinos e residentes no país aumentaram 67,6%, chegando a 8,4 milhões, de acordo com dados do Indec (Instituto Nacional de Estatística e Censos).

Apenas em abril, a Argentina teve um saldo negativo de 726,3 mil no turismo internacional: recebeu 699,3 mil visitantes (8,3% menos que no mesmo mês de 2024) enquanto 1,43 milhão de argentinos viajaram ao exterior (um aumento de 30,5%).

Nesse mês, 77,6 mil brasileiros viajaram ao país a turismo (queda de 18,2% em relação a um ano antes), enquanto 235,9 mil argentinos aproveitaram os preços mais baixos no Brasil, com um aumento de 59,1%. Os brasileiros agora estão atrás dos uruguaios entre os principais visitantes.

"No verão, o comerciante de Mar del Plata e de outras cidades do litoral argentino passou a oferecer pacotes a preço de custo para tentar segurar os turistas, mas não teve jeito", conta o agente de viagens Luciano Scharowski, 43. "Simplesmente não podemos competir com os preços do Brasil. Agora os donos de hotéis e restaurantes de Bariloche estão com medo do que vai acontecer no inverno."

No início do mês, o Indec divulgou, em uma vitória para o governo de Javier Milei, que a inflação no país havia sido de 1,5% em maio —o menor patamar em cinco anos. Os preços pararam de subir mês a mês na velocidade de antes, mas ficaram estacionados em um patamar elevado, na comparação em dólares.

Segundo um levantamento publicado pelos pesquisadores Marcelo Capello e Nicolás Cámpoli, da Fundación Mediterránea - Ieral (Instituto de Estudos Econômicos sobre a Realidade Argentina e Latinoamericana), em uma cesta de 30 produtos —incluindo alimentos, serviços e bens duráveis— 90% dos preços eram mais altos em mai o na Argentina que no Brasil, em uma comparação feita em dólares internacionais.

Em itens de alimentos e bebidas, o Brasil tem preços mais baixos em todos eles. A Argentina apresenta preços mais altos ao consumidor final em 48% dos produtos comparados com dez produtos em dez países.

Para bens duráveis, vestuário e calçados, a Argentina é mais cara do que o resto dos países analisados em 91% dos casos. No Brasil, apenas uma geladeira de 340 litros era mais cara do que no país vizinho.

Em serviços pessoais ou familiares (e bens relacionados a serviços dessa natureza), a Argentina é mais cara em 36% dos casos comparados. Os preços são mais altos do que os do Brasil em 80%.

As comparações com preços de outros países usam, em sua maioria, a base de dados da plataforma Numbeo, que compara o custo de vida em diferentes países combinando dados gerados por usuários e pesquisas em sites de supermercados, empresas de táxi e instituições governamentais. Os preços se referem a 15 de maio deste ano.

Outra ferramenta usual para comparação de preços é o índice Big Mac, que mostra que o preço do Big Mac na Argentina é de US$ 7, apenas inferior ao da Suíça (US$ 8).

EDITAL DE LEILÃO EXTRAJUDICIAL

SICOOB MANTIQUEIRA COOPERATIVA DE CRÉDITO DE LIVRE ADMISSÃO, pessoa jurídica de direito privado, cadastrada no CNPJ sob o nº 71.698.674/0001.50, com sede na Praça Holanda, número 80, Taubaté-SP, CEP 12.030-350, faz saber que, nos termos da Lei 9.514/1997, que institui alienação fiduciária de bem imóvel, devido a negociação descumprida por V.P. e outros (sigilo LGPD), qualificados na matrícula imobiliária de número 4332, do Primeiro Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Promissão/SP, promoverá 02 (dois) leilões públicos que se farão realizar em: **1ª praça abre às 11h e se encerra às 12h do dia 27/06/2025; 2ª praça abre às 11h e se encerra às 12h do dia 30/06/2025**. **Imóveis:** um imóvel urbano descrito e caracterizado pela matrícula imobiliária de número 4332, do Primeiro Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Promissão/SP. Imóvel ocupado e consolidado em nome da cooperativa, conforme averbação 19 da matrícula imobiliária. **Valor do imóvel na primeira praça:** R$ 380.000,00 (trezentos e oitenta mil reais). **Valor do imóvel na segunda praça (valor da dívida):** R$ 270.370,42 (duzentos e setenta mil, trezentos e setenta reais e quarenta e dois centavos). **Condições de Venda e Valor:** A venda será realizada à vista. Se no primeiro leilão público o maior lance oferecido for inferior ao valor avaliado, um segundo leilão ocorrerá na data previamente estipulada. Nesse segundo leilão, será aceito o maior lance oferecido, desde que cubra pelo menos o valor total da dívida, despesas, honorários, prêmios de seguro, encargos legais e tributos, todos atualizados até a data do leilão. Todas as despesas relacionadas à aquisição do(s) imóvel(is) no leilão serão de responsabilidade do arrematante. Isso inclui: Pagamento de 5% do valor da arrematação ao Leiloeiro como comissão, a ser pago no ato da arrematação; Escritura Pública; Imposto de Transmissão; Foro, Laudêmio; Taxas, alvarás, certidões; Emolumentos cartorários, registros, averbações. Além disso, o arrematante também arcará com todas as despesas e diligências extrajudiciais e judiciais necessárias para o registro da propriedade. O pagamento deve ser feito à vista, e a comissão do Leiloeiro deve ser paga por meio de cheque separado ou depósito em conta corrente no prazo de até 24 horas após o leilão, caso este seja realizado online. **Condições do Imóvel:** O (s) imóvel (is) será (ão) vendido (s) nas condições em que se encontra (m), não podendo o arrematante alegar desconhecimento sobre suas condições, características ou estado de conservação. O (s) imóvel (is) encontra(m)-se ocupado(s), e a desocupação ficará sob a responsabilidade do arrematante. Recomenda-se que o arrematante verifique eventuais débitos de impostos, água/esgoto e condomínio, bem como consulte a matrícula imobiliária. **Para mais informações, entre em contato pelo e-mail:** contato@leiloaria.com.br ou telefone: (19) 3523-6393. Visite: www.leiloaria.com.br - Giovanni Luca Tissiano Martins, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 1162.

Cenário econômico melhora para Lula

Sem muito rebuliço, presidente chegará a 2026 com a economia em boa forma

Samuel Pessôa

Pesquisador do BTG Pactual e do FGV IBRE e doutor em economia

O terceiro mandato é marcado pela escolha do presidente Lula de inverter o ciclo política da despesa pública. Contrariando Maquiavel, resolveu pisar no acelerador do gasto no primeiro ano de governo. Colheu a economia a pleno emprego e inflação acelerando no meio do mandato.

Há uns dois meses tudo se caminhava para que o presidente enfrentasse uma conjuntura econômica muito difícil no período eleitoral. Inflação na casa a 6% e déficit externo acima de 3% do PIB.

No entanto, e com muita dificuldade, o ministro Haddad tem conseguido reduzir a taxa de crescimento do gasto primário: de 9,3% real em 2023, para 3,6% em 2024 e, provavelmente, 1,4% em 2025.

Mesmo com todos os botões que têm sido apertados —novo consignado para trabalhadores celetistas, a elevação da tabela de isenção do IRPF a vigorar já em 2026, um possível aumento do benefício do programa Bolsa Família em 2026, entre outros–, o espaço para estimular a economia é menor do que o do ciclo 2013/2014. Há sinais de que os componentes cíclicos da economia já estão cedendo. A política monetária está começando a se fazer sentir.

A boa safra agrícola tem segurado a inflação e, com ajuda da indústria extrativa mineral —as exportações de minério de ferro e petróleo têm ido bastante bem—, tem garantido uma boa balança comercial, que ajuda a sustentar o câmbio. O choque tarifário de Trump deve ser desinflacionário. O câmbio tem ajudado. Tudo indica que a inflação será de 5,3% em 2025 e 4,5% em 2026. Adicionalmente, os primeiros sinais são de que a safra 2025/2026 será até melhor do que a de 2024/2025: evento raro em que uma safra espetacular é sucedida por outra que apresenta crescimento positivo. Se se confirmar a boa safra, a inflação de alimentos em 2026 será mais próxima de 4% do que de 5%.

Se não houver muito rebuliço e o câmbio não se desvalorizar muito, Lula chegará a outubro de 2026 com a economia em boa forma, apesar dos desequilíbrios. Será o suficiente para ter um quarto mandato?

Tudo somado, caminhamos para um cenário de pouso suave da economia brasileira, com crescimento na casa de 2% em 2025 e 1,5% em 2026. O mercado de trabalho deve piorar um pouco, mas não o suficiente para machucar muito a popularidade do presidente. Se não houver muito rebuliço e o câmbio não se desvalorizar muito, Lula chegará a outubro de 2026 com a economia em boa forma, apesar dos desequilíbrios. Será parecido com 2014. Será o suficiente para ter um quarto mandato? Não tenho a menor ideia. Tema para os articulistas do caderno de política. Dois são os riscos para o presidente. Primeiro, as pequenas e médias empresas não aguentarem o longo ciclo de juros elevados. A consequência seria uma reversão cíclica mais abrupta da economia antes da eleição.

Estudo do professor Carlos Rocca, da Fipe da FEA-USP, indica que, no final de 2025, somente 48% das empresas abertas terão retorno sobre o capital investido (ROIC) superior ao custo de dívida. No final de 2024, 58% tinham ROIC superior ao custo da dívida. A escolha de Lula alonga muito o ciclo monetário e pesa no balanço das empresas.

O segundo risco é a execução fiscal dos estados elevar muito os investimentos públicos no atual ciclo eleitoral. Os estados saíram da pandemia com muito dinheiro em caixa. Algo próximo de 2% do PIB.

No ciclo eleitoral anterior —2021 e 2022—, o caixa não foi usado, provavelmente em função da ausência de projetos. Talvez no ciclo atual o caixa seja usado e tenhamos um impulso fiscal vindo dos estados bem maior do que o projetado. Pressionaria a inflação e os juros.

mercado

BNDES aprova R$ 566 mi para projetos da Gerdau que reduzem CO_2

FOLHA EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

SÃO PAULO O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) aprovou financiamento no valor total de R$ 566 milhões para a Gerdau construir um mineroduto e um rejeitoduto em Ouro Preto (MG) e implementar um centro de reciclagem para beneficiamento de sucata em Pindamonhangaba (SP).

De acordo com o banco de fomento, os recursos, vindos do Novo Fundo Clima e do Finem, vão reduzir as emissões de mais de 100 mil toneladas de gases do efeito estufa equivalente por ano e gerar cerca de 4.500 empregos diretos e indiretos.

O Fundo Clima é vinculado ao MMA (Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima) e tem como finalidade garantir recursos para projetos ou estudos e financiamento de empreendimentos que tenham como objetivo a mitigação das mudanças climáticas. Com o financiamento, a produtora de aço visa construir um mineroduto com 13 km de comprimento entre a Mina de Miguel Burnier, em Ouro Preto, e a sua unidade de produção de aço localizada em Ouro Branco (MG), além de um rejeitoduto com 10 km de comprimento.

O projeto de mineração da Gerdau também contempla recirculação de água e redução da circulação de caminhões na região. Está previsto também um centro de reciclagem para beneficiamento de sucata na unidade de produção de aços especiais da empresa, em Pindamonhangaba. No centro, deve ser possível beneficiar todo o material recebido como sucata e separar os ferrosos, os não ferrosos e as impurezas.

Segundo o presidente do BNDES, Aloizio Mercadante, o projeto de construção do mineroduto foi aprovado com recursos do Fundo Clima porque se trata de modal que evita emissões de GEE, em comparação com o modal tradicional, por meio caminhões movidos a diesel. O banco estima que um mineroduto pode substituir 1.500 caminhões por dia no transporte de 60 mil toneladas de minério.

Segundo a Gerdau, a empresa adquire cerca de 10 milhões de toneladas de sucata por ano diretamente de indústrias, cooperativas e catadores.

ArcelorMittal

Leilão de Sucata Elétrica, Ponta de Bits, Kombi, Furgão entre outros! | Confira e Aproveite!

BIASI leilões

Dia 25 de Junho de 2025 às 11:00 horas. | SOMENTE ONLINE

Kombi Ambulância VW 1.6 - Ano 2001 - Chassi: 9BWGB07X92P000428.

Caminhão Mercedes-Benz L 6080 - Modelo Furgão - Cor Bege - Ano 1984 - Chassi: 308.300-12-639216.

Mais informações (11) 4083-2575 ou www.biasileiloes.com.br

Leiloeiro Oficial: Eduardo Consentino- JUCESP nº 616 (João Victor Barroca Galeazzi-Preposto em exercício).

Santander

GRANDE LEILÃO DE IMÓVEIS

* SOMENTE ONLINE *

BIASI leilões

Dia 01 de Julho de 2025 às 11:00 horas.

Aprox. 180 Oportunidades em diversos Estados do Brasil. Confira e Aproveite!!!

À vista ou Financiado conforme edital. Mais informações: (11) 4083-2575 / www.biasileiloes.com.br

Leiloeiro Oficial: Eduardo Consentino- JUCESP nº 616 (João Victor Barroca Galeazzi-Preposto em exercício).

megaleilões

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

FERNANDO JOSÉ CERELLO G. PEREIRA [illegible] ITAÚ UNIBANCO S.A. [illegible] VENDEDOR [illegible] Gonçalo Barbosa de Oliveira Neto [illegible] PÚBLICO LEILÃO [illegible] Presencial e On-line [illegible] no dia 30 de junho de 2025, às 15h00 [illegible] PRIMEIRO LEILÃO [illegible] R$ 426.790,96 [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** [illegible]

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária Itaú

1º Leilão: dia 01/07/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 11/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**), com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, [illegible] **ANDRÉ LINALLIER DE CARVALHO** [illegible] **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line** [illegible] no **dia 01 de julho de 2025, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.567.096,34 (Um milhão, quinhentos e sessenta e sete mil, noventa e seis reais e trinta e quatro centavos)**, [illegible] **A FRAÇÃO IDEAL de 0,029012** [illegible] **APARTAMENTO nº 1.302 no EDIFÍCIO RESIDENCIAL REFUGE** [illegible] **Matrícula nº 183.208 do Registro de Imóveis da 1ª Zona de Porto Alegre/RS.** [illegible] **BOX COBERTO nº 04** [illegible] **Matrícula nº 183.217 do Registro de Imóveis da 1ª Zona de Porto Alegre/RS.** [illegible] **BOX COBERTO nº 05** [illegible] **Matrícula nº 183.218 do Registro de Imóveis da 1ª Zona de Porto Alegre/RS.** [illegible] **dia 11 de julho de 2025, às 14:00 horas** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible] **R$ 1.000.863,66 (Um milhão, oitocentos e sessenta e três reais e sessenta e seis centavos)** [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária Itaú

1º Leilão: dia 01/07/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 11/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**), com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças [illegible] **HÉLIO MOREIRA DO CARMO** [illegible] **CÍCERA EDNA NOGUEIRA DO CARMO** [illegible] **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line** [illegible] no **dia 01 de julho de 2025, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 311.281,39** [illegible] **APARTAMENTO Nº 33, localizado no 3º andar da TORRE "2", integrante do "CONDOMÍNIO RESIDENCIAL VIDA ÁUREA"** [illegible] **Matrícula nº 195.339 do 14º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo/SP.** [illegible] **dia 11 de julho de 2025, às 14:00 horas** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária Itaú

1º Leilão: dia 01/07/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 11/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**) [illegible] **ITAÚ UNIBANCO S/A** [illegible] **VENDEDOR** [illegible] **ALAN LEAL CORTES** [illegible] **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line** [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO** [illegible] **R$ 320.099,40** [illegible] **"CONDOMÍNIO BOSQUE DE PAPUCAIA"** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible] **R$ 291.963,58** [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981, de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 120/2025

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

FONOAUDIÓLOGO PARA O HOSPITAL ESTADUAL DE RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 23/06/2025 às 14h do dia 27/06/2025

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir idade mínima de 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **Fonoaudiologia**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 120,00 (cento e vinte reais)
Jornada de trabalho: 30h/semanais.
Salário: **R$ 4.097,29**
(quatro mil e noventa e sete reais e vinte e nove centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 03/07/2025 até as 17h do dia 04/07/2025 no site www.faepa.br

Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

SINDICATO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO DE FERNANDÓPOLIS - CNPJ nº 49.678.527/0001-69 - Sede: Avenida dos Arnaldos, 1128, Centro, Fernandópolis-SP - **Edital de Convocação - Assembleia Geral Ordinária** - Pelo presente Edital faço saber que nos dias 29 e 30 de julho de 2025, será realizada a assembleia geral das eleições sindicais deste Sindicato dos Empregados no Comércio de Fernandópolis, para composição da Diretoria, Conselho Fiscal e Delegação Federativa a que está filiado este Sindicato, bem como os seus respectivos suplentes, ficando aberto prazo de 05 (cinco) dias para o registro de chapas na Secretaria do Sindicato, excluindo-se o dia da publicação deste Edital, ou seja, início em 23/06/2025 e término em 27/06/2025, tudo na forma do artigo 67 e seguintes do Estatuto Social da entidade e da legislação vigente. As chapas deverão ser registradas contendo os nomes das respectivas pessoas que concorrerão a Diretoria, Conselho Fiscal e Delegados Federativos, com seus respectivos suplentes. O registro de chapa deverá ser apresentado na Secretaria do Sindicato, **acompanhado das fichas de qualificação assinadas por todos os candidatos, vedada a outorga de procuração**. Os candidatos deverão comprovar que **não incidem em nenhum dos dispositivos de impedimento previstos no artigo 88 do Estatuto Social da entidade**, bem como atender aos **requisitos estabelecidos no mesmo Estatuto**. A documentação da chapa deverá incluir **todos os documentos exigidos pelo artigo 89 do Estatuto Social**. O requerimento de registro, juntamente com a documentação, será **dirigido à Presidente do Sindicato**, podendo ser **assinado por qualquer dos integrantes da chapa**, na qualidade de seu representante. A Secretaria da entidade funcionará no prazo da inscrição de chapa acima mencionado, nos seguintes horários: das 9h às 11h e das 14 às 16h. A eleição se processará no horário das 8 às 18 horas no dia 29/07/2025 e das 8 às 16 horas no dia 30/07/2025, e contará com 1 (uma) urna fixa na sede da entidade e urnas itinerantes que percorrerão os locais de trabalho de maior concentração de eleitores. A **lista de votantes** conterá os nomes dos associados aptos a votar, conforme apurado previamente pela entidade. Será também disponibilizada uma **lista para votos em separado**, destinada aos associados que, por qualquer motivo, não constarem da lista oficial de votantes. Esses votos serão colhidos em separado e, posteriormente, terão sua **validade analisada pelo Presidente da Mesa Apuradora,** que decidirá pela aceitação ou rejeição, com base nas normas estatutárias vigentes. O "quorum" para a validade do pleito em primeira convocação é de maioria absoluta dos eleitores constantes da lista de votantes, e não tendo o mesmo sido atingido no momento do encerramento da votação, esta terá prosseguimento até que seja atingido. Havendo empate será convocada nova eleição, conforme estipula o artigo 131 do Estatuto Social, a qual ocorrerá nos dias 05 e 06 de agosto de 2025, seguindo os mesmos ditames dos horários e urnas constantes deste edital e Estatuto Social da entidade, sendo que concorrerão apenas as duas chapas mais votadas, O prazo para impugnação dos candidatos será de 03 (três) dias contados do dia seguinte da publicação de chapa inscrita, conforme preceitua o artigo 92 do Estatuto Social da entidade. A apuração dos votos ocorrerá às 18h na sede da entidade, endereço já informado nesse edital. Fernandópolis/SP, 22 de junho de 2025. **Rosana Maria Alarcon** - Diretora Presidente.

PECINI LEILÕES

Leilão de Casa de Luxo

TAMBORÉ RESIDENCIAL 2

27/06/2025 - 14:30
Primeiro leilão: R$ 19.209.566,36

30/06/2025 - 14:30
Segundo leilão: R$ 12.949.594,22

Alameda Japão, 205 - Tamboré Santana de Parnaíba/SP

fotos ilustrativas.

PROVÍNCIA

Transforme seu Patrimônio em Investimento Sólido!

Angela Pecini Silveira - Leiloeira Oficial, Mat. Jucesp 715

Eufrázio

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO DA FMRP-USP

ABERTURA DE INSCRIÇÕES PARA EXAME DE SELEÇÃO

CURSO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO EIXO TECNOLÓGICO: AMBIENTE E SAÚDE – TÉCNICO EM ENFERMAGEM – PERÍODO NOTURNO

EDITAL Nº 3/2025

PERÍODO DE INSCRIÇÃO:

As inscrições serão efetuadas através da **Internet** no site **www.hcrp.usp.br** no período entre: 00:00h do dia **23/06/2025 às** 14:00h do dia **04/07/2025**.

Valor da Taxa de Inscrição: R$ 81,44.

O Edital na íntegra encontra-se no site www.hcrp.usp.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária — itaú

1º Leilão: dia 01/07/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 11/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 **(JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício)**, com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setubal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças [illegible], no qual figuram como Fiduciantes, **ISAIAS ABREU DE OLIVEIRA**, [illegible] e sua mulher **NEIRE MENESES ABREU DE OLIVEIRA**, [illegible], levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 01 de julho de 2025, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.080.146,11** [illegible], o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído por **UM TERRENO, situado à Rua Braço da Cruz (antiga Rua E-11), lote 21, da quadra 37, na Vila Guilhermina, 30º Subdistrito – Vila Matilde**, [illegible]. **Matrícula nº 18.209 do 16º Cartório de Registro de Imóveis de São Paulo/SP.** Obs: Ocupado. [illegible] Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 11 de julho de 2025, às 14:00 horas**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 944.074,06** [illegible]. [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária — itaú

1º Leilão: dia 01/07/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 11/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 **(JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício)**, com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setubal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças [illegible], no qual figura como Fiduciante, **NANCI MARIA GUIMARÃES**, [illegible], levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 01 de julho de 2025, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 525.475,90** [illegible], o imóvel a seguir descrito, [illegible] **APARTAMENTO 1.004 do prédio situado na Rua Cláudio Abrame nº 50, na Freguesia de Jacarepaguá** [illegible] **Ofício de Registro de Imóveis do Rio de Janeiro/RJ.** Obs: Ocupado. [illegible] **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 385.217,33** [illegible]. [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária — itaú

1º Leilão: dia 01/07/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 11/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 **(JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício)**, com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setubal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças [illegible], no qual figura como Fiduciante, **MARCOS ALFREDO LUNARDI**, [illegible], levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 01 de julho de 2025, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 636.711,78** [illegible], [illegible] **APARTAMENTO Nº 132B, do BLOCO B**, [illegible] **"CONDOMÍNIO OPEN MARAJOARA"** [illegible] **São Paulo/SP.** Obs: Ocupado. [illegible] **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 514.015,56** [illegible]. [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária — itaú

1º Leilão: dia 01/07/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 11/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 **(JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício)**, com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setubal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças [illegible], no qual figura como Fiduciante, **GUILHERME DE SOUZA CALÇAS**, [illegible], levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 01 de julho de 2025, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 367.098,94** [illegible], [illegible] **LOTE DE TERRENO** [illegible] **"MORADA DO SOSSEGO"** [illegible] **UMA CASA UNIRRESIDENCIAL** [illegible] **Campo Grande/MS.** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible]. [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária — itaú

1º Leilão: dia 01/07/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 11/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 **(JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício)**, com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setubal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças [illegible], no qual figuram como Fiduciantes, **MARIA DO CARMO SILVA DE AMORIM GOMES**, [illegible] e **FRANCISCO DAS CHAGAS GOMES**, [illegible], levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 01 de julho de 2025, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 204.787,96** [illegible], [illegible] **UM TERRENO na Avenida Cândido Mendes** [illegible] **Brasileira/PI** [illegible]. Obs: Ocupado. [illegible] **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 603.302,11** [illegible]. [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária — itaú

1º Leilão: dia 01/07/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 11/07/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 **(JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício)**, com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setubal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças [illegible], no qual figura como Fiduciante, **NILMAR MACHADO DA ROSA**, [illegible], levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 01 de julho de 2025, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.500.000,00 (Um milhão e quinhentos mil reais)**, [illegible] **UM TERRENO URBANO** [illegible] **Torres/RS.** [illegible] Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 11 de julho de 2025, às 14:00 horas**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.404.872,12** [illegible]. [illegible] **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

mercado

AUTOMÓVEIS

Fabricante da Jeep, Stellantis considera possível venda da Maserati, diz agência

REUTERS A Stellantis está considerando uma possível venda de sua unidade de luxo Maserati, que se encontra em dificuldades financeiras, disseram duas pessoas com conhecimento do assunto à agência Reuters. A montadora busca reformular seu amplo portfólio de 14 marcas, que incluem Chrysler, Peugeot, Jeep e Alfa Romeo.

As discussões sobre o futuro da Maserati começaram antes da nomeação do novo presidente-executivo Antonio Filosa, no mês passado, enquanto a Stellantis era dirigida pelo atual presidente John Elkann. Filosa assume na segunda (23).

RICO Leilões — **LEILÃO** — Eletrobras

Transformadores de Corrente, Mobiliários, Diversos

Modalidade: **ON-LINE com Transmissão ao vivo (www.ricoleiloes.com.br)**

Abertura dos lances dos lotes: **13 de junho de 2025 às 10h00m**

Início de fechamento dos lotes: **01 de julho de 2025 às 14h00m**

** Data e horário de visitação conforme descrito em Edital.

Leiloeiro Oficial – Victor Senna Gil Andrade – JUCESP 1132

Tel. (11) 4040-8080 | www.RicoLeiloes.com.br

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

1º LEILÃO: 10 de julho de 2025, a partir das 09h40min | 2º LEILÃO: 14 de julho de 2025, a partir das 13h40min (*horário de Brasília)

Santander — SOLD LEILÕES

Alexandre Travassos, Leiloeiro(a) Oficial, JUCESP nº 951, com escritório na Rua Sebastião Aniceto de Jesus Lins, 1177 – Jardim Elisa – Embu das Artes/SP, FAZ SABER a todos quanto o presente EDITAL virem ou dele conhecimento tiver, que levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo presencial e/ou online, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, autorizada pelo **Credor Fiduciário SANTANDER BRASIL ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIO LTDA** - CNPJ nº 55.942.312/0001-06, nos termos do instrumento particular com eficácia de escritura pública, nº 30712629 - cota 3081/165, firmado em 30/08/2022, com o(s) **Fiduciante(s) SAMUEL BIZERRA DA SILVA/ADRIANA SOUZA AGUIAR SILVA**, maior/maior, inscrito no CPF nº 079.406.738-74/139.780.388-62, no dia **10 de julho de 2025, a partir das 09h40min** em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 198.098,04 (Cento e noventa e oito mil e noventa e oito reais e quatro centavos)**, o imóvel matriculado sob nº 148.609 do Oficial de Registro de Imóveis de Cotia/SP, constituído pelo Terreno situado na Rua José Augusto Pedroso, designado área 01, Vila São Francisco de Assis, em Cotia/SP, com área de 150,00m². Cadastro Municipal: 23163.22.29.0194.00.000. Venda em caráter "ad corpus" e no estado de conservação que se encontra, Consta conforme R.04 a alienação fiduciária em favor de Santander Brasil Administradora de Consórcio Ltda. Imóvel Ocupado. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o dia **14 de julho de 2025, a partir das 13h40min**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 142.754,88 (Cento e quarenta e dois mil, setecentos e cinquenta e quatro reais e oitenta e oito centavos)**, nos termos do art. 27, §2º da Lei 9.514/97). **O leilão presencial ocorrerá no escritório do Leiloeiro(a). Os interessados em participar do leilão de modo on-line**, deverão se cadastrar no site na Loja SOLD LEILÕES (sold.superbid.net) e no SUPERBID EXCHANGE (www.superbid.net), e solicitar habilitação até 01 (uma) **hora do início do leilão. Outras informações no site do leiloeiro(a)**: Loja SOLD LEILÕES (sold.superbid.net) e no SUPERBID EXCHANGE (www.superbid.net) ou telefone (11) 4950.9602 ou e-mail imoveis.sac@superbid.net. (Dossiê 02.24201).

GUARIGLIA LEILOEIRO OFICIAL

LEILÃO QUINTA-FEIRA - 26/06/2025 - 09h00 - APROXIMADAMENTE 250 VEÍCULOS

PRESENCIAL E ONLINE — **VEÍCULOS DE BANCOS E FINANCEIRAS**

VEÍCULOS EM CAÇAPAVA/SP E CANDEIAS/BA | LOCAL PREGÃO: CAÇAPAVA/SP

VISITAÇÃO: 25/06/2025, das 12 às 17h e 26/06/2025, das 07 às 09h | Rodovia Presidente Dutra Km 132 SP/RJ - CAÇAPAVA/SP

VISITAÇÃO: 25/06/2025, das 09 às 16h e 26/06/2025, das 07 às 09h | Rodovia BA - 522, KM 5 - Caroba - CANDEIAS/BA

•MODELOS: RENAULT/KARDIAN TECH AT 2024/2025 - TOYOTA/COROLLA XEI 20 2023/2023 - FIAT/TORO VOLC TURB AT6 2021/2022 - HYUNDAI/CRETA 1TA LIMITED 2022/2023 - VOLKSWAGEN/SAVEIRO CD EX MF 2023/2024 - FIAT/STRADA 2023/2023 - JEEP/RENEGADE 1.8 AT 2019/2020 - RENAULT/CAPTUR 16 BOSE 2021/2021 - FORD/ECOSPORT SE AT 1.5 2018/2019 - HYUNDAI/HB20 10M SENSE 2021/2021 - FIAT/ARGO DRIVE 1.0 2017/2018 - RENAULT/SANDERO RLIN10MT 2020/2021 - CHEVROLET/SPIN 18L AT PREMIER 2022/2023 - VOLKSWAGEN/POLO MF 2018/2018 - RENAULT/KWID INTENS 2 2024/2025 - VOLKSWAGEN/VIRTUS CL AD 2020/2021 - NISSAN/KICKS SENSE CVT 2022/2023 - HONDA/WR-V EXL CVT 2019/2019 - HARLEY-DAVIDSON/FAT BOY FLSTF 2014/2015 - HONDA/NXR 160 BROS ESDD 2024/2024 - BMW/G310 GS 2022/2023 - HONDA/CG 160 CARGO 2024/2024 - HONDA/ADV 150 2024/2024 - YAMAHA/XTZ 250 LANDER 2023/2023 - HONDA/PCX 150 2020/2020 - YAMAHA/FZ25 FAZER 2023/2024 - HONDA/CB TWISTER ABS 300 2024/2024 - HONDA/BIZ 110I 2023/2023 - FORD/RANGER XLS CD4M32 2013/2013 - MINI/COOPER S 2011/2011 - HONDA/CITY HATCH EXL 2022/2023 - CHEVROLET/TRACKER 12T A PR 2022/2023. | **MÓDULOS FOTOVOLTAICOS E EQUIPAMENTOS DIVERSOS.**

Consulte relação completa de veículos no site.
Condições de venda e pagamento constarão no catálogo próprio.

VISITE NOSSO SITE: **www.GUARIGLIALEILOES.com.br**

Informações: (12) 3654-1000 /GUARIGLIALEILOES **ANTONIO LUIZ GUARIGLIA - LEILOEIRO OFICIAL - JUCESP 415**

bradesco · itaú · Santander · BANCO PAN · STELLANTIS · Safra · Sicredi · SESI · SENAI · ITAPEVA

FREITAS LEILOEIRO OFICIAL

CONSULTE NOSSA AGENDA DE LEILÕES NO SITE: WWW.FREITASLEILOEIRO.COM.BR

Central de informações: (11) 3117.1000

Acesse nossas mídias sociais:
YOUTUBE.COM/FREITASLEILOEIRO
INSTAGRAM.COM/FREITASLEILOEIRO
FACEBOOK.COM/FREITASLEILOEIRO

ATENÇÃO: PARA COMPRA EM LEILÃO O ARREMATANTE PRECISA ESTAR EM REGULARIDADE FISCAL PERANTE A RECEITA FEDERAL

195 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE	400 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE	350 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE
Dia: 24.06.2025 - 3ª FEIRA - 10h00	Dia: 25.06.2025 - 4ª FEIRA - 10h00	Dia: 27.06.2025 - 6ª FEIRA - 10h00
AV. DOS ESTADOS, 584 - PORTÃO 2 UTINGA - SANTO ANDRÉ/SP	AV. JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA, 1360 SANTA BÁRBARA D'OESTE/SP	AV. DOS ESTADOS, 584 - PORTÃO 2 UTINGA - SANTO ANDRÉ/SP
VISITAÇÃO: 24.06.2025, a partir das 08h00 verificar informações no site	VISITAÇÃO: 25.06.2025, a partir das 08h00 verificar informações no site	VISITAÇÃO: 27.06.2025, a partir das 08h00 verificar informações no site
VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS	VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS	VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS

Condições de venda e pagamento dos leilões: Cheque no valor total da arrematação, que deverá ser trocado por TED à favor do Leiloeiro, em até 24 horas após o leilão – Cheque de 5% de comissão do Leiloeiro, acrescido das despesas administrativas constantes no catálogo do leilão. Os veículos serão vendidos no estado, sem garantias. Multas, inclusive de averbação, débitos, IPVA's, pré-existentes ou decorrentes da regularização, por conta do arrematante. A procedência e evicção de direitos dos veículos deste leilão são de inteira e exclusiva responsabilidade dos Comitentes Vendedores. Demais condições constam no catálogo distribuído no leilão.

Porto · itaú · bradesco · Safra · omni · azul · BV · BANCO PAN · Allianz · Banco Daycoval · creditas · Votorantim · ITAPEVA · Santander · Mitsui Sumitomo Seguros · TOKIO MARINE SEGURADORA · ALFA

Dia 26/06/2025 - 5ª feira | 17h00 | SOMENTE ON-LINE	Dia 30/06/2025 - 2ª feira | [illegible] | SOMENTE ON-LINE	Dia 30/06/2025 - 2ª feira | [illegible] | SOMENTE ON-LINE
FORNOS "NARDELLI / FOGATTI" - FREEZER ESMALTEC	DESKTOP CORE I7 - SERVIDOR DELL T630 - MONITOR	APPLE IPHONE - SAMSUNG - MOTOROLA - XIAOMI

VISITAÇÃO: VERIFICAR INFORMAÇÕES NO SITE

SERGIO VILLA NOVA DE FREITAS - Leiloeiro Oficial - JUCESP nº 316

DEMAIS INFORMAÇÕES CONSULTE NOSSA AGENDA DE LEILÕES: www.FREITASLEILOEIRO.com.br

Trump ataca instalações nucleares do Irã, e EUA voltam a entrar em uma guerra no Oriente Médio

Bombardeiros B-2 atingem três locais, entre eles Fordow, que Tel Aviv não tem poder de destruir; americano ameaça Teerã com 'tragédia muito maior' se país não quiser a paz, e Netanyahu fala em 'inflexão na história'

Igor Gielow

SÃO PAULO Os Estados Unidos entraram na guerra de Israel contra o Irã, nove dias depois de o Estado judeu iniciar o ataque contra o rival. Segundo o presidente Donald Trump, bombardeiros americanos atacaram instalações do programa nuclear da teocracia neste sábado (21) e estão a salvo.

"Nós completamos nosso muito bem-sucedido ataque. Um complemento inteiro de bombas foi lançado no alvo primário, Fordow", escreveu o americano na rede Truth Social. "Nenhuma outra força armada do mundo poderia fazer isso. AGORA É TEMPO PARA A PAZ", escreveu, com as usuais maiúsculas.

Depois, replicou uma postagem que dizia: "Fordow já era". Esta é a primeira ação de grande porte dos EUA contra seu maior rival no Oriente Médio, que tornou-se uma hostil República Islâmica em 1979. Antes, houve diversos entrechoques pontuais.

Ele também afirmou que os iranianos deveriam aceitar um acordo agora, "ou nós iremos atacá-los de novo". Em pronunciamento posterior, o presidente americano disse que ou Teerã aceita a paz em seus termos, ou muitos outros alvos serão atingidos. "E será muito mais fácil", afirmou. O republicano também falou em "tragédia muito maior" caso o país persa não aceite a paz.

"As principais instalações de enriquecimento nuclear do Irã foram completa e totalmente destruídas. O Irã, o valentão do Oriente Médio, deve agora fazer a paz. Se não o fizer, futuros ataques serão muito maiores e bem mais fáceis", disse Trump, na Casa Branca. Atrás dele, estavam o vice-presidente, J. D. Vance, o secretário de Estado, Marco Rubio, e o secretário de Defesa, Pete Hegseth.

O Ministério da Defesa de Israel disse ter coordenado a ação com os EUA, sem detalhar. Neste domingo (22), que é dia útil no Estado judeu, apenas atividades essenciais serão permitidas, com escolas e serviços públicos fechados.

O primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, afirmou após os ataques americanos que a decisão de Trump criou uma "inflexão na história que pode levar o Oriente Médio a um futuro de prosperidade e paz".

O ataque vinha sendo especulado desde o meio da semana, quando Trump deixou o distanciamento da ação israelense, inédita em seu escopo em 46 anos de rusgas com a República Islâmica. O americano chegou a ameaçar de morte o líder do Irã, aiatolá Ali Khamenei.

Na quinta (19), disse que iria tomar sua decisão em duas semanas. Há pressão doméstica, de sua base política, que é contrária ao engajamento dos EUA naquilo que Trump chamava de "guerras inúteis". O prazo, como se viu, era uma cortina de fumaça.

O esforço de França, Alemanha e Reino Unido de se encontrar com a diplomacia iraniana, supostamente para abrir um canal de negociações com Trump, foi jogado fora. Neste sábado, o chanceler do Irã, Abbas Araghchi, disse que o envolvimento americano seria "perigoso para todos".

Enquanto ele falava em Istambul, já estavam no ar bombardeiros furtivos ao radar B-2, que haviam levantado voo da base aérea de Whiteman, no Missouri (EUA). Os aviões são os únicos capazes de lançar a superbomba GBU-57, citada por especialistas como capaz de destruir os bunkers profundos do programa nuclear do Irã.

Não se sabe quantos aviões decolaram, mas especula-se que de dois a seis. Cada um pode levar duas das superbombas. À Fox News, Trump disse que seis bombas foram usadas, seu primeiro emprego em combate.

Junto aos B-2, rumo a oeste, voaram oito aviões de reabastecimento aéreo KC-135, um complemento que permitiu as 11 horas de viagem até a montanha onde está enterrada a principal instalação nuclear secreta do Irã, em Fordow.

Não se sabe quantos aviões norte-americanos participaram da ação, dando cobertura aos B-2. Há um reforço nas bases militares dos EUA da região, e um grupo de porta-aviões está naquela área —logo, caças não faltariam para escoltar a missão.

Segundo relatos iniciais, submarinos americanos também lançaram mísseis de cruzeiro Tomahawk contra alvos na superfície em Isfahan e Natanz, que já haviam sido alvejadas pelos israelenses.

Ao longo de sua primeira semana de campanha aérea, retaliada com ataques violentos com mísseis balísticos pelo Irã, Israel basicamente anulou a defesa da teocracia. Isso facilitou e muito o trabalho americano.

O que os israelenses não têm é a GBU-57 e os B-2 para lançá-las. Além de Fordow, central de enriquecimento de urânio vista como a "fortaleza" do programa nuclear iraniano por estar a dezenas de metros abaixo do solo, Trump anunciou ataques aos bunkers remanescentes de Natanz e Isfahan.

A dúvida agora fica sobre a reação do Irã. Na sua postagem, Trump quer dar o assunto por encerrado, mas até aqui Teerã assumiu um tom desafiador apesar de estar pressionado: os ataques israelenses degradaram bastante a capacidade de defesa do país.

Suas opções, em caso de ir para o conflito total com os EUA, é atacar as forças navais americanas na região ou alguma das 19 bases de Washington no Oriente Médio. A principal delas, para operações aéreas, fica no Qatar, do outro lado do Golfo Pérsico.

Teerã também pode causar disrupção no comércio mundial de petróleo se resolver tentar fechar o Estreito de Hormuz, por onde passa mais de 30% da commodity produzida na região —e 90% daquela produzida na Arábia Saudita, aliada dos EUA e rival do Irã.

Empresas petrolíferas já disseram temer o impacto de uma eventual ação iraniana na área, que separa o país persa da Península Arábica por meros 39 km no trecho mais estreito. Qualquer movimento do Irã nesse sentido, contudo, abre a porta para um ataque mais forte dos EUA e talvez a expansão regional do conflito.

Para completar, ainda neste sábado, o comando militar dos rebeldes iemenitas, bancados por Teerã, havia dito que voltará a atacar navios americanos na região em caso de ataques.

Eles mantêm uma trégua com as forças ocidentais no mar Vermelho desde o mês passado, mas seguem disparando mísseis contra Israel.

O B-2, o avião usado no ataque ordenado por Trump, é a mais complexa aeronave já construída, e os EUA têm 19 deles. Pode lançar cargas nucleares ou a coisa mais próxima no arsenal americano, que são as GBU-57, monstros de 13,6 toneladas capazes de penetrar defesas a mais de 60 metros de profundidade no solo e, aí, explodir de forma maciça.

O objetivo declarado de Israel, que começou a atacar há uma semana e está sob fogo de mísseis e drones de Teerã, é anular a capacidade dos iranianos de fazer uma bomba atômica totalmente. No meio do caminho, estão matando a liderança militar do país e obliterando suas capacidades de defesa antiaérea e de ataque de longa distância.

Trump já havia posicionado o modelo na base do oceano Índico de Diego Garcia em abril, quando começou a pressionar o Irã a sentar-se à mesa de negociações para fazer um acordo no qual os aiatolás recusam a bomba atômica em troca do fim de sanções ao país.

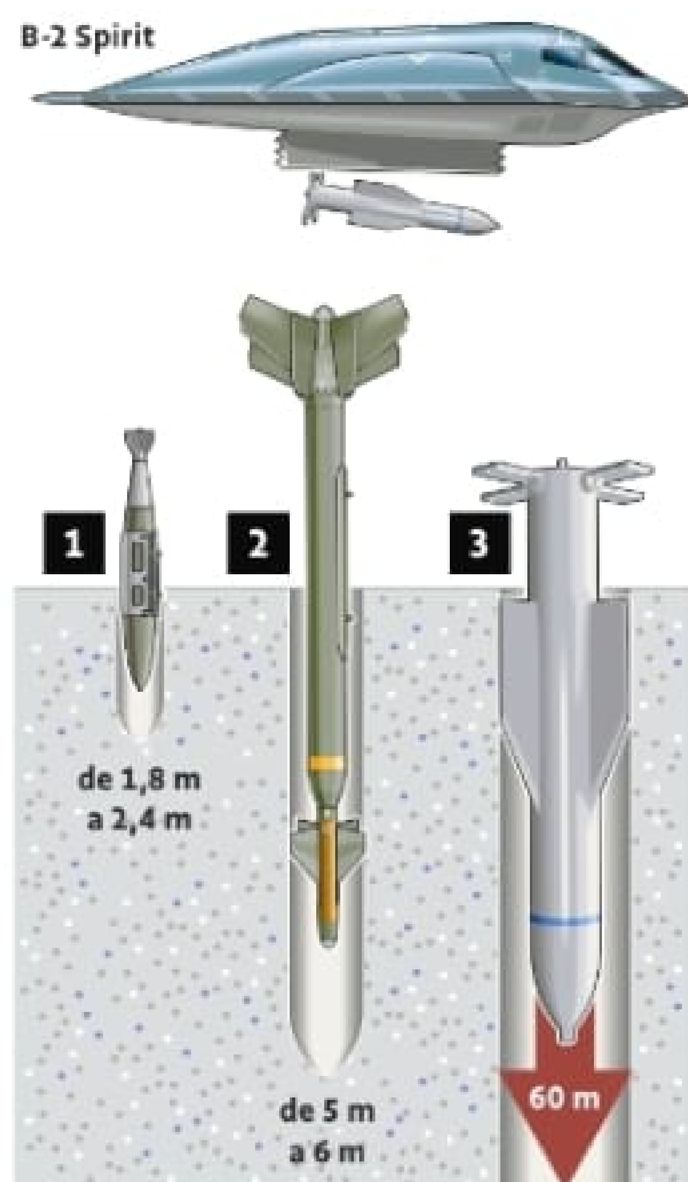
Deu certo, as conversas avançaram, e os B-2 voltaram para os EUA em algum momento do mês passado. Eles participaram de ações contra os houthis do Iêmen a partir da base e foram substituídos por modelos B-52. Imagens de satélite mostram grande movimentação no local, com aviões-tanque, de transporte e caças de ataque F/A-18 também.

Agora, tudo isso é nota de rodapé da crise aguda em curso.

Instalações nucleares do Irã atacadas pelos EUA



Mísseis fabricados para destruir bunkers



1
BLU-109
- Bomba de 900 kg transportada por jatos F-35 israelenses
- Usada em 2024 para matar o líder do Hezbollah, Hassan Nasrallah, em abrigo subterrâneo em Beirute

2
GBU-28
- Bomba de 2,25 toneladas transportadas por aeronaves F-15, provavelmente insuficientes para atingir as instalações nucleares iranianas

3
GBU-57
- Bomba de 13,6 toneladas fabricada apenas pelos EUA e transportada pelo bombardeiro furtivo americano B-2 Spirit, única que poderia atingir instalação de Fordow

Fonte: Graphic News

Eufrázio



Soldados e socorristas israelenses verificam dano após míssil iraniano atingir Beit She'an Jalaa Marey/AFP

Líder do Irã teme ser assassinado por Israel ou EUA e já prepara sucessão

Ali Khamenei tem vivido em bunker em megaoperação de isolamento, mas vê sua própria morte como um martírio; Trump já ameaçou matá-lo após início de conflito

Farnaz Fassihi

THE NEW YORK TIMES Com receio de ser assassinado, o líder supremo do Irã passou a se comunicar com seus comandantes principalmente por meio de um assessor de confiança, suspendendo as comunicações eletrônicas para dificultar sua localização, segundo três autoridades iranianas com conhecimento dos planos de guerra emergenciais do país.

Refugiado em um bunker, o aiatolá Ali Khamenei escolheu uma série de substitutos em sua cadeia de comando militar, caso mais de seus valiosos tenentes sejam mortos. E, em um movimento notável, ainda segundo o relato das autoridades, Khamenei chegou a nomear três clérigos seniores como candidatos à sua sucessão caso também seja morto —talvez o indício mais claro da precariedade do momento que ele e seu regime de três décadas enfrentam.

Desde que Israel lançou uma série de ataques surpresa no último dia 13, Khamenei tomou medidas extraordinárias para preservar a República Islâmica.

Embora tenha apenas uma semana, a ofensiva israelense é o maior ataque militar ao Irã desde a guerra com o Iraque, nos anos 1980, e os efeitos sobre a capital, Teerã, têm sido especialmente intensos. Em poucos dias, os bombardeios de Israel causaram mais estragos na capital do que Saddam Hussein conseguiu durante toda a guerra de oito anos contra o Irã.

O país parece ter superado o choque inicial, reorganizando-se o suficiente para lançar contra-ataques diários contra Israel. Altas autoridades iranianas também estão se preparando para uma ampla gama de cenários à medida que a guerra se intensifica, segundo as mesmas autoridades iranianas, que pediram anonimato por não estarem autorizadas a falar publicamente sobre os planos do aiatolá —especialmente após Donald Trump, que avaliava entrar no conflito, bombardear Teerã na noite deste sábado (21).

Observar de perto a liderança fortemente protegida do Irã é difícil, mas sua cadeia de comando parece ainda estar funcionando, apesar dos danos severos, e não há sinais evidentes de dissidência nos quadros políticos, segundo essas fontes e diplomatas no país.

Aos 86 anos, Khamenei está consciente de que Israel ou os Estados Unidos podem tentar assassiná-lo —o que, de acordo com seus colaboradores, ele encararia como martírio. Diante dessa possibilidade, o aiatolá tomou a decisão incomum de instruir a Assembleia de Peritos —órgão clerical responsável por nomear o líder supremo— a escolher rapidamente seu sucessor entre os três nomes indicados por ele.

Aos 86 anos, Khamenei está consciente de que Israel ou os EUA podem tentar assassiná-lo. Diante dessa possibilidade, o aiatolá tomou a decisão incomum de instruir o órgão clerical responsável por nomear o líder supremo a escolher seu sucessor entre os três nomes indicados por ele

Normalmente, esse processo levaria meses, com os clérigos debatendo listas próprias de candidatos. Mas, com o país em guerra, ele quer garantir uma transição rápida e ordenada —e preservar seu legado, dizem os oficiais. "A prioridade máxima é a preservação do Estado", afirma Vali Nasr, especialista em Irã e professor de relações internacionais da Universidade Johns Hopkins. "É tudo calculado e pragmático."

A sucessão sempre foi um tema delicadíssimo e espinhoso, raramente tratado em público além de rumores e especulações nos círculos políticos e religiosos. O líder supremo concentra vastos poderes: é comandante-chefe das Forças Armadas, chefe do Judiciário, do Legislativo e do Executivo. Também é o Vali Faqih, o mais alto guardião da fé xiita.

Desde o início da guerra, o aiatolá fez dois pronunciamentos públicos em vídeo, com cortinas marrons ao fundo e ao lado da bandeira do Irã. "O povo iraniano resistirá a uma guerra imposta", disse, prometendo não se render.

Em tempos normais, Khamenei vive e trabalha em um complexo altamente seguro no centro de Teerã, conhecido como beit rahbari —ou "casa da liderança"— e raramente sai de lá, exceto em ocasiões especiais.

Seu refúgio em um bunker demonstra a intensidade dos ataques que Teerã vem sofrendo na guerra —um conflito que se desenrola em duas frentes. A primeira é a aérea; a segunda, de acordo com autoridades, é interna: agentes israelenses e colaboradores operando dentro do Irã, lançando drones contra estruturas militares e energéticas. O temor de infiltração entre as camadas superiores da segurança e da inteligência iranianas abalou o regime, inclusive Khamenei.

FAB afirma estar em condições de repatriar brasileiros em Tel Aviv

Cézar Feitoza

BRASÍLIA A FAB (Força Aérea Brasileira) enviou um ofício ao Senado informando que tem todas as condições para resgatar brasileiros em Israel diante do conflito com o Irã.

A repatriação ainda é avaliada pelo governo Lula (PT), que estuda outras alternativas para viabilizar a saída de cidadãos brasileiros da região. Um ministro disse à **Folha** que a principal dificuldade enfrentada no momento é o fechamento do espaço aéreo de Israel.

"Cumpre evidenciar, por oportuno, que a Força Aérea Brasileira encontra-se em condições de realizar a respectiva missão", informou a FAB ao senador Nelsinho Trad (PSD-MS), presidente da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional do Senado.

A Aeronáutica destaca, porém, que "cabe ao Ministério das Relações Exteriores, sob a orientação da Presidência da República, acionar o Ministério da Defesa e a Força Aérea Brasileira para a realização de repatriação de brasileiros em zonas de conflito".

O ofício da Força foi enviado antes de o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciar na noite deste sábado (21) que o país bombardeou o Irã, entrando diretamente no conflito.

Israel passou a ser alvo de mísseis do Irã no último dia 13 de junho, numa nova fase do conflito entre os dois países que perdura por anos. O espaço aéreo foi fechado, diante dos riscos causados pelos mísseis, o que tem dificultado os planos para a retirada dos brasileiros.

A Embaixada do Brasil em Tel Aviv enviou um alerta para os brasileiros na região na quinta-feira (19).

"A Embaixada do Brasil em Tel Aviv segue recomendando que os cidadãos brasileiros em Israel permaneçam em seus locais de hospedagem ou residência e mantenham atenção às diretrizes de segurança e eventuais alertas de ataques iminentes publicados pelo Comando da Frente Interna", diz o comunicado.

A embaixada iniciou ainda uma campanha para identificação e localização dos brasileiros que se encontram em Israel e tenham a intenção de deixar o país. Um formulário foi compartilhado para envio das informações.

Ela destaca, porém, que o governo ainda não tem uma decisão sobre o resgate dos cidadãos brasileiros. "A Embaixada do Brasil em Tel Aviv informa não haver, neste momento, plano para eventual operação de repatriação ou evacuação de brasileiros a partir de Israel", diz.

"Cidadãos brasileiros que optem por deixar o país através de fronteiras terrestres deverão fazê-lo por meios próprios, planejar seu deslocamento com antecedência e avaliar os riscos, com atenção especial às orientações de segurança pertinentes e a eventuais exigências de visto nos países para os quais tencionam deslocar-se", prossegue o alerta.

"Cumpre evidenciar que a Força Aérea Brasileira encontra-se em condições de realizar a respectiva missão"

Força Aérea Brasileira
em ofício ao Senado

"Recomendamos que os brasileiros em Israel permaneçam em seus locais de hospedagem ou residência"

Embaixada do Brasil em Tel Aviv
em comunicado

O comunicado da embaixada destaca que os quatro postos de fronteira de Israel seguem abertos. Caso algum brasileiro decida sair do país, a embaixada recomenda que sejam verificadas as fontes oficiais antes de qualquer deslocamento.

"A Embaixada do Brasil em Tel Aviv reitera ainda o Alerta Consular, vigente desde outubro de 2023, que recomenda evitar viagens não essenciais a Israel."

O governo Lula realizou duas das maiores operações de repatriação da história do Brasil nos últimos dois anos na região.

A primeira missão ocorreu em 2023, quando o Brasil repatriou cerca de 1.500 brasileiros no Oriente Médio após os primeiros ataques do grupo terrorista Hamas. Foram resgatados cidadãos em Israel, no Egito e na Cisjordânia.

Eufrázio

Gestão de Dina Boluarte no Peru é ameaçada

Mineração ilegal supera tráfico de drogas e complica cenário já ruim da presidente

Sylvia Colombo
Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Londres e em Buenos Aires

A mineração ilegal é hoje a principal atividade do crime organizado no Peru, movimentando mais de US$ 6,8 bilhões (cerca de R$ 37 milhões) por ano, superando até o tráfico de drogas e envolvendo facções que combinam violência armada e devastação ambiental.

O avanço desse setor clandestino, que já provoca desmatamento acelerado na Amazônia e massacres em regiões de mineração, agora ameaça também um dos maiores patrimônios da humanidade: as linhas de Nazca.

No final de maio, o governo peruano chegou a reduzir em 42% a área protegida que abriga os geoglifos milenares, sob o argumento de "otimização da gestão". Após forte pressão interna e externa, incluindo críticas da Unesco, a decisão foi revertida no início de junho. Ainda assim, a ameaça persiste, com relatos de garimpeiros ilegais já operando dentro e nos arredores da área de proteção.

As linhas de Nazca foram criadas entre 500 a.C. e 500 d.C. pela cultura Nazca. As figuras incluem mais de 800 geoglifos, entre formas geométricas, representações de animais e figuras antropomórficas.

O Peru é atualmente o quarto maior produtor de ouro do mundo, e calcula-se que cerca de um quarto desse volume venha de fontes ilegais. Segundo dados oficiais e de organizações ambientais, a mineração clandestina deixou de ser um fenômeno isolado em áreas remotas da Amazônia e passou a operar em quase todas as regiões do país.

O impacto é visível: mais de 18 mil hectares da floresta amazônica foram destruídos entre 2021 e 2023; centenas de toneladas de mercúrio foram lançadas em rios, contaminando populações ribeirinhas.

A resposta do governo peruano tem sido considerada insuficiente por ambientalistas. A crise política do país agrava o cenário. Dina Boluarte tem menos de 2% de popularidade

A resposta do governo peruano tem sido considerada insuficiente por ambientalistas. Falta fiscalização e proteção efetiva das áreas visadas pelas mineradoras. A crise política do país agrava o cenário. A presidente Dina Boluarte tem menos de 2% de popularidade e é refém de um Congresso composto, em sua maioria, por políticos acusados de corrupção e de vínculos com a criminalidade.

O resultado é um dos períodos mais inseguros da história recente do Peru. Entre janeiro e maio de 2025, o país registrou 757 homicídios, um aumento de 23% em relação ao mesmo período do ano anterior. As formas de violência também se radicalizaram: cresce o uso de sicários e a ocorrência de assassinatos em locais públicos.

Enquanto o debate sobre a proteção de Nazca avança, a mineração ilegal segue como um desafio que afeta não apenas o patrimônio histórico, mas também o meio ambiente e os direitos das comunidades indígenas.

Esse cenário não é exclusivo do Peru. Em outros países da região, facções transnacionais também se financiam por meio da mineração e de outras atividades ilegais. Na região amazônica peruana, colombiana e brasileira, os problemas são semelhantes: garimpeiros e pescadores que atuam de forma ilegal se multiplicam impunemente.

Não há expectativa de que o frágil governo peruano consiga enfrentar o crime organizado. No ano que vem, os eleitores terão a chance de escolher um novo presidente. Mas as alternativas não são animadoras.

Assim como na eleição anterior, os vários pré-candidatos têm índices de apoio muito baixos, e qualquer nome pode emergir do anonimato para chegar ao poder —como ocorreu com Pedro Castillo, que, com tão pouca base política, tentou um golpe e lançou o país numa nova maré de violência.

DOM. Sylvia Colombo **SEG. Bianca Santana** TER. Mundo Leu
QUA. Rui Tavares QUI. Lucia Guimarães SÁB. Igor Patrick



Cristina Kirchner cumprimenta apoiadores na sacada de sua casa, em Buenos Aires Matias Baglietto - 15.jun.25/Reuters

Prisão de Cristina e brigas internas dos peronistas diluem oposição a Milei

Disputa entre a ex-presidente da Argentina e governador ganha contornos nacionais e revela fraturas do grupo fora do poder

Douglas Gavras

BUENOS AIRES "Estou aqui, na rua San José, 1.111, firme e calma. O que mais gostei foi ouvi-los cantar que vamos voltar", ressoou nos alto-falantes da praça de Maio, em Buenos Aires, a voz da ex-presidente Cristina Kirchner para apoiadores que protestaram contra a prisão domiciliar da peronista.

Nas últimas semanas, enquanto o destino da figura mais importante da oposição era selado pela confirmação da condenação de seis anos de prisão pela Suprema Corte, que também a inabilitou de se candidatar a um cargo público, parecia que nada mais importava no cenário político da Argentina.

A visita recente com apoio incondicional ao primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, a ampliação do acesso de civis a armas antes restritas a militares, a criação de uma força policial com superpoderes —nada que o governo de Javier Milei fez nos últimos dias tirou Cristina das manchetes.

Mas não era assim. Antes da decisão da Justiça, o peronismo estava perdido em batalhas internas entre as diferentes correntes que compõem a força política, com a liderança da ex-presidente sendo questionada e a perspectiva de um fracasso eleitoral nas eleições legislativas nacionais de outubro.

Agora, com Cristina sem poder se candidatar —ela havia anunciado que tentaria uma vaga de deputada regional— o peronismo precisará se reorganizar sem contar com sua principal figura política. As eleições legislativas para a província de Buenos Aires vão ser o primeiro teste.

Era para ser uma disputa local, mas as eleições legislativas na província de Buenos Aires, em setembro, revelaram uma profunda fratura, com a vertente do kirchnerismo, o grupo liderado por Cristina, cada vez mais isolada. O filho de Cristina, Máximo, tenta herdar o capital político, mas ainda não demonstrou o mesmo carisma da mãe ou do pai, o também ex-presidente Néstor Kirchner (2003-2007).

Cristina e o governador da província, seu ex-ministro e afilhado político, Axel Kicillof, já andavam distantes nos últimos anos. Kicillof ganhou protagonismo no campo oposicionista a partir de 2023, com a sua reeleição e a vitória de Milei. Hoje, é o político peronista a ocupar o mais importante cargo no Executivo.

Para o cientista político Juan Adaro, da Pulso Research, o peronismo tem uma oportunidade de construir uma narrativa de unidade com a situação de Cristina presa, mas ao mesmo tempo continua imerso em um problema de falta de renovação.

"Ninguém vai ganhar de Cristina nas urnas, já que ela não pode mais competir de forma justa. Isso vai ser um problema porque, de certa forma, são as mesmas pessoas que ganharam as eleições em 2019 que continuam no comando do peronismo e a população percebe isso."

Adaro ressalta que o discurso dela para a militância na praça de Maio apontou que ela continuará envolvida na política e buscando a organização do peronismo. "Mesmo que precise esperar seis anos, ainda estará no comando para tentar voltar ao poder ou ao menos direcionar."

Em outubro, os eleitores vão às urnas para renovar um terço do Senado e metade da Câmara de Deputados nacionais. Hoje o grupo de Milei, A Liberdade Avança, depende de alianças circunstanciais com os radicais, os independentes e, principalmente, o Pro (do ex-presidente Mauricio Macri).

A oposição teme que a divisão no peronismo leve a derrotas significativas para candidatos apoiados por Milei, sobretudo desde que a inflação tem sido uma preocupação cada vez menor para os argentinos.

O ex-ministro da Economia Sergio Massa manifestou essa apreensão. Após ser derrotado por Milei em 2023, havia a expectativa de que ele se tornasse um líder da oposição. Mas sem ocupar cargos no Estado, Massa submergiu.

Já na capital da Argentina, o deputado nacional e cientista político Leandro Santoro ficou em segundo lugar nas eleições para o legislativo em maio, enquanto o candidato de Milei e porta-voz da Casa Rosada, Manuel Adorni, ficou em primeiro.

Além deles, outras vertentes menores antagônicas disputam os votos peronistas —e têm ganhado popularidade nas redes sociais. À direita, há o grupo de Guillermo Moreno, ex-secretário de Comércio do casal Kirchner e que foi condenado por abuso de poder, após a manipulação de dados de inflação no Indec (Instituto Nacional de Estatística e Censos). Cabe recurso.

À esquerda, o advogado Juan Grabois milita em defesa de grupos de catadores de recicláveis e moradores de bairros empobrecidos da Grande Buenos Aires.

No interior do país, o peronismo cordobês tem em Juan Schiaretti o seu principal expoente.



Local em que Hiroshi Fujiwara, 82, disse ter matado a esposa, Teruko, 79, de quem cuidava, na província de Kanagawa Reprodução/Google Maps

Envelhecido, Japão convive com idosos mortos em casa por seus cuidadores

A cada oito dias, uma pessoa é vítima do chamado care killing, muitas vezes cometido por familiares, aponta estudo

Fátima Kamata

TÓQUIO O Japão guarda uma estatística sombria dentro de suas residências. A cada oito dias, uma pessoa idosa é morta por um cuidador exausto, quase sempre um familiar —e, em muitos casos, a ação é seguida de suicídio.

Esse fenômeno, conhecido como care killing, é apenas uma das faces da crise demográfica que assola o país, cuja população encolheu em quase 900 mil pessoas no ano passado —a maior queda em 74 anos, segundo o Ministério de Assuntos Internos e Comunicações. Paradoxalmente, o número de pessoas com 65 anos ou mais aumentou, chegando a 36,24 milhões, o equivalente a 29,3% da população.

Os números do care killing vêm de um estudo da professora Etsuko Yuhara, especialista em bem-estar social da Universidade Nihon Fukushi. De 2011 a 2021, 443 mortes foram registradas em 437 casos de assassinatos ou suicídios relacionados ao cansaço extremo de cuidadores. A pesquisa se baseou em reportagens da imprensa e dados do Ministério da Saúde, Trabalho e Bem-estar Social sobre mortes provocadas por maus-tratos a idosos.

Não existem estatísticas oficiais, mas os casos se mantêm entre 20 e 30 por ano, afirma Etsuko. De acordo com a pesquisadora, os principais responsáveis pelas mortes de idosos sob cuidados domésticos são os filhos adultos (55,8%), cônjuges (23,6%), genros ou noras (12,6%) e outros familiares (8%). "A demência é um dos fatores que sobrecarregam os cuidadores, muitos dos quais também são idosos e enfrentam limitações físicas e emocionais", diz ela.



A demência é um dos fatores que sobrecarregam os cuidadores, muitos dos quais também são idosos e enfrentam limitações físicas e emocionais

Etsuko Yuhara
especialista em bem-estar social da Universidade Nihon Fukushi

Hoje, mais de 5,5 milhões de japoneses necessitam de assistência diária. Quase 30% dos cuidadores têm mais de 70 anos. O desequilíbrio entre a demanda crescente e a escassez de mão de obra para atenção doméstica só agrava o problema. Em 2022, o país contava com 2,15 milhões de profissionais atuando no setor. Até 2040, serão necessários pelo menos 2,74 milhões —um déficit que cresce em meio ao envelhecimento da força de trabalho e à baixa natalidade.

Em junho de 2024, um homem de 77 anos foi preso após matar a irmã de 81, que sofria de esquizofrenia havia três décadas. Ele cuidava dela sozinho em casa, em Tóquio, e apresentava sinais de depressão e demência. Em outro caso, Hiroshi Fujiwara, 81, foi condenado por matar a esposa cadeirante, de quem cuidava fazia 40 anos. "Se eu tivesse pedido ajuda para alguém, isso não teria acontecido", declarou no tribunal. No dia do crime, ele planejava se suicidar.

"Esses casos mostram que a relação entre cuidador e idoso nem sempre é de negligência ou animosidade. Muitas vezes, o crime surge do esgotamento total e da ausência de apoio", afirma Etsuko.

Para suprir a carência de mão de obra, o Japão tem incentivado a entrada de estrangeiros no setor. A mineira Joana Cândida da Silva, natural de Três Pontas (MG), está há quatro anos trabalhando como cuidadora em Yokohama. "Por ser estrangeira, preciso redobrar a atenção. Tudo está em japonês, e há muitas regras de segurança", conta. Apesar da correria e das dificuldades com o idioma, Joana gosta do trabalho e diz ser bem tratada pelos japoneses.

Recentemente, ela foi transferida para uma instituição semelhante a uma creche da terceira idade, com assistência diária. Sua rotina inclui verificar o estado de saúde dos idosos que chegam no dia, dar banho, servir refeições e auxiliar nas atividades de recreação, como karaokê e trabalhos manuais.

Entre os brasileiros que residem no Japão, há muitas famílias que decidiram trazer os pais idosos do Brasil para viver com eles. Mieko Takahashi, 58, já cuidava da irmã com deficiência auditiva quando decidiu buscar a mãe, de 91 anos, e a sogra, de 87. "Eu a conheci quando ela já havia recebido o diagnóstico de Alzheimer. É desafiador, mas vejo como meu dever", diz. Para manter a saúde física e emocional, Mieko malha diariamente na academia montada em sua casa. "Isso me dá disciplina. Eu também preciso de um tempo só para mim."

Já Selma Uezu preparou sua casa para receber a mãe, Sueko, 89. A idosa frequenta uma instituição duas vezes por semana, mas quedas e sinais de depressão têm preocupado a família. "Estamos pensando em instalar câmeras para monitorá-la", diz Selma.

Geralmente, os lares de idosos priorizam pacientes com maior grau de dependência. Muitos dos que não se enquadram nessa condição e não têm parentes próximos acabam vivendo a velhice isolados, sem rede de apoio. Em 2024, 76.020 pessoas morreram sozinhas em casa no Japão. Desse total, 76,4% tinham mais de 65 anos.

Em 4.538 desses casos, os corpos só foram encontrados um mês após a morte. A maior parte das vítimas tinha 85 anos ou mais. Assim como o care killing, a morte solitária é outra realidade de um Japão envelhecido —e ainda sem resposta à altura.

Dalai lama se aproxima de seus 90 anos, e tibetanos temem o futuro

Mujib Mashal e Hari Kumar

DHARAMSALA, ÍNDIA | THE NEW YORK TIMES Ao longo de quase sete décadas desde que o dalai lama liderou seu povo —dezenas de milhares de tibetanos— para fora do Tibete a fim de escapar da perseguição da China, ele se dedicou a sustentar uma nação no exílio.

Como líder espiritual e político dos budistas tibetanos, ele estabeleceu uma pequena democracia no Himalaia indiano, com um Parlamento. Criou instituições que incentivaram uma cultura de serviço entre um povo disperso. Em assentamentos de refugiados por toda a Índia, a administração tibetana comanda escolas, clínicas, mosteiros, cooperativas agrícolas e até asilos.

Mas, à medida que o dalai lama completa 90 anos no próximo mês, os tibetanos no exílio ficam ansiosos quanto ao destino de sua nação sem Estado.

O homem que tem sido a força unificadora e o rosto mais reconhecível dos tibetanos está cada vez mais frágil. Seu objetivo de retornar seu povo à terra natal ainda parece distante, enquanto a China trabalha para concluir a tarefa de esmagar o movimento tibetano por autonomia. E, diante de um futuro de exílio contínuo, os tibetanos veem os Estados Unidos e outras potências como aliados cada vez menos confiáveis.



O dalai lama durante cerimônia de preces em templo em McLeod Ganj, na Índia, em maio 7.mai.25/AFP

"Esperamos pelo melhor, mas nos preparamos para o pior", disse Tsering Yangchen, membro do Parlamento tibetano, evocando frase do próprio dalai lama.

Durante as comemorações de seu aniversário, no dia 6 de julho, o dalai lama prometeu revelar um plano para definir seu sucessor, levando em conta as complexidades do momento. A mais urgente: lidar com os esforços da China para sequestrar o processo sucessório. Pela tradição tibetana, a busca pela reencarnação do dalai lama, que se torna seu sucessor, só começa após a morte do atual. Após ser reconhecido ainda bebê, pode haver um hiato de quase 20 anos até que o novo dalai lama seja preparado e assuma o posto.

O dalai lama já sugeriu que pode romper essa tradição, numa aparente estratégia para frustrar os planos chineses e evitar um vácuo de poder que Pequim poderia explorar —já houve intervenções chinesas na história.

"O dalai lama está fora de sua casa e de seu país há 65 anos, e isso já criou uma profunda sensação de dor, raiva, frustração e decepção entre os tibetanos dentro do Tibete", diz Tenzin Tsundue, ativista e poeta tibetano. "Isso vai explodir como um vulcão."

Queda de balão que pegou fogo durante o voo deixa 8 mortos em Praia Grande (SC)

Quatro vítimas pularam do cesto de uma altura elevada, e outras quatro foram encontradas carbonizadas, segundo bombeiros; empresa Sobrevoar diz que condutor era experiente e adotou procedimentos indicados

Catarina Scortecci, Fábio Pescarini e Andreza de Oliveira

CURITIBA E SÃO PAULO Um balão de turismo pegou fogo no ar e caiu por volta das 8h deste sábado (21) em Praia Grande, no sul de Santa Catarina, matando oito pessoas. Outras 13 pessoas sobreviveram e foram encaminhadas para hospitais próximos, com ferimentos.

De acordo com os bombeiros, 21 pessoas estavam a bordo, incluindo o piloto, que sobreviveu. O balão caiu em área de mata, a cerca de 9 km do centro da cidade.

Este é o segundo acidente de balão no Brasil em uma semana. No domingo (15), uma passageira morreu no interior de São Paulo.

A empresa Sobrevoar, responsável pela operação do balão, afirmou em nota que cumpre com "todas as normas estabelecidas pela Anac (Agência Nacional de Aviação Civil)" e destacou não ter registros de acidentes anteriores.

Segundo a empresa, o acidente ocorreu "mesmo com todas as precauções necessárias e com o esforço de nosso piloto, que possui ampla experiência e adotou todos os procedimentos indicados, tentando salvar todos os que estavam a bordo do balão".

Imagens mostram o balão pegando fogo e despencando. Em depoimento, o piloto, Elvis de Bem Crescêncio, disse que as chamas começaram no cesto por causa do maçarico, segundo Tiago Luiz Lemos, delegado de Praia Grande. "Ele [piloto] não soube dizer se o maçarico ficou aceso ou se houve uma chama espontânea, mas o fogo teria começado no maçarico." O condutor afirmou também que o extintor de incêndio não funcionou.

Segundo um piloto de balão ouvido pela reportagem, o maçarico acionado pode ter sido o reserva, que é levado em uma bolsa caso o principal, que é considerado o motor do balão, apague.

Ainda de acordo com o depoimento, após o início do fogo, o piloto começou a baixar o balão. Nesse momento, ordenou que as pessoas pulassem. Treze delas conseguiram deixar o cesto.

Das oito vítimas fatais, quatro foram encontradas pelos bombeiros dentro do cesto do balão e outras quatro estavam próximos do balão, de acordo com o tenente-coronel Zevir Cipriano Junior, do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina.

"Com a saída das 13 pessoas, o balão acabou ficando mais leve e subindo novamente. Quatro pessoas pularam do balão neste momento e outras quatro pessoas acabaram morrendo no cesto, carbonizadas", disse.

Entre os 13 feridos, 5 precisaram ser levados para hospitais e receberam alta médica ainda durante a tarde, segundo o Hospital Nossa Senhora de Fátima.

A Anac disse que estava adotando "providências necessárias para averiguação da situação da aeronave e da tripulação".

Em nota, o Cenipa (Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos), órgão ligado à FAB (Força Aérea Brasileira), disse que investigadores do Seripa V (Quinto Serviço Regional de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos), com sede em Canoas (RS), foram acionados para realizar a ação inicial.

Durante o procedimento, conforme a Aeronáutica, são coletados dados e é feita a verificação inicial dos danos causados ao balão, entre outras informações necessárias à investigação.

O Ministério Público de Santa Catarina divulgou uma nota dizendo que vai acompanhar os desdobramentos do caso no âmbito criminal e cível.

A Confederação Brasileira de Balonismo, entidade que regula a prática esportiva no país, disse se colocar à disposição das autoridades para colaborar com informações ou suporte que possam contribuir com as investigações.

Os voos a bordo de balões de ar quente são uma das atividades turísticas na cidade. Praia Grande fica no limite com o município de Torres, no Rio Grande do Sul. A região tem cânions e é conhecida pela prática do balonismo, geralmente no início da manhã.

Segundo a prefeitura, os voos duram em média de 40 a 50 minutos, de acordo com a condição do tempo na hora do voo. Na manhã deste sábado, o tempo era de céu claro, com poucas nuvens, mas havia "muito vento" no local, segundo relato do delegado-geral da Polícia Civil de Santa Catarina, Ulisses Gabriel.

Ele afirmou ainda que a Polícia Científica esteve no local para perícias e que as vítimas estavam sendo ouvidas.

Em notas, o presidente Lula (PT) e o governador de Santa Catarina, Jorginho Mello (PL), prestaram solidariedade às vítimas.


Bombeiro observa destroços do balão, que caiu em uma área de mata Divulgação/CBMSC





Quem são as vítimas do acidente

Andrei Gabriel de Melo, 34
Médico oftalmologista, atendia nas cidades de Fraiburgo, Campos Novos, Treze Tílias e Caçador, todas a cerca de 450 km de Praia Grande. A Prefeitura de Fraiburgo publicou uma nota em solidariedade à mãe de Andrei, servidora do município

Fabio Luiz Izycki
Era funcionário de uma agência do Banco do Brasil e primo do prefeito de Barão de Cotegipe (RS). Tinha um relacionamento com Juliane Jacinta Sawicki, também vítima

Juliane Jacinta Sawicki
Vivia em Erechim (RS). Era engenheira agrônoma e sócia em uma empresa de consultoria rural

Everaldo da Rocha, 53
Morador de Joinville (SC), estava no balão com a mulher, Janaina, que também morreu

Janaina Moreira Soares da Rocha, 46
Estava a bordo do balão com o marido, Everaldo. Nas redes, a comunidade católica que o casal frequentava manifestou pesar e solidariedade

Leandro Luzzi, 33
De Blumenau (SC), era patinador artístico e foi campeão catarinense. Em 2011, representou o Brasil no Campeonato Mundial de Patinação Artística em Portugal

Leane Elizabeth Herrmann, 70
Nas redes, compartilhava posts sobre a doutrina logosófica. Era mãe de Leise, que morreu no acidente, e de Leciane, passageira que sobreviveu

Leise Herrmann Parizotto
Filha de Leane e irmã da passageira Leciane (que sobreviveu), era médica em Blumenau

Pilotos precisam de registro e de conhecimento do clima

SÃO PAULO Como nas aeronaves motorizadas tradicionais, para praticar balonismo é preciso ser habilitado e ter licença válida. A exceção, segundo a Anac, é para prática esportiva.

Para ter a licença, é preciso fazer aulas em escola de aviação e ter horas de voo com instrutor antes de sair do chão, assim como ocorre com pilotos de avião.

Ainda é preciso registro aeronáutico e certificado de aeronavegabilidade do balão, como no voo de turismo que caiu.

A prática do balonismo é autorizada em espaços de voo designados pelo Decea (Departamento de Controle do Espaço Aéreo).

Além dos documentos em dia, é preciso ter conhecimento de condições do tempo. De acordo com Johnny Alvarez, presidente da Confederação Brasileira de Balonismo, o piloto deve começar a analisar a previsão meteorológica e, principalmente, o vento nas 24 horas antes de voar. "Um dia antes já sabe que está ruim e já se cancela o voo", afirma.

Nunca um operador de balão deve decolar quando o vento alcançar o teto de 10 km/h, explica.

Rogério Daitx, presidente da Federação Gaúcha de Balonismo, descartou que condições climáticas tenham sido a causa do acidente deste sábado. Em entrevista à rádio Gaúcha, disse que outros pilotos decolaram e pousaram sem problemas na região do acidente.

Nos últimos dez anos, apenas dois acidentes de balão, nenhum fatal, foram oficialmente registrados no país pelo Painel de Ocorrências Aeronáuticas na Aviação Civil Brasileira. FP

Eufrázio

Alianças e anéis roubados em SP são vendidos por até R$ 350 o grama

Delegado do Deic cita Paraisópolis, na zona sul paulistana, como destino desses itens

Paulo Eduardo Dias

SÃO PAULO Ladrões de anéis, alianças e correntes de ouro em São Paulo vendem os objetos roubados por peso em favelas da cidade. É o que aponta investigação da Polícia Civil que busca desarticular o comércio ilegal de joias.

A bordo de motos —sozinhos, em duplas ou em grupos—, criminosos têm feito ataques em todas as regiões, tanto em áreas centrais quanto na periferia. Objetos de ouro e celulares são os itens mais visados.

Depois que os itens são arrancados das vítimas, acabam sendo levados a receptadores espalhados em grandes favelas.

As investigações do Deic (Departamento Estadual de Investigações Criminais) apontam Paraisópolis, na zona sul, como um dos destinos de alianças e anéis roubados na capital.

É para lá que parte das joias tomadas em Pinheiros, Itaim Bibi, Morumbi e Butantã, todos na zona oeste, são levadas. Esses locais têm vias de ligação rápida com a favela, como a marginal Pinheiros e a rodovia Raposo Tavares.

Em Paraisópolis, por exemplo, os objetos são colocados em copos descartáveis e pesados. O grama é avaliado entre R$ 200 e R$ 350, pagos na hora para o ladrão que age na rua.

"Na hora, a pessoa que está lá nesse entreposto, vamos dizer assim, pesa e paga pelo peso. Tendo pedra preciosa ou não, sendo uma joia desenhada ou não, seja uma aliança, um cordão de grife ou não, ela paga pelo peso e vai deixando esse ouro lá", afirmou o delegado Clemente Calvo Castilhone Junior, da Divisão de Crimes Contra o Patrimônio.

"Em um caso que estamos trabalhando, captamos a informação que estão pagando R$ 300 e, em certos casos, até R$ 350 o grama. Antes era menos frequente esse teto. Pode ser efeito da repressão e fiscalização", acrescentou o delegado.

O delegado também explicou o que ocorre com o ouro acumulado pelo comprador. "Vem uma outra pessoa, que é a que tem autorização para entrar naquela comunidade, e compra. Esse atravessador já leva para ourives e estabelecimentos, que são objetos das investigações em andamento nesta delegacia."

O preço do quilo de ouro negociado em bolsa atingiu o pico de US$ 110.426,72 (R$ 606.805,87) em 12 de abril, e está em patamar acima dos US$ 108 mil (R$ 593.470) nos últimos dias.

É na Divisão de Crimes Contra o Patrimônio que casos de latrocínio —roubo seguido de morte— têm sido esclarecidos, como o do ciclista Vitor Medrado e o do arquiteto Jefferson Dias Aguiar, vítimas da violência em fevereiro e abril deste ano.

As investigações não indicam a atuação de ourives dentro das comunidades, e sim de criminosos com conhecimento, no geral, sobre os itens que estão adquirindo.

Durante uma apuração, os policiais encontraram um vídeo de como são realizadas as transações finais. A negociação ocorreu justamente em Paraisópolis. Um homem foi detido.

Clemente Calvo afirmou que também há ocorrências em que os criminosos preferem vender os objetos diretamente no centro da cidade, sem passar pelos receptadores nas comunidades.

"Tem outros [ladrões] que pegam uma pequena quantidade, vão ao centro e negociam em comércios indicados por aqueles plaqueiros. Infelizmente, mesmo comerciantes formais —alguns deles, nunca podemos generalizar— compram. Em alguns lugares o comprador vai pedir identificação, vai questionar sobre a procedência, em outros não", afirma o delegado.

Preço do ouro negociado em Bolsa

Por kg, em US$



Fontes: Gold.org

> **"Mesmo comerciantes formais compram"**
>
> Clemente Calvo Castilhone Junior, delegado



APRESENTA

EstúdioFOLHA

Cidade de SP registra menor índice de desemprego desde 2012

Os esforços da Prefeitura de São Paulo na geração de emprego e renda, na qualificação de mão de obra e em incentivos para o desenvolvimento empresarial, em um ambiente juridicamente seguro e de oportunidades, têm colaborado para a redução na taxa de desemprego e na melhoria do rendimento do trabalhador na capital.

A cidade voltou a registrar a menor taxa de desemprego desde 2012, ano em que teve início a série histórica do IBGE, com 5,8% no primeiro trimestre de 2025. Esse índice é menor que a taxa de desemprego nacional, de 7%, e a do Estado, de 6,2%. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), que coleta informações sobre o mercado de trabalho brasileiro.

O levantamento registrou 7 milhões de ocupados no município, com um aumento de 0,33% em relação ao trimestre anterior (6,98 milhões). A taxa de desocupação é de 5,8%, com 432 mil desocupados registrados na cidade.

A renda média mensal do paulistano também é maior: chegou a R$ 5.183 no primeiro trimestre de 2025. Esse valor é 30,5% superior à média registrada no Estado de São Paulo e 56,2% maior que a média nacional.

> Taxa de 5,8% reflete esforços da Prefeitura na geração de empregos e na adoção de políticas públicas para atrair mais empresas para a capital

Para colaborar na redução da taxa de desemprego, uma das ações da Secretaria de Trabalho é oferecer atendimento diário nas unidades do Cate (Centro de Apoio ao Trabalho e Empreendedorismo) e promover regularmente mutirões de emprego.

Para ampliar as chances de recolocação, o Cate possui um portal para buscas de emprego on-line (https://cate.prefeitura.sp.gov.br/). São milhares de vagas de emprego abertas e, além disso, o cidadão conta com cursos de qualificação profissional gratuitos, com direito a certificados.

Divulgação



Ações do Cate, da Secretaria de Trabalho, auxiliam na busca de emprego

INCENTIVOS

O número de empregos cresce ano a ano na capital também em razão da segurança jurídica garantida pelas políticas adotadas e os incentivos que a Prefeitura vem criando para atrair cada vez mais empresas, principalmente as de tecnologia.

As Leis nº 17.719/21 e nº 17.875/22, por exemplo, reduziram a alíquota do ISS de 5% para 2% para atividades desenvolvidas por plataformas digitais que atuam em áreas como aluguéis, transporte de passageiros ou entregas e compra e venda de mercadorias (marketplace), administração de imóveis e atividades de audiovisual e serviços de monitoramento e rastreamento a distância de veículos, cargas e pessoas.

No primeiro trimestre de 2025, foram abertas 50.094 empresas na cidade, com acumulado de 754.071 de 2021 até o primeiro trimestre de 2025.

São Paulo também atraiu empresas de fora: 5.420 empresas migraram para a capital. Desde 2021 até o primeiro trimestre de 2025, foram 79.706. De 2021 até o primeiro trimestre de 2025, as empresas que migraram de outros municípios para São Paulo trouxeram R$ 2,8 bilhões em arrecadação à cidade.

EstúdioFOLHA Conteúdo patrocinado produzido pelo Estúdio Folha


Festa junina no Colégio Santa Cruz, no Alto de Pinheiros, zona oeste paulistana Felipe Iruatã/Folhapress

Festas juninas de escolas de SP ganham clima de megaevento e reclamações de preços altos

Cartão com recarga tira o lugar dos tíquetes impressos e ingressos podem ser comprados online; pai compara evento a camarote

Isabella Menon

SÃO PAULO Cartões por aproximação substituem os antigos tíquetes em papel. O ingresso pode ser obtido online. O sistema de som está robusto e com tecnologia de ponta. Festas juninas ficaram mais modernas, com novas soluções ecológicas e sustentável, mas também ganharam reclamações de preços altos.

"É gritante a questão do preço", diz Rodrigo Baili, cuja filha de cinco anos estuda no Colégio Regina Mundi, na Vila Morais, zona sul de São Paulo. "Você compra mesa. Até para sentar tem que pagar ainda mais. É como comprar um camarote."

Na escola, outro fator o fez se lembrar de baladas: o valor dos ingressos variava por lote, de R$ 23 a R$ 30, e o mais caro era para quem deixasse para comprar na porta. Ele brinca que pelo preço que pagou estava esperando até uma dupla sertaneja famosa. "Achei estranho, mas são os novos tempos. Até as danças estão parecendo mais uma festa das nações do que junina. Uma pena."

Pelas redes sociais, as reclamações revelam um sentimento nostálgico diante das mudanças nas quermesses e, principalmente, espanto com os preços. "Cinquenta reais na entrada de uma festa junina? Tá todo mundo maluco?", questionou a doutoranda Thais Batelli, 28, em uma publicação.

"Estão transformando tudo em um grande evento", diz ela à reportagem. Moradora de Osasco, na Grande São Paulo, Thais afirma sentir falta das festas de bairro. No ano passado, deixou de ir à festa junina da escola da sobrinha, que aconteceu em um parque e cobrava R$ 50 de entrada. Neste ano, o irmão nem a convidou. "Acho que ele entendeu que o preço era abusivo."

Em colégios tradicionais de São Paulo, o lado moderno se misturou ao tradicional, mas por uma boa razão. É o caso de escolas como o Santa Cruz, no Alto de Pinheiro, zona oeste, e o Colégio Magno, no Jardim Marajoara, zona sul, que implementaram o uso de cartões de consumo nos últimos anos. No primeiro, a prática ajuda o meio ambiente ao evitar impressão de papel; no segundo, a solução agiliza filas e facilita o controle do evento.

Neste ano, os cartões do Magno foram disponibilizados antes mesmo do início da festa, para que as famílias pudessem carregá-los antecipadamente. A escola também investe em estrutura de som e iluminação com tecnologia de ponta, garantindo qualidade e respeitando o fluxo do público.

O tamanho das festas varia de escola para escola. O Santa Cruz afirma manter o público estável, com cerca de 9.000 pessoas por edição. O Magno diz que reuniu 5.500 pessoas neste ano, mais de 30% em relação a 2023.

No Gracinha, colégio localizado no Itaim Bibi, zona oeste paulistana, que também adotou cartões recarregáveis no ano passado, os ingressos passaram a ser vendidos online, pela plataforma Sympla. A mudança resultou em mais agilidade, organização e controle, segundo a escola. Parte das barracas tem caráter beneficente: a renda é revertida para atividades pedagógicas externas e para o fundo de bolsas de estudo.

A Escola da Vila, no Butantã, também na zona oeste, por sua vez, optou por simplificar. Depois de testar cartões de aproximação, que acabaram gerando transtornos, decidiu facilitar a experiência do público. Agora, quem vai ao arraial pode pagar diretamente com cartão de crédito ou débito. A entrada é gratuita, mas há ingressos solidários online, cujo valor — de R$ 50 a R$ 400— é destinado ao projeto de bolsas de estudo.

Antes, as contribuições vinham em forma de doações de alimentos, o que exigia logística extra para distribuição. "Com o valor em dinheiro, conseguimos sustentar o projeto por mais tempo e beneficiar mais famílias", diz Luísa Furman, coordenadora do setor cultural da Escola da Vila.

Seegundo o consultor Christian Rocha Coelho, do Grupo Rabbit, cada vez mais escolas têm terceirizado a festa junina. Com isso, o lucro nas festas despenca e as festas acabam sendo promovidas mais para manter a tradição do que ganhar dinheiro. "Pais não conseguem mais ajudar nas festas como antes, quando participavam ativamente."

Uma das escolas que optou por terceirizar algumas atrações é a Criativa, na Vila Olímpia, zona oeste. De origem cristã, a escola promove festividades com outros nomes e não celebra o São João. Neste ano, a temática foi Festa Country, mas já houve anos em que foi celebrada a cultura nordestina, segundo a mantenedora do colégio Sheila Okagawa. "A gente consegue manter a cultura em relação às brincadeiras e comidas típicas, apenas não relacionamos a determinado santo", diz ela.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

JOSÉ ISRAEL VARGAS (1928 - 2025)

Foi cientista, professor, ministro e humanista

José Israel Vargas recebeu condecorações em três países

Bruno Lucca

SÃO PAULO José Israel Vargas teve uma vida de muitas aventuras. Foi professor, pesquisador e ministro. Viveu no Brasil, na Inglaterra e na França. Dividiu o coração entre a África e Minas Gerais.

Nascido na cidade mineira de Paracatu, em 1928, formou-se químico na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), mesma instituição na qual foi professor catedrático de físico-química e química superior e, em 1989, recebeu o título de professor emérito.

Em 1992, foi nomeado ministro da Ciência e Tecnologia por Itamar Franco. Ficou no cargo até 1999, com Fernando Henrique Cardoso. Sua comunicação fácil e temperamento dócil marcaram a passagem.

Como docente da UFMG, Vargas dirigiu o Instituto de Pesquisas Radioativas. Em 1964, seu laboratório foi tomado pela ditadura militar, e ele foi afastado de suas funções federais. Partiu para o exílio na França, onde ficou por quase sete anos e atuou como líder de pesquisa no Centro de Estudos Nucleares do Comissariado de Energia Atômica, sediado na cidade de Grenoble.

No exterior, teve muitos outros cargos. Foi, por exemplo, embaixador do Brasil na Unesco e presidente do seu conselho executivo. Lá, deixou como marca a criação de bolsas de estudo para estudantes africanos de países de língua portuguesa, ideia materializada no programa Paula Domingues Vargas, instituído em 2004 por meio de convênio firmado entre a UFMG e a Unesco.

À época, foram beneficiados 53 estudantes africanos. Vargas tinha a África como uma das prioridades em razão dos graves problemas enfrentados pelo continente nas áreas de educação, economia e saúde.

O nome do programa foi uma homenagem à filha dele, Paula Domingues Vargas, que se formou em música na UFMG e morreu logo após concluir seus exames finais, em 1981.

Vargas foi ainda presidente da Academia Brasileira de Ciências de 1991 a 1993 e da Academia Mundial de Ciências por dois mandatos.

Ele foi condecorado com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, com a Ordem Nacional da Legião de Honra da França e com o título de Cavaleiro Honorário Comandante da Divisão Civil da Ordem do Império Britânico.

Morreu em 15 de maio, aos 97 anos. Ele era viúvo e deixa as filhas Maria, Joana e Cláudia.

"O professor José Israel Vargas teve uma longa e significativa história com a UFMG e sempre manifestou grande carinho pela universidade. O legado que ele deixa é muito importante e ficará conosco", disse a reitora Sandra Goulart Almeida, que era próxima de Vargas e o recebeu algumas vezes nos últimos anos.

O QUE FAZER EM CASO DE MORTE
Serviço Funerário Municipal de São Paulo Central 156 Tel. (11) 3396-3800; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario
Anúncio pago na Folha Tel. (11) 3224-4000. WhatsApp (11) 99646-9069. Seg. a sex.: 10h às 19h.


Marcos Peron - 30.nov.1996/Folhapress

Eufrázio

O Fla x Flu sem Fla x Flu

Quando acabou o campeonato olhamos em volta, pasmos, como que acordando de um surto

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Não sei quando começamos a usar o Fla x Flu para ilustrar a polarização política, sei é que de 2013 em diante fomos do clássico pra várzea, valendo carrinho por trás, dedo no olho e dentada na orelha. Na última segunda, no Roda Viva, o sociólogo Felipe Nunes usou o termo "calcificação" para se referir à solidez das nossas divergências.

Eu, otimista incansável e patriota que sou, recusando-me a aceitar tal cisão como um destino incontornável, perguntei à IA: "Qual a melhor maneira de dissolver ossos?". O ácido fluorantimônico, me diz o claudicante oráculo de silício, é capaz de dissolver a maior parte dos materiais existentes, ossos inclusive. (A IA me avisa, porém, que levaria dias ou semanas para dissolver um corpo humano inteiro, de modo que se você estiver, agora, com um cadáver em seu porta-malas decidindo qual a melhor forma de se livrar dele, sugiro procurar outra fonte que não esta coluna).

Foi na segunda que descobri o ácido fluorantimônico. Foi na quinta que descobri não ser ele o esperado descalcificante do debate nacional. Nosso Fla x Flu seria resolvido, pasmem pela surpreendente obviedade da resposta, pelo Fla e pelo Flu. E também pelo Palmeiras e pelo Botafogo. E a história que contarão nossos filhos a nossos netos, nossos netos a nossos bisnetos e assim por diante, per saecula seculorum, será a seguinte. Era uma vez um país cindido. Ceias de Natal terminavam com coxas de peru voando, fios de ovos no teto e berros de "E o PT?!", "Fascista!", "Vai pra Cuba!", "Terraplanista!". Pais e mães em grupos de zap da escola não conseguiam combinar um piquenique sem que "mortadela" e "coxinha" fossem gatilhos a disparar rajadas de ofensas. O Brasil parecia uma causa perdida.



Adams Carvalho

Com o passar dos dias todos passaram a se sentir parte do mesmo movimento, era, como diria Nelson Rodrigues, o renascimento da 'pátria de chuteiras'

Eis então que no dia 14 de junho de 2025 começou um campeonato de futebol para o qual ninguém estava dando muita bola, a Copa do Mundo de Clubes. Nos primeiros jogos dos times brasileiros, Palmeiras, Botafogo, Flamengo e Fluminense, não houve grande comoção. Talvez pela tibieza de seus adversários: Porto, Seattle Sounders, Espérance, Borrusia, Al Ahly. No dia 19 de junho, contudo —data que seria comemorada, dali em diante, como "O dia da união"—, o Botafogo enfrentou a melhor equipe do mundo, o campeão europeu, PSG.

Há quem diga que foram os 90 minutos mais importantes do século 21. Aos poucos, ao longo do jogo, flamenguistas e fluminenses, palmeirenses e corintianos, são-paulinos e santistas, cruzeirenses e atleticanos começaram a sentir um negócio diferente. Pela primeira vez, deram-se conta, estavam torcendo pra outro time que não o próprio. E quando o Botafogo, defendendo-se da Blitzkrieg gálica, conseguiu penetrar o território inimigo e marcar um gol, torcedores de todas as agremiações gritaram "Aqui é Brasil, porra!".

Naquela noite ainda houve quem, por ceticismo ou má vontade, creditasse o retumbante ufanismo ao acaso. Acontece que no dia seguinte o Flamengo enfrentou o Chelsea e foram três, meus amigos, três tentos contra os bretões —e cada vez que balançava a rede trepidava o muro de ossos a nos separar. Com o passar dos dias todos passaram a se sentir parte do mesmo movimento, era, como diria Nelson Rodrigues, o renascimento da "pátria de chuteiras" —num momento em que nenhum de nós acreditava mais nem em nossa pátria, nem em nossas chuteiras.

Quando acabou o campeonato olhamos em volta, pasmos, como que acordando de um surto. Limpamos os fios de ovos do teto, recolhemos as coxas de peru debaixo do sofá. Irmão reatou com irmão. Mãe fez as pazes com filha. O zap da escola conseguiu marcar um piquenique —teve até coxinha de mortadela— e todos viveram felizes para sempre.

DOM. Antonio Prata SEG. Becky S. Korich / Giovana Madalosso TER. Vera Iaconelli QUA. Ilona Szabó de Carvalho / Jairo Marques QUI. Sérgio Rodrigues SEX. Tati Bernardi SÁB. Oscar Vilhena Vieira / Luís Francisco Carvalho Filho

Ensino básico não prepara para vestibular de artes

Prova de habilidades específicas, etapa extra exigida na área, não deve ser vista como obstáculo, diz professora

★★★ **SÉRIES FOLHA**
FOLHA ESTUDANTES

Gustavo Gonçalves

SÃO PAULO Daniel Viana, 23, descobriu sua paixão pelo teatro ainda na infância, levado pelos pais a peças e espetáculos. O contato com a arte fez com que ele decidisse, no ensino médio, seguir carreira na área e prestar licenciatura em artes cênicas na USP (Universidade de São Paulo), um dos cursos que exigem uma etapa extra no vestibular, a prova de habilidades específicas.

"Na época, não existia nada que me preparasse para essa etapa. Tive que me virar sozinho", conta. Para ele, que está no último semestre do curso, a prova é contraditória. "Por um lado, ela exclui. Por outro, é muito bonita. Você esquece que está sendo avaliado."

A chamada prova de habilidades específicas busca avaliar se o candidato tem domínio mínimo das competências práticas exigidas pelo curso —como tocar um instrumento, interpretar uma cena ou desenvolver uma proposta visual.

> **"Na época, não existia nada que me preparasse para essa etapa. Tive que me virar sozinho"**
>
> **Daniel Viana**
> estudante artes cênicas

Música, dança, artes visuais, arquitetura e artes cênicas estão entre as graduações que costumam aplicar esse tipo de exame. As provas variam conforme a área e podem incluir entrevistas, apresentações, exercícios técnicos, leitura de textos teóricos ou atividades em grupo.

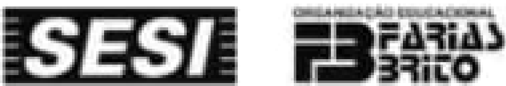
A avaliação costuma ser feita por professores dos próprios cursos e combina critérios objetivos e subjetivos, como criatividade, expressividade e compreensão do material proposto. Na USP, a prova de artes cênicas dura quatro dias e inclui etapas teóricas com bibliografia obrigatória, oficinas de criação coletiva e uma entrevista oral.

Especialistas associam a existência dessas provas à ausência das artes na educação básica.

A professora Luciana Sayure, coordenadora da graduação em música da USP, reforça que a prova específica não deve ser vista como obstáculo, mas como um mecanismo de alinhamento com as exigências do curso. "Não dá para formar um músico do zero em apenas quatro anos", afirma.

A **Folha** oferece assinatura gratuita para estudantes que se inscreverem no Enem

Apoio



NICOM
LUGAR DE GENTE MUITO, MUITO FELIZ!
Incefra-Piso 74x74 Phd70430 Ret Cx2,19m2 De: 38,90 Por: 29,90
Deca-Torneira Mesa Link 1197clnk De: 299,90 Por: 239,90
Quartzolit-Tecplus Lastic 7000 Cx 18kg De: 229,90 Por: 179,90
Mactra-Imperall 10 Em 1 18kg De: 319,90 Por: 249,90
Suvinil-Massa Corrida 25kg De: 109,90 Por: 89,90
Celite-Ducha Higienica C/Deriv Up Cr B5008clcrb De: 349,90 Por: 279,90
Votomassa-Argamassa Porcelanato Cinza Interno 20kg De: 32,90 Por: 25,90
TEL.:(11) 5033-2000
(11) 98200-1400
AMPLO ESTACIONAMENTO: 200 VAGAS / R. ÁTICA, 47 - BROOKLIN SÃO PAULO/SP
SAC (11)5033-2020
VISITE NOSSO SITE: www.NICOM.com.br

Eufrázio

Parada do Orgulho celebra 'envelhecer LGBT' neste domingo em São Paulo

Vice-presidente do evento, que acontecerá na avenida Paulista, afirma que aceitação 'cresceu bastante', mas vê recuos por questões relacionadas a crença e política

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO Cláudia Regina lembra bem como era viver sua homossexualidade lá pelos seus 16, 17 anos, na década de 1980. De forma quase clandestina.

A bebida da moda era a cuba libre, "os barzinhos de lésbica tocavam muita MPB", e poucos ousavam circular panfletos militantes.

"Eu frequentava, mas não lembro de se falar nada em direitos [LGBTQIA+]. Existia o medo da repressão, não queriam se associar [à causa]". Afinal, ainda era o Brasil da ditadura militar.

Hoje Cláudia Regina, 62, é vice-presidente da Parada do Orgulho LGBT+, que realiza sua 29ª edição neste domingo (22), na avenida Paulista, na região central de São Paulo, às 10h.

O tema deste ano, "Envelhecer LGBT+: Memória, Resistência e Futuro", faz Cláudia rememorar sua jornada pessoal nestas quase três décadas.

Ela só entrou para a organização em 2002, mas já havia ido antes ao que se transformaria no maior evento de diversidade sexual e de gênero do país.

Na sua juventude, diz, quem se montava não "podia sair maquiado de dia, só se soltava mesmo à noite nos bares". Beijo gay ou andar de mãos dadas em público, então, nem pensar. "Mesmo as travestis que faziam show iam desmontadas."


Público na Parada do Orgulho LGBTQIA+ de 2024, em São Paulo Eduardo Knapp - 2.jun.24/Folhapress

Cláudia diz que a aceitação "cresceu bastante" na sociedade de lá para cá, ao mesmo tempo em que recuos assustam. "Vieram aliados da comunidade hétero, mas o preconceito está vindo de outra forma. Antes era o Estado que nos limitava. Hoje tem cidadãos que fazem isso, por questão de crença, por questão partidária."

Emergiram também novos debates. Antes, praticamente, quase que só se falava em gay e lésbica. "Agora tem essa coisa binária, não binária, e a própria transsexualidade evoluiu bastante. Nos anos 1980 não se falava isso, a única conhecida da questão era a Roberta Close."

De fato, a programação desta parada espelha o quão amplo é esse arco de diversidade. Serão 17 trios elétricos, dedicados a temas como trans/travesti, lésbicas e famílias LGBTQIA+. Entre as atrações, Pedro Sampaio, Pepita e Banda Uó. Segundo a organização, a programação de trios elétricos deve começar às 12h30.



> **Antes era o Estado que nos limitava. Hoje tem cidadãos que fazem isso, por questão de crença**
>
> **Cláudia Regina**
> vice-presidente da Parada LGBT+

Valder Bastos, 55, estará por lá também. Ele se formou em direito, depois na escola de teatro Macunaíma. Naquela época, distribuía flyers na porta da Nostromondo, castelinho na rua da Consolação conhecido como a noite LGBTQIA+ mais antiga da América do Sul — foi lá que confundiram Adriane Galisteu, em início da carreira, com uma drag queen.

Desde a virada do século ele encarna a drag queen Tchaka, pouco depois da primeira parada, de 1997. Essa edição seminal aconteceu sob o mote "somos muito, estamos em várias profissões".

Um convite da época usava a sigla GLT (gays, lésbicas e travestis) e propunha: "Venha montada, desmontada, fantasiada, casada, descasada, solteira, de bota ou de tamanco. Afinal, quem vai notar você no meio da multidão?". Estima-se que cerca de 2.000 pessoas compareceram.

Ao longo desses anos todos, "foram muitos desafios, ameaças de morte, de espancamento, de bomba", afirma Bastos. A hostilidade aumentou durante o governo Jair Bolsonaro (PL). Como Tchaka, ele apareceu numa imagem segurando uma escultura de silicone da cabeça do então presidente.

A parada "é para chacoalhar a sociedade até ela entender que faz parte do problema da LGBTfobia, mas também faz parte da solução", diz.

classificados

11 3224-4000

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados

Formas de pagamento cartão de crédito, boleto bancário ou pagamento à vista

EMPREGOS

PIZZAIOLO

EMPREGADOS PROCURADOS

P

PCD - ÁREAS DIVERSAS

#siga a folha

A OSS/SPDM - HOSPITAL DAS CLÍNICAS LUZIA DE PINHO MELO

Seleciona:

Pessoas com Deficiência para vagas de:

- ✓ Auxiliar Administrativo,
- ✓ Aprendiz,
- ✓ Telefonista,
- ✓ Recepcionista,
- ✓ Fisioterapeuta,
- ✓ Auxiliar de Governança,
- ✓ Enfermagem,
- ✓ Terapeuta Ocupacional,
- ✓ Escriturário, entre outras.

Os interessados devem se cadastrar no site www.gupy.io ou através da leitura do QRCode

GUPY

A OSS – Hospital das Clínicas Luzia de Pinho Melo, recruta currículos de médicos nas seguintes especializadas:

MÉDICO ESPECIALISTA EM NEUROLOGIA INFANTIL; MÉDICO PSIQUIATRA; MÉDICO ESPECIALISTA EM CIRURGIA VASCULAR; MÉDICO CIRURGIÃO PLÁSTICO para Atendimento Ambulatorial e Procedimentos Cirúrgicos inclusive Reconstrução Mamária; **MÉDICO UROLOGISTA**; Médico especialista em Medicina do Trabalho; Médico especialista em Nutrologia; **MÉDICO ANESTESISTA**; Médico especialista em Oftalmologia; Médico especialista em Otorrinolaringologia; Médico especialista em procedimentos de USG Geral e Doppler; Médico especialista em procedimentos na área de Exames de Endoscopia, Colonoscopia e Retossigmoidoscopia; Médico especialista em Radioterapia; Médico especialista em realização de exames Broncoscopia e para atuação em ambulatório na especialidade de Cirurgia Torácica; Médico especialista em realização de exames de Angiografia Vascular Periférica com ou sem procedimento; Médico especialista em realização de exames Prova de Função Pulmonar (Espirometria); Médico especialista em Terapia Intensiva Adulto; Médico especialista em Terapia Intensiva Infantil; Médico especialista em Ultrassonografia; Médico especialista em Oncologia; Médico especialista Pneumologista; Médico Hemodinamicista – Cardiologia; Médico Nefrologista Adulto e Infantil para atendimento ambulatorial, acompanhamento de pacientes nas Unidades de Internação e em procedimentos de diálise; Médico Neurologista para execução de exames de Eletroneuromiografia. Os interessados devem encaminhar currículo via e-mail para contratos@hclpm.spdm.org.br e selecao@hclpm.spdm.org.br.

Empresa de ônibus, localizada na Zona Sul de SP, contrata:

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Vagas Para:

Motorista
Manobrista
Fiscal
Ajudante Geral

Desejável experiência e disponibilidade de horário.

Enviar currículo para o e-mail: treinamento2@wolffsp.com

CORPUS Saneamento e Obras Ltda

VAGAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (PCD)

BUSCAMOS PROFISSIONAIS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS PARA ATUAR EM DIVERSAS ÁREAS

Os interessados deverão enviar currículo e laudo médico, que descreve o tipo de deficiência apresentada e limitada decorrente para o e-mail abaixo.

curriculosp@corpus.com.br

IMÓVEIS

INTERIOR, LITORAL OUTROS ESTADOS

PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA LIGUE AGORA 11/3224-4000

VENDO APARTAMENTO

LITORAL - SANTOS\SP

Três Quartos - 87,80m2

Marapé - Rua Alfredo Shammas

Uma Quadra do VLT - 700 metros da PRAIA

ACEITA FINANCIAMENTO $ 395.000,00

Fone 13 99706-8572

Direto c/ proprietário

NEGÓCIOS

LEILÕES

LEILÃO DE BEBIDA

EMPRESAS COMPRA/VENDA

CLASSIFICADOS FOLHA 11/3224-4000

ACOMPANHANTES

AMANDA

LOTÉRICAS IMPERDÍVEIS

Rentabilidade: 2% a 3%

Atibaia, Lucro $ 25 mil, $ 900 mil	Lençóis Paulista, Nobre, R$ 450 mil
Penápolis, Lucro $ 28 mil, Ac. Permuta	Pres. Epitácio, Oport. R$ 650 mil
Campinas, Nobre, 18 mil, 650 mil	Sorocaba, Nobre, Preço. $ 180 mil
Campinas, Superm, Lucro$ 8 mil, $ 320 mil	Sorocaba, Superm. $ 19 mil $ 960 mil
Campinas, Nobre, Lucro $ 24 mil	Votorantim, Lucro 6 mil, $ 230 mil
Holambra, Nobre, Lucro $12 mil	ZN-SP, Lucro, $ 14 mil, $ 550 mil
Ibitinga, Grande, Lucro $ 24 mil	ZS-SP, Lucro, $ 7 mil, 300 mil
Itatiba, Lucro $ 24 mil, $ 1.080 mil	Joinville SC, Top, Lucro 17 mil
Jundiaí, Lucro, 24 mil, R$ 700 mil	Maracaju MS, Lucro R$ 14 mil
Jundiaí, Lucro $ 66 mil, Ac Permuta	Três Lagos MS, R$ 550 mil, Ac. Permuta

MPUGA Negócios WhatsApp (19) 9 9653-2020

Formas de pagamento cartão de crédito, boleto bancário ou pagamento à vista

Os anúncios com este símbolo têm fotos, para vê-las digite o código que acompanha o sinal no site folha.com/classificados

classificados@grupofolha.com.br

Eufrázio

PATROCÍNIO ambipar JBS | APOIO LIBERTA VALE



Exposição 'De Paris a Belém - Dez Anos de Ações Mundiais pelo Clima', na capital francesa Guillaume Bontemps/Prefeitura de Paris/Divulgação

Paris lembra 10 anos do acordo climático com exposição e projeta a COP30

Capital francesa reúne prefeitos para discutir objetivos da cúpula de Belém a partir desta segunda; mostra faz contagem regressiva e destaca fotos de Sebastião Salgado

André Fontenelle

PARIS Um telão na Prefeitura de Paris começou a marcar, desde esta sexta-feira (20), os dias, horas, minutos e segundos que faltam para a COP30, conferência climática das Nações Unidas que será realizada em Belém. A capital francesa, onde há dez anos foi assinado o Acordo de Paris, mais importante tratado internacional sobre o clima, realiza nesta semana dois eventos para promover a cúpula de novembro no Brasil.

A contagem regressiva, à moda dos Jogos Olímpicos, faz parte da exposição "De Paris a Belém - Dez Anos de Ações Mundiais pelo Clima", que retraça a história da luta contra o aquecimento global. Logo na entrada, imagens feitas na amazônia pelo fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado (que morreu em maio, aos 81 anos, de leucemia) alertam o visitante para a ameaça de destruição do bioma.

Além da mostra, nesta segunda (23) Paris recebe prefeitos do mundo inteiro para uma cúpula sobre o papel das cidades na redução dos poluentes e na adaptação às mudanças climáticas.

Na cúpula, estão previstas intervenções do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (PSD), que fará o discurso de encerramento; da diretora-executiva da COP30, a brasileira Ana Toni; e do presidente do Conselho Europeu, o português António Costa.

Em um dos painéis da exposição "De Paris a Belém", há uma foto oficial de 2015, quando o Acordo de Paris foi negociado por 196 delegações. Quase nenhum dos líderes de então continua no poder. Uma das exceções é justamente a prefeita de Paris, a socialista Anne Hidalgo —na época recém-eleita, e agora no último ano de seu segundo mandato.

Hidalgo disse à **Folha** na quinta-feira (19) que é preciso que haja um Acordo de Belém, assim como houve um Acordo de Paris em 2015.

"Não conseguimos limitar o aumento da temperatura ao 1,5°C que estabelecemos, mas, se não tivéssemos o Acordo de Paris, estaríamos com 5 graus a mais", afirmou a prefeita. "Será preciso um novo acordo, cujas metas sejam definidas e atingidas, para permitir a vida neste planeta."

Segundo ela, um dos objetivos da cúpula de prefeitos desta segunda é "tentar dizer que algumas coisas foram feitas, principalmente pelas cidades".

"Pedimos a cerca de 50 cidades que contem aquilo de que mais se orgulham, e aquilo que o Acordo de Paris permitiu que realizassem", explicou Hidalgo. "Queremos inserir o trabalho dessas cidades no âmbito das COPs, das conferências sobre o clima, em um momento de retrocessos, em um momento em que não foram atingidos os objetivos do acordo."

Além do prefeito do Rio, estarão presentes os governantes de cidades como Atenas (Grécia), Barcelona (Espanha), Brazzaville (República do Congo), Douala (Camarões), Milão (Itália) e Montreal (Canadá).

Uma parte da mostra será levada a Belém para ser exposta durante a COP30, explicou a prefeita de Paris.

Em seus 11 anos à frente da cidade de 2 milhões de habitantes, Hidalgo notabilizou-se pelas iniciativas ambientais. Medições mostram que alguns índices de poluição do ar caíram pela metade em Paris. Ela aumentou o número de áreas verdes e de ruas para pedestres, enfrentando fortes críticas da oposição. Em novembro do ano passado, a prefeita anunciou que não será candidata a um terceiro mandato, na eleição marcada para março de 2026.

Hidalgo acaba de plantar uma "minifloresta urbana" na esplanada diante da sede da prefeitura, o Hôtel de Ville, um palácio do século 19 próximo à catedral de Notre-Dame. Estudos preveem que na segunda metade do século haverá máximas de 50°C em Paris, e a prefeitura lançou projetos de arborização da cidade como preparação para tais temperaturas.

A "floresta" foi inaugurada no início do mês pelo presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva (PT), durante visita oficial à França. "Contamos muito com a força de Lula. O fato de a COP acontecer no Brasil é uma ótima notícia", concluiu Hidalgo.

Na fachada do Hôtel de Ville, foram instalados dois painéis gigantes concebidos pelo artista americano Shepard Fairey, também conhecido como Obey. Ele é o autor do famoso pôster "Hope", que se tornou ícone da campanha de Barack Obama à Presidência dos Estados Unidos em 2008.

Os painéis de Obey mostram dois olhos derramando uma lágrima. "É para atrair a atenção de quem olha e fazer pensar nas consequências das mudanças climáticas e da destruição ambiental", explicou o artista na inauguração da obra. "Qualquer um que vê um olho lacrimejante consegue entender o sofrimento. E nosso planeta está sofrendo."



Falta de transparência favorece lobistas

As regras frouxas para ter acesso às COPs, combinadas à falta de salvaguardas de transparência pelo órgão das Nações Unidas para as mudanças climáticas, têm permitido que lobistas a serviço da indústria de combustíveis fósseis participem amplamente das negociações sobre o clima. A conclusão é de um novo relatório publicado pela ONG Transparência Internacional.

Planeta deve esgotar o 'orçamento' de carbono em até três anos

Attracta Mooney

FINANCIAL TIMES As emissões de gases de efeito estufa, em níveis recordes, devem esgotar o "orçamento" de carbono do planeta em até três anos, superando mais um marco preocupante e reduzindo drasticamente as chances de limitar o aquecimento global a 1,5°C, segundo cientistas.

O chamado orçamento de carbono representa a quantidade máxima de gases-estufa que pode ser emitida para manter uma chance de 50% de limitar o aquecimento a 1,5°C acima dos níveis pré-industriais, meta preferencial do Acordo de Paris, de 2015.

Essa meta parece cada vez mais inalcançável, afirmou Joeri Rogelj, professor de ciência e política climática no Imperial College London e coautor de um estudo conduzido por mais de 60 cientistas internacionais, publicado na revista Earth System Science Data nesta quinta (19).

"Seja qual for o caminho adotado, há uma probabilidade muito alta de atingirmos —e até ultrapassarmos— 1,5°C, e níveis ainda mais altos de aquecimento", disse Rogelj. "Já estamos em um momento decisivo para evitar aumentos ainda maiores."

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) da ONU estimou, em 2021, que o orçamento de carbono restante era de 500 bilhões de toneladas de CO_2. O novo estudo aponta que esse espaço caiu para 130 bilhões de toneladas em 2024.

A pesquisa demonstra o quanto os indicadores climáticos estão "seguindo rapidamente na direção errada", afirmou Piers Forster, diretor do Priestley Centre for Climate Futures da Universidade de Leeds e autor do estudo.

O estudo tem como objetivo preencher o intervalo entre os grandes relatórios do IPCC. Os próximos só devem ser publicados em 2029.

Os cientistas estimam que a temperatura média global na década que se encerra em 2024 será 1,24°C acima dos níveis pré-industriais, sendo 1,22°C atribuídos ao aquecimento causado por atividades humanas.

130 bilhões

de toneladas é o orçamento de carbono apontado por pesquisadores no novo estudo; a marca anterior, em 2021, era de 500 bilhões de toneladas

Nova terapia melhora sobrevida e sintomas do câncer de ovário

Estudo mostra benefícios do tratamento, ainda em fase de testes, para pacientes que não respondem à quimioterapia padrão

Laiz Menezes

SÃO PAULO Estudo internacional publicado na revista The Lancet apontou uma combinação experimental de medicamentos que pode prolongar a vida de mulheres com câncer de ovário que não respondem à quimioterapia padrão à base de platina.

A abordagem está ainda em fase de testes. A pesquisa envolveu centros de 14 países, incluindo o Brasil, e mostrou uma redução de 30% no risco de progressão do câncer e um aumento de quatro a cinco meses na sobrevida global das pacientes.

"Quando o tumor chega nesse estágio de resistência à platina, a sobrevida média gira em torno de um ano", afirma Mariana Scaranti, líder nacional da oncoginecologia da Rede Américas e uma das autoras do estudo.

Sabina Aleixo, diretora técnica do Hospital Evangélico de Cachoeiro de Itapemirim (ES) e do Instituto de Oncologia Sul-Capixaba, diz que o tratamento do câncer de ovário tem como base quimioterápicos derivados da platina, como cisplatina e carboplatina. "Esses medicamentos são usados desde a primeira linha de tratamento e também em recidivas. Dizemos que o câncer é resistente à platina quando volta a crescer em menos de seis meses após o fim da quimioterapia."

Essa resistência representa um desafio, diz a médica, pois limita as opções terapêuticas e está associada a um pior prognóstico. A doença tende a se comportar de forma mais agressiva e menos responsiva aos tratamentos, o que exige alternativas inovadoras —muitas vezes ainda com eficácia limitada.

A segunda autora brasileira do estudo, Aknar Calabrich, oncologista da Clínica AMO, na Bahia, destaca que o tratamento conseguiu retardar o crescimento da doença. Outro ponto positivo, segundo ela, foi a redução da ascite, acúmulo de líquido no abdômen.

Foram avaliadas 381 mulheres no estudo: 188 receberam a nova combinação de medicamentos, e o restante recebeu apenas o nab-paclitaxel, tratamento padrão nesses casos. A pesquisa foi realizada entre 5 de janeiro de 2023 e 8 de abril de 2024.

Os pesquisadores testaram se a combinação dos medicamentos relacorilant (ainda em fase experimental) e nab-paclitaxel seria eficaz e segura. O nab-paclitaxel atua diretamente contra as células tumorais, com menos efeitos colaterais que o paclitaxel convencional. Já o relacorilant bloqueia a ação do cortisol, hormônio que pode ajudar o tumor a resistir ao tratamento.

A ideia é que, juntos, os dois medicamentos superem a resistência do câncer à platina e aumentem a eficácia da quimioterapia, aponta Scaranti.

A sobrevida livre de progressão, tempo que a paciente vive com a doença controlada, aumentou em cerca de um mês no grupo que recebeu a combinação. Na sobrevida global, houve um ganho de quatro a cinco meses. Os eventos adversos foram semelhantes nos dois grupos, incluindo anemia, fadiga e náuseas. Nenhum novo sinal de toxicidade foi identificado.

O estudo foi realizado em diversos centros de pesquisa brasileiros, o que, segundo Calabrich, é importante para ampliar o acesso de pacientes a tratamentos pioneiros. Ela destaca, no entanto, que ainda há um caminho até que a droga esteja disponível no país.

"Existe todo um trâmite por parte da indústria, das agências regulatórias, da parte comercial, que precisa ser seguido."

O relacorilant não está aprovado para uso em nenhum país. A expectativa é que a agência regulatória dos EUA avalie o pedido até o final de 2025, segundo nota divulgada em março pela Corcept, fabricante do medicamento. No Brasil, o medicamento ainda não foi submetido à avaliação da Anvisa.

O novo medicamento representa um avanço, mas o câncer de ovário resistente à platina ainda é desafiador, diz Scaranti. "O ganho de cinco meses em sobrevida mediana é modesto, mas relevante diante das opções limitadas. Ainda temos muito o que fazer em pesquisa clínica para melhorar o cuidado dessas pacientes, mas isso mostra que há mais opções sendo testadas."

O número estimado de novos casos de câncer de ovário no Brasil, para cada ano do triênio de 2023 a 2025, é de 7.310. Sem considerar os tumores de pele não melanoma, o câncer de ovário ocupa a 19ª posição entre os tipos mais frequentes na população em geral. Nas mulheres, é o oitavo câncer mais incidente.



Paulo Hoff, oncologista da Rede D'Or, em gravação de curso na CasaFolha Zanone Fraissat/Folhapress

'Câncer não é uma sentença de morte', afirma Paulo Hoff em curso na CasaFolha

Uirá Machado

SÃO PAULO Como oncologista, Paulo Hoff sabe quanto um diagnóstico de câncer pode assustar pacientes e seus familiares. Trata-se, afinal, de uma das principais causas de morte nos mais diversos países. Mas nem por isso ele vê motivo para pessimismo. Ao contrário.

"Eu acredito fielmente que câncer não é uma sentença de morte. O câncer pode ser curado", diz Hoff, que é professor titular da Faculdade de Medicina da USP e presidente da Oncologia da Rede D'Or. "Os resultados são muito melhores hoje do que uma década atrás e serão melhores ainda daqui a uma década."

Em curso na CasaFolha, disponível no site casafolhasp.com.br, ele cita números que reforçam seu argumento: no mundo todo, cerca de 50% dos pacientes com câncer conseguem a cura; no Brasil, a fatia sobe para 60%; nos EUA, chega a 70%. "Podemos melhorar para atingir o padrão americano, mas, hoje, a maior parte dos pacientes com o diagnóstico de câncer será curada."

Um dos principais nomes da oncologia mundial, Hoff diz que, nas muitas situações em que o câncer é curável, o fator mais importante é o diagnóstico precoce. "Quanto mais cedo o câncer é detectado, maior a chance de que não tenha se espalhado e que o tratamento inicial vá ter sucesso."

Seu curso "Câncer: prevenção e caminhos para a cura" está disponível desde 15 de maio na CasaFolha, o streaming de conhecimento lançado pela **Folha** em setembro do ano passado.

A plataforma reúne grandes personalidades nas mais diversas áreas, como o escritor Itamar Vieira Junior, o cineasta José Padilha, a Monja Coen e a neurocientista Suzana Herculano-Houzel, que mostra maneiras de aprimorar a inteligência.

Ao todo, já são 23 cursos exclusivos, e novos conteúdos são incluídos todos os meses. No dia 26 de junho, por exemplo, estreia sir Martin Sorrell, executivo britânico criador de uma agência publicitária que se tornou a maior do mundo. Na plataforma, ele discute a nova geopolítica, o impacto da inteligência artificial e o futuro dos negócios.

Todas as aulas podem ser acompanhadas por membros da CasaFolha. É possível se vincular à plataforma pelo endereço casafolhasp.com.br/assine. A assinatura, com desconto de 67%, sai por R$ 19,90 por mês no plano anual (R$ 59,90 sem a promoção) e inclui acesso ilimitado a todas as notícias da **Folha** no site e no aplicativo para celular e tablet.

Quem já é assinante da **Folha** não precisa de nova assinatura; basta fazer o upgrade por R$ 10 adicionais no plano do jornal em casafolhasp.com.br/upgrade.

No curso de Paulo Hoff, ele repassa a história da luta contra o câncer desde seus primeiros registros, em um papiro de quase 5.000 atrás, depois na Grécia Antiga e no Império Romano. O professor conta que médicos famosos dessas épocas, como Imhotep, Hipócrates e Galeno, tinham em comum a impotência diante dos tumores. Alguns deles diziam que era melhor nem fazer nada, pois o tratamento tinha resultado pior do que deixar a doença seguir seu curso.

Foi só na virada do século 19 para o 20 que surgiram os primeiros procedimentos, com a mastectomia radical de Halsted. O procedimento consistia na remoção completa da mama e dos tecidos adjacentes, o que podia até mirar na direção da cura, mas deformava as pacientes. De lá para cá, a evolução tem sido acelerada, com intervenções cada vez mais pontuais e resultados promissores.

Daí o otimismo de Hoff: "[A oncologia] é um dos campos na medicina onde os maiores avanços aconteceram hoje: um terço da pesquisa em medicina é feita na área do câncer".



O câncer pode ser curado. Os resultados são muito melhores hoje do que uma década atrás e serão melhores ainda daqui a uma década

Paulo Hoff
professor titular da Faculdade de Medicina da USP e presidente da Oncologia da Rede D'Or



Como assinar a CasaFolha

Para assinar a plataforma, basta entrar em casafolhasp.com.br/assine. A assinatura, com desconto de 67% no lançamento, sai por R$ 19,90 por mês no plano anual (R$ 59,90 sem a promoção) e inclui acesso ilimitado a todas as notícias da **Folha** no site e no app. Quem já é assinante do jornal pode fazer o upgrade em condições especiais para ter à disposição todo o conteúdo da CasaFolha. Basta acessar casafolhasp.com.br/upgrade



Área da província de Kariba, no Zimbábue Ondrej Pelanek e Martin Pelanek

Homo sapiens 'treinou' capacidades de colonizador antes de se tornar global

Pesquisadores sugerem que ocupação de diferentes ambientes dentro da África antecedeu expansão para demais continentes

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) Antes de se tornar uma espécie global, presente desde o Ártico até a Amazônia, o *Homo sapiens* "treinou" as capacidades de colonizador se espalhando por ambientes mais desafiadores dentro da África, seu continente de origem. A ideia, defendida num estudo publicado na última quarta-feira (18), pode ajudar a explicar por que a expansão dos seres humanos modernos pelo globo aconteceu relativamente tarde.

Explica-se: embora a gênese africana do *H. sapiens* tenha ocorrido entre 300 mil anos e 200 mil anos atrás, membros da espécie não parecem ter saído significativamente de sua terra natal durante muito tempo.

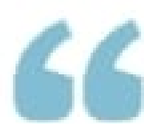
Há alguns sinais precoces da presença de seres humanos de anatomia moderna em áreas como o Oriente Médio, mas esses pioneiros, ao que tudo indica, não conseguiram se estabelecer por ali em definitivo, e boa parte da Eurásia continuou sob o domínio de outras espécies humanas, como os neandertais e os denisovanos.

A situação só teria mudado de vez um pouco antes de 50 mil anos atrás, com o rápido avanço de grupos de *H. sapiens* por todo o Velho Mundo, a chegada de alguns deles à Austrália e, por fim, a colonização das Américas, que pode ter começado um pouco antes de 20 mil anos atrás. Dados de DNA indicam que todos os seres humanos vivos hoje descendem, em larguíssima medida, dos que participaram dessa expansão.

Na nova pesquisa, que saiu na revista especializada Nature, uma equipe liderada por Emily Hallett, do Departamento de Antropologia da Universidade Loyola de Chicago (EUA), usou o mapeamento de sítios arqueológicos africanos, bem como modelos que simulam os ambientes e o clima do passado do continente, para verificar o que teria acontecido com a população humana antes e depois do grande salto colonizador.

Em essência, o que Hallett e seus colegas tentaram estimar foi a mudança nos nichos ecológicos habitados pelo *H. sapiens* —ou seja, os tipos de ambientes aos quais a espécie era capaz de se adaptar dentro da África. Sabe-se, por exemplo, que as espécies mais antigas de homininios (que incluem tanto as pessoas de hoje quanto seus ancestrais) tinham certa preferência por ambientes de savana, com vegetação aberta e relativa abundância de herbívoros que podiam ser caçados.

No entanto, as simulações feitas pelos autores da nova pesquisa mostram que, a partir de 70 mil anos atrás, há o crescimento da presença de sítios arqueológicos ocupados pela nossa espécie em ambientes diversificados, principalmente florestas e desertos, em territórios da África do Norte, África Central e África Ocidental. Essa diversificação regional da presença do *H. sapiens* é importante porque, durante milhões de anos, havia uma presença mais clara de homininios em outras áreas do continente, em especial a África Oriental e a África do Sul.



É útil examinar mudanças tecnológicas para adquirir uma compreensão dos comportamentos culturais por trás dessa dinâmica de nichos ecológicos ao longo do tempo

William Banks
da Universidade de Bordeaux (FRA)

Além disso, no caso das áreas desérticas, os dados sugerem também que a ocupação delas começa em momentos de condições climáticas mais favoráveis (menos secas), mas não desaparece quando o clima volta a piorar. Isso sugere que houve um aumento da resiliência das populações humanas a essas condições adversas. Talvez não por acaso, as áreas desérticas ou semidesérticas africanas são as que predominam na fronteira entre o continente e o Oriente Médio, funcionando como portões para o resto do mundo no caso das populações de homininios.

Em um comentário sobre o estudo publicado na mesma edição da Nature, William Banks, da Universidade de Bordeaux (França), disse que os métodos usados pela equipe de Chicago eram robustos, mas que era preciso ir além para entender exatamente qual foi a dinâmica da expansão e diversificação de nichos. Ele também aponta que é preciso entender melhor qual é a diferença entre essa expansão tardia e as que aconteceram cerca de 2 milhões de anos antes, quando outros homininios —provavelmente a espécie *Homo erectus*— também conseguiram se espalhar pela Ásia e, mais tarde, pela Europa.

Mais antigos que os anéis de Saturno

Aniversário de 50 anos do filme 'Tubarão' destaca riscos às espécies da vida real

Reinaldo José Lopes
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Se você tivesse de responder instintivamente qual é a trilha sonora do medo na sua cabeça, eu seria capaz de apostar que ela é muito parecida com a sequência de notas musicais do tema de "Tubarão", mesmo que você nunca tenha assistido ao filme de Steven Spielberg. (Aliás, esse é o meu caso, o que não impede que a música tenha ganhado vida independente nos meus pesadelos.)

Não sei se o filme, que está fazendo 50 anos nesta semana, ainda mantém sua capacidade de assustar, mas uma entrevista sobre o tema no site da revista científica Nature me fez ter consciência de alguns fatos assustadores —no melhor sentido da palavra— sobre tubarões.

"Os tubarões já estavam nadando no oceano antes que existissem árvores na terra firme", declarou o biólogo marinho David Shiffman à Nature. OK, minhas orelhas já ficaram em pé ao ler isso, embora a informação fizesse sentido dentro da linha do tempo da evolução da vida que eu conhecia. "E antes que Saturno tivesse anéis."

Só pode ser mentira, certo? Ocorre, porém, que o grupo dos tubarões existe há mais de 400 milhões de anos —mais ou menos cem vezes o intervalo de tempo que separa a nós, seres humanos vivos hoje, dos primatas bípedes que divergiram do grupo que deu origem aos chimpanzés atuais e deram início à nossa linhagem. O transcurso de quase meio bilhão de anos é suficiente para que a configuração do próprio Sistema Solar tenha mudado significativamente de lá para cá, o que inclui o surgimento dos célebres anéis, segundo as estimativas mais recentes.

Uma das estimativas mais recentes, publicada no periódico científico Current Biology, indica que quase 40% das espécies de tubarões e arraias corre risco de extinção hoje

Shiffman diz que, apesar dos pesares, o efeito de "Tubarão" não foi tão ruim para os bichos homônimos quanto seria de esperar. Embora a mística aterrorizante permaneça em muitos aspectos, o fascínio também estimulou uma profusão de documentários, fazendo com que as espécies da vida real se tornassem muito mais conhecidas do público. "Agora, há mais pessoas do que nunca que adoram tubarões, estão cientes da necessidade de protegê-los e querem ajudá-los", resume ele.

E tome necessidade de protegê-los, aliás. Uma das estimativas mais recentes, publicada no periódico científico Current Biology, indica que quase 40% das espécies de tubarões e arraias correm risco de extinção hoje.

Como se não bastasse, os bichos ainda são vítimas de uma prática especialmente cruel, o "finning" —ou seja, a retirada de uma ou mais barbatanas, especialmente valorizadas pelo comércio, enquanto o tubarão, ainda vivo, é lançado de volta ao mar (o que acaba levando à morte do peixe, incapaz de nadar e respirar direito). A ONG Sea Sepherd Brasil chegou a parodiar a musiquinha infantil "Baby Shark" (Bebê Tubarão), transformando-a em "Bye Bye Shark" (Tchau, Tubarão), destacando que o que chamamos genericamente de "cação" nas peixarias nada mais é do que tubarão ou arraia.

Como destaca Shiffman, mais seres humanos são mordidos por seres humanos a cada ano apenas no metrô de Nova York do que os que sofrem mordidas de tubarão no mundo inteiro. Os dentes dos bichos, por outro lado, desempenham um papel essencial de controle ecológico de suas presas aquáticas, assim como acontece com todos os outros grandes predadores.

DOM. Reinaldo José Lopes SEG. Marcelo Leite, **Mensageiro Sideral**
TER. Álvaro Machado Dias QUA. Marcelo Viana
SEX. Suzana Herculano Houzel SÁB. Marcia Castro

Em dia de viradas e favoritos sob pressão, Fluminense pena, mas supera o Ulsan

Apesar da resistência da equipe sul-coreana, que chegou a liderar o placar, time carioca mantém brasileiros invictos na Copa de Clubes



Juan Pablo Freytes, à dir., comemora o terceiro gol do Fluminense sobre o Ulsan Franck Fife/AFP

FLUMINENSE 4
ULSAN HYUNDAI 2

SÃO PAULO A zebra esteve solta na Copa do Mundo de Clubes da Fifa, realizada nos Estados Unidos, neste sábado (21). Mas apesar de tentativas valentes, nenhuma delas se concretizou, ao menos nos três primeiros jogos do dia.

Depois de uma grande atuação em sua estreia no torneio, contra o Borussia Dortmund na terça (17), o Fluminense sofreu nas mãos do sul-coreano Ulsan neste sábado, mas conseguiu selar a vitória no final do segundo tempo. A partida no MetLife Stadium, em Nova Jersey, terminou em 4 a 2.

Com o resultado, o Fluminense alcançou a liderança do grupo F do campeonato, com quatro pontos. O Ulsan continua na última colocação, sem pontuar. A vitória também mantém os brasileiros invictos na competição.

O clube carioca começou pressionando o adversário e dominando a partida. O Fluminense impôs seu ritmo ao jogo e, aos 26 minutos do primeiro tempo, converteu o primeiro gol —Jhon Arias cobrou uma falta no ângulo de Hyeon-Woo, que, nos minutos seguintes, defendeu mais duas finalizações da equipe brasileira.

A superioridade dos cariocas foi posta à prova aos 36 minutos. Won-Sang recebeu a bola, avançou pela direita e cruzou rasteiro para Jin-Hyun, que empatou.

A virada dos sul-coreanos veio pouco antes do fim do primeiro tempo. Jin-Hyun cruzou da esquerda para Won-Sang, que marcou de peixinho em meio a cinco jogadores do Fluminense.

O Fluminense demorou a se reorganizar e só conseguiu empatar aos 20 minutos da segunda etapa, com Nonato. A virada viria em gol do zagueiro Freytes aos 37 minutos. Nos acréscimos, cabeceio de Keno fechou a conta.

Mais cedo, o Borussia Dortmund, favorito do grupo, começou o dia sob pressão do Mamelodi Sundowns, da África do Sul, mas conseguiu buscar a virada e sair com um 4 a 3.

Logo no início, o craque brasileiro do Mamelodi, Lucas Ribeiro arrancou com a bola no meio de campo, deixou para trás dois marcadores do Borussia e abriu o placar logo aos dez minutos.

Cinco minutos depois, porém, viria o banho de água fria. O goleiro Williams entregou a bola de graça para Nmecha, que finalizou de primeira para o gol aberto e deixou tudo igual.

Em mais uma falha da defesa sul-africana, aos 33, Brandt recebeu de Gross e tabelou com Guirassy, que fez de cabeça para virar a partida. O terceiro gol veio ainda no primeiro tempo, aos 44, com Jobe Bellingham.

O quarto gol foi contra, do lateral-direito Mudau após cruzamento de Svensson, aos 13 da segunda etapa. Na sequência, Rayners diminuiu de cabeça para o Mamelodi. O sétimo gol da partida chegaria já no fim do jogo, quando Lethlaku roubou a bola e passou para Mothiba marcar.

Já no grupo E, a Inter de Milão, atual vice-campeã da Champions League, levou um susto do Urawa Red Diamonds, mas venceu por 2 a 1, também de virada. A equipe japonesa não se deixou intimidar pela falta de posse de bola e marcou logo aos dez minutos de jogo, com Ryoma Watanabe.

O domínio completo do ritmo da partida, porém, acabaria resultando na virada. O gol de empate da Intar veio pelos pés do argentino Lautaro Martínez, aos 33 minutos do segundo tempo. Nos acréscimos, o clube de Milão balançou a rede com o gol de virada por Valentín Carboni.

Na última partida do dia, todas as reviravoltas deram lugar a um embate parelho, mas sem grandes emoções. River Plate e Monterrey fizeram uma partida truncada e repleta de cartões amarelos, que terminou empatada em 0 a 0.

Com o resultado, o River Plate permanece à frente do grupo E da competição, com quatro pontos.

Os gols estiveram ausentes, mas faltas e cartões, no entanto, foram numerosos —foram nove amarelos e uma expulsão, de Castaño, do River Plate.

Classificação da Copa do Mundo de Clubes da Fifa*

GRUPO E

Clube	P	J	V	GM	SG
1 River Plate	4	2	1	3	2
2 Internazionale	4	2	1	3	1
3 Monterrey	2	2	0	1	0
4 Urawa Reds	0	2	0	2	-3

GRUPO F

Clube	P	J	V	GM	SG
1 Fluminense	4	2	1	4	2
2 B. Dortmund	4	2	1	4	1
3 Mamelodi	3	2	1	4	0
4 Ulsan Hyundai	0	2	0	2	-3

*Atualizada às 23h59 deste sábado (21)

Agenda de jogos deste domingo (22)

- **13h Juventus x Wydad**
  CazéTV, Sportv e DAZN
- **16h Real Madrid x Pachuca**
  Globo, CazéTV, Sportv e DAZN
- **19h RB Salzburg x Al-Hilal**
  CazéTV, Sportv e DAZN
- **22h Manchester City x Al-Ain**
  CazéTV, Sportv e DAZN

A Europa volta a se curvar?

Calma com o pachequismo e palmas para as vitórias. O futebol brasileiro está aí

Juca Kfouri
Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Foram sim duas vitórias de lavar a alma, a do Botafogo sobre o Paris Saint-Germain, campeão francês e europeu, e a do Flamengo sobre o Chelsea.

A primeira, do campeão brasileiro e sul-americano, por certeiro 1 a 0, ao impedir a imposição do melhor time do Planeta Bola na atualidade.

O Glorioso aproveitou a chance que criou graças à insistência de Artur em roubar a bola no meio de campo, ao passe exemplar de Savarino e à sede de gol de Igor Jesus.

Até então, e depois, o PSG tinha a bola, sabia o que fazer com ela, mas, simplesmente não conseguia, porque o sistema defensivo botafoguense impedia, ao quase atingir o nível de tolerância zero com o erro.

A comemoração alvinegra depois do jogo, como se o título estivesse decidido, tem explicação: 9 em cada 10 previsões apontavam goleada para os europeus, havia 13 anos sem derrotas para clubes sul-americanos.

No dia seguinte seria a vez do Chelsea provar o gosto do futebol brasileiro.

Embora de patamar inferior ao PSG, quarto colocado na Premier League, tinha sido exatamente o último a perder para os do lado de cá do mundo, na decisão do Mundial contra o Corinthians, em 2012, mas devolvido a derrota ao superar o Palmeiras no torneio de 2021.

Sem merecer, saiu na frente, graças a vacilo fatal de Wesley e acabou atropelado no segundo tempo de maneira inapelável, porque Filipe Luís, além de brilhante, é teimoso, e insiste com Bruno Henrique, indiciado nos inquéritos das apostas, esta praga mundial, na Justiça comum e na Desportiva.

Se os nossos times têm de conviver com a realidade da inexistência de jogos fáceis, nada mais justo do que impor aos europeus idêntica dificuldade. É o que está acontecendo

Ele entrou para empatar o jogo, passar para o gol da virada e ainda comemorar o 3 a 1, que bem poderia ter sido cinco, depois que os ingleses ficaram com um a menos, fora de si mesmos com o olé que vinha das arquibancadas na Filadélfia.

A segunda rodada da Copa do Mundo de Clubes, e das suspensões de jogos pelas tempestades, raios e trovões, havia começado com outra vitória brasileira, esta previsível e obrigatória, do Palmeiras sobre os egípcios do Al Ahly que, diga-se, de bobos não têm mais nada, não fossem da terra de Mohamed Salah, um dos melhores jogadores do mundo —se não for escolhido como o melhor depois de liderar o Liverpool na conquista com sobras da Premier League.

O Palmeiras ainda não se achou completamente, como também o Botafogo está em construção, diferentemente do Flamengo que parece pronto, assim como o Fluminense que vinha de ótima exibição contra o Borussia Dortmund —e fecharia a participação nacional na segunda rodada, obrigado a confirmar o bom momento, contra os sul-coreanos do Ulsan Hyundai, mesmo que, admitamos, cada vez caiba menos falar em obrigação neste maravilhoso jogo chamado futebol.

Eis o ponto: se nossos times têm de conviver com a realidade da inexistência de jogos fáceis, nada mais justo do que impor aos europeus idêntica dificuldade.

Está acontecendo.

Nada que tire deles o papel de favoritos nesta Copa ou que nos autorize imaginar hegemonia. Apenas saber que sim, é possível vencer. Novamente.

Ah, claro, o Fluminense cumpriu com seu dever e passou pelos asiáticos depois de levar dois sustos: 4 a 2.

O futebol brasileiro segue invicto.

ESPORTE AO VIVO NBA (basquete)
21h Thunder x Pacers (final, jogo 7), Band, BandPlay, ESPN e Disney+

Sensação de grandeza

Ótimos resultados contra os europeus causam o inverso do 'vira-latismo'

Tostão
Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

A reportagem do jornalista Lúcio de Castro no site ICL Notícias, citada por Juca Kfouri na sua coluna, conta que os contratos de transmissões da Copa do Mundo de Clubes têm sete artigos que proíbem críticas à Fifa e ao mundial pelos que têm os direitos. Isso é bastante preocupante.

Nelson Rodrigues criou a famosa expressão "complexo de vira-latas", para descrever de uma maneira irônica o sentimento de inferioridade no comportamento dos brasileiros no futebol e em todas as áreas. Após os ótimos resultados contra os europeus neste inicio de Copa do Mundo, especialmente a vitória do Botafogo por 1 a 0 contra o PSG, campeão da Europa, ocorre neste início de mundial o inverso, a exaltação, a sensação de grandeza dos brasileiros diante dos europeus.

As atuações e resultados dos times brasileiros merecem bastantes elogios, mas é preciso lembrar que os europeus estão no final de temporada e as equipes passam por reconstruções com a contratação de vários jogadores e alguns novos treinadores. O PSG escalou vários reservas contra o Botafogo e quando colocou os titulares, não conseguiu reagir. Guardiola disse antes da estreia que o Manchester City enxerga a Copa do Mundo de Clubes como uma pré-temporada.

O excessivo calor prejudica muito mais os europeus do que os brasileiros. Eles têm atuado com muito menos intensidade no mundial do que fazem nos campeonatos europeus.

O técnico do Botafogo, Renato Paiva, organizou um excelente sistema defensivo contra o PSG, com nove jogadores muito próximos da área. O time jogou com muita raça e não permitiu ao PSG criar chances de gols. Em um raro contra-ataque, o centroavante Igor Jesus fez o belo gol da vitória. A estratégia do Botafogo foi a correta para esta partida. O campo parecia pequeno pela falta de espaços que tinham os atacantes do PSG.

> **As atuações dos times brasileiros merecem bastantes elogios, mas é preciso lembrar que os europeus estão no final de temporada**

O Palmeiras jogou bem e venceu por 2 a 0 o Al Ahly. Abel Ferreira usou a estratégia correta de acordo com o fortíssimo calor, sem pressionar na marcação para não se desgastar. Estêvão voltou a jogar bem, da direita para o centro, como gosta e sabe. Flaco López mostrou novamente que é superior a Vitor Roque, pelo alto e também pelo chão.

Abel, antes do jogo, confirmou que só pôde escalar Paulinho durante uns 20 a 30 minutos, motivo de colocá-lo somente no meio do segundo tempo. Os médicos e preparadores físicos do Palmeiras deveriam explicar ao público as reais condições do jogador. Penso, se ele só pode jogar por pouco tempo, não deveria nem ser relacionado até terminar sua total recuperação.

Na vitória do Inter Miami por 2 a 1 sobre o Porto, Messi fez um golaço de falta. Ele continua andando em campo, cada vez menos. Mas é tão genial que executa sempre alguns lances espetaculares. Estará ele presente na Copa do Mundo de seleções em 2026? A vitória da Argentina contra o Brasil por 4 a 1 sem Messi deu mais confiança ao técnico caso não conte com o jogador.

Mais uma vitória dos brasileiros sobre os europeus, a do Flamengo sobre o Chelsea por 3 a 1, de virada. Foi uma excelente atuação do Flamengo.

Quando começarem os jogos mata-mata, o futebol vai ficar ainda melhor e mais emocionante. Já imaginou a euforia e o orgulho se um time brasileiro for campeão?

DOM. Tostão, Juca Kfouri **SEG. Juca Kfouri**
TER. Sandro Macedo QUA. Tostão QUI. Juca Kfouri
SEX. No Corre / O Mundo é uma Bola SÁB. Marina Izidro



Brad Pitt em cena de 'F1 - O Filme', que estreia nos cinemas na quinta (26) Divulgação Warner Bros. Pictures

Filme da F1 aposta em carisma de Brad Pitt e consultoria de Hamilton para atrair novos fãs

Ponto alto da produção, que teve acesso inédito aos bastidores do circuito, é o uso da tecnologia para colocar espectador dentro do carro

Rodrigo França

MONTREAL (CANADÁ) Pela primeira vez em seus 75 anos de história, a F1 abriu seu paddock, seus boxes, seu grid e até suas corridas por mais de dois anos para uma superprodução de Hollywood.

Com elenco estrelado, com Brad Pitt como protagonista, e tendo um consultor como o piloto que mais venceu corridas na história da F1, Lewis Hamilton, o objetivo de "F1 – O Filme" é claro: aumentar ainda mais a base de fãs do esporte no mundo inteiro e em especial nos Estados Unidos. A estreia nos cinemas será em 26 de junho.

O modelo de cativar um novo público com uma produção eficiente audiovisual já deu certo uma vez na categoria: o lançamento da série "Drive to Survive" (Dirigir para Viver), do Netflix, foi um sucesso e ampliou o público da F1, ganhando maior presença feminina e do público mais jovem, na faixa de 18 a 25 anos. "O impacto do filme será gigantesco. Se o da série da Netflix foi grande, com o cinema vamos atingir um público que ainda não está presente nas corridas", diz Stefano Domenicali, CEO da categoria.

Em Montreal, durante o GP do Canadá de F1, a reportagem da **Folha**, ao lado de outros convidados, assistiu à primeira sessão do filme no formato Imax — que proporciona maior realidade para as cenas de corrida, um dos principais pontos altos do filme. Antes, o produtor Jerry Bruckheimer destacou o efeito da exibição do filme em uma audiência que ainda não conhecia o esporte.

"Antes de iniciarmos o filme, perguntamos a 20 pessoas quem já tinha assistido um GP de F1. Apenas uma levantou a mão. Após a exibição, perguntamos quem gostaria de ver uma corrida e todos as levantaram. Nunca tinha visto isso em minha carreira", diz Bruckheimer.

O filme conta a história de Sonny Hayes (Brad Pitt), um piloto considerado um jovem talento nas pistas nos anos 1990 —inclusive competindo contra Ayrton Senna. Depois de um grave acidente, ele tem uma vida um tanto quanto errática, mas segue demonstrado grande talentos nas pistas, como na belíssima sequência de abertura das 24 Horas de Daytona, uma grata surpresa aos fãs de corrida, com belas imagens da famosa corrida de endurance nos Estados Unidos.

Eis que surge o convite de Ruben (Javier Bardem), para que ele volte para a F1, ajudando um novato (Joshua Pearce) e seu time, a fictícia APX GP, a conseguir resultados competitivos para que ele (que foi piloto e companheiro de equipe nos anos 1990) possa permanecer no comando da equipe.

"O filme é bem legal. É claro que nós, como pilotos da F1, acabamos vendo pequenos detalhes que não são exatamente assim como a gente vive na realidade, mas acho que tudo bem, o filme não é para a gente, e sim para uma audiência bem maior. Eu fiquei muito impressionado como as câmeras colocadas nos carros deram ângulos incríveis de como a gente pilota", disse Charles Leclerc.

Em Montreal, Joseph Kosinski, diretor do filme (que fez também "Top Gun – Maverick"), fez questão também de dizer que não buscou apenas um novo público e fez referências a filmes clássicos, como "Grand Prix" e "Le Mans", além de produções recentes como "Rush" e "Ford vs Ferrari".

"É importante que o público que veja o filme perceba que nossa produção teve um acesso nunca antes visto na história da F1. Fomos como o 11º time, gravamos cenas com os pilotos reais, em diversos autódromos pelo mundo", diz.

Lewis Hamilton também trabalhou como consultor e seu nível de detalhamento foi destacado pelo diretor. "Ele chegou a comentar: 'Nesta curva o som tem que ser diferente, não estamos em terceira marcha, e sim em quarta marcha'. Em uma cena em Budapeste, ele comenta que o tipo de acidente que a gente filmaria só poderia acontecer na curva 6. É este tipo de detalhe", respondeu.

Hamilton admitiu nervosismo antes da exibição aos pilotos da F1 —elas ocorreram em Mônaco e na última semana, em Nova York. "Estava ansioso para saber a opinião deles e fiquei feliz de que eles acharam que nosso esporte foi bem representado em uma produção de Hollywood", disse.

Se os grandes fãs da F1 irão considerar o novo filme um grande clássico, ainda é difícil prever, mas que uma nova audiência chegará na categoria e que os objetivos de tornar a F1 ainda mais popular, sobretudo nos EUA, é uma aposta até fácil de prever. Tanto quanto o que acontece na trajetória da APX durante "F1 – O Filme".

F1 - O Filme
F1: The Movie. Estados Unidos, 2025. Dir. Joseph Kosinski. 12 anos. Estreia na qui. (26) nos cinemas.

Eufrázio



Botafogo consegue vitória épica na Copa do Mundo de Clubes nos EUA

IMAGEM DA SEMANA Igor Jesus (99) festeja após marcar, aos 36 min, no Rose Bowl, o único gol do campeão da Libertadores na vitória sobre o PSG, dono do título da Champions League, na quinta (20), na 1ª vitória em jogo oficial de um time do Brasil sobre um europeu desde 2012 Frederic J. Brown/AFP

DICAS DO EDITOR

Sérgio Dávila
Diretor de Redação



Acesse o QR Code para se inscrever e ler as reportagens

Brasileiros são contra aumentar número de deputados

Pesquisa Datafolha revela que 76% da população se opõem à alteração aprovada na Câmara, em semana com escalada no conflito Israel-Irã e indiciamentos pela 'Abin paralela'

2ª

Israel bombardeia TV estatal do Irã e interrompe transmissão ao vivo

Israel bombardeou a sede da emissora estatal do Irã nesta segunda-feira (16), interrompendo uma transmissão ao vivo e deixando o prédio da TV em chamas, segundo vídeos e imagens do local. Antes de ataque, ministro da Defesa de Tel Aviv afirmou que rede estava "prestes a desaparecer".

Dos Estados Unidos, Julia Chaib relata que Martha's Vineyard, uma ilha no oceano Atlântico que é um polo de brasileiros no país, vive clima de terror após prisões e ameaças da imigração.

5ª
Excepcionalmente a newsletter não foi publicada

3ª

PF indicia Alexandre Ramagem e Carlos Bolsonaro no caso da 'Abin paralela'

A Polícia Federal indiciou o vereador Carlos Bolsonaro (PL-RJ) e o deputado federal Alexandre Ramagem (PL-RJ) no relatório final da investigação do caso da Abin Paralela. Segundo a investigação, os indiciados usaram a agência para monitorar políticos, ministros do STF e jornalistas, informa a repórter Constança Rezende.

Destaco também pesquisa Datafolha que mostra que 76% dos brasileiros são contra o aumento do número de deputados federais. A mudança foi aprovada pela Câmara no início do mês de maio e entrou na pauta para votação no Senado nesta terça (17).

4ª

Líder do Irã rejeita ultimato e fala em 'dano irreparável' se EUA entrarem no conflito

O líder supremo do Irã, aiatolá Ali Khamenei, rejeitou o ultimato feito pelo presidente Donald Trump, que exigia a rendição incondicional do país. O iraniano afirmou ainda que a eventual entrada dos Estados Unidos no conflito "será acompanhada, sem dúvidas, por dano irreparável".

De Brasília, os repórteres Catia Seabra e Ranier Bragon informam que a Itaipu Binacional realizou alteração no seu manual de recursos humanos que beneficiaria apenas duas pessoas, uma delas colega da primeira-dama, Janja, e outra o ex-prefeito de uma cidade do Paraná. A mudança foi revogada.

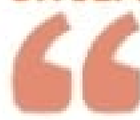
6ª

Integrante da 'Abin paralela' fez reunião para 'virar eleição' de 2022

Trocas de mensagens e um depoimento registrado no inquérito da "Abin paralela" indicam que o coordenador-geral de operações da Abin (Agência Brasileira de Inteligência) em 2022, no governo de Jair Bolsonaro (PL), sugeriu aos subordinados uma operação para tentar "virar a eleição" a favor do então presidente, revela a repórter Thaísa Oliveira.

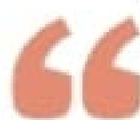
A Akaer, empresa brasileira, vai desenvolver a cabine do maior avião cargueiro do mundo. A parceria com a americana Radia foi firmada durante o Paris Air Show, tradicional evento da indústria da aviação, escreve o repórter Paulo Ricardo Martins.

FRASES DA SEMANA



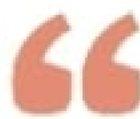
Alojamento é questão de inclusão. Esperávamos que esta presidência da COP tivesse aprendido

Tasneem Essop
diretora-executiva da CAN, na quinta (19), sobre o preço das hospedagens em Belém para a COP30



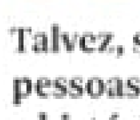
Com esse acordo, demonstramos que somos capazes de nos importar

Clarice Calixto
procuradora-geral da União, na quarta (18), sobre s indenização de R$ 3 mi à família de Vladimir Herzog



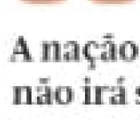
Quanto a dividendos extraordinários, tomara que a gente consiga

Magda Chambriard
presidente da Petrobras, na quarta (18)



Talvez, se as pessoas soubessem a história que está por trás daquele pacote de polvilho, pagariam até mais

Ronaldo Silva Carvalho
que produz 1 tonelada de polvilho por semana na Favela Haiti, em SP

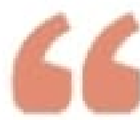


A nação iraniana não irá se render

Ali Khamenei
líder supremo do Irã, na quarta (18), sobre o ultimato dado pelos EUA

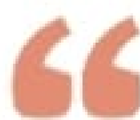
Boa sorte

Donald Trump
presidente dos EUA, sobre a declaração do Irã



Não nos é legítimo invadir a seara do legislador

Edson Fachin
ministro do STF, que assumirá a presidência do tribunal em setembro



Está um desastre [contratar] no Brasil. As pessoas estão viciadas no Bolsa Família

Ricardo Faria
controlador da Global Eggs, na segunda (16)



Eufrázio



Mundo tão desigual

Celso Rocha de Barros comenta a evolução do pensamento sobre distribuição de renda nos últimos dois séculos, tema de livro relevante recém-lançado B4

Ilustração
Adams Carvalho

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Adriane Galisteu
'Fiquei sozinha nesse rolê de querer mais filhos'

Aos 52 anos, apresentadora conta que ainda sonha em ampliar a família e fala sobre menopausa, críticas e outros temas da segunda temporada de seu reality show na Universal+

Por **Laura Intrieri**



Adriane Galisteu abre o jogo sobre dramas pessoais e vida profissional no reality 'Barras Invisíveis' Divulgação/NBCU/Universal+

A entrevista mal começa e Adriane Galisteu já interrompe a conversa, feita por videochamada, para pedir licença e atacar um prato de comida que havia sido entregue a ela.

*

"Isso aqui é Coca Zero, não é vinho, não", brinca, mostrando o copo de refrigerante. Entre uma garfada e outra, explica que tem outro compromisso logo em seguida e que não conseguiria comer depois. Já passava das 20h. Ela estava na reta final para o lançamento da segunda temporada de "Barras Invisíveis", seu reality show que estreou em 12 de junho na plataforma de streaming Universal+.

*

O programa, um intensivão da vida da apresentadora, mostra como ela equilibra o lado profissional com temas como o envelhecimento da mãe, casamento e a dificuldade em manter amizades.

*

"Na primeira temporada, essa história de acordar com uma câmera em cima de você estava me deixando meio tensa, me perturbando um pouco. Na segunda, eu relaxei", diz. Ela conta que a atração teve efeitos até terapêuticos depois do estranhamento inicial. Galisteu tem histórico com autoanálise. Na juventude, chegou a fazer terapia com dois profissionais ao mesmo tempo. "Eu sou exagerada, sou a Adriane, né?", justifica.

*

Para abrir sua vida privada a todas pessoas, deixou a equipe de edição livre. Evitou interferir no resultado final, pois sabia que não resistiria à tentação de maquiar imperfeições. "Eu sei que, se eu botasse o dedo, estragaria o negócio."

*

"Eu sou uma mulher feita de defeitos, muito mais do que de qualidades", diz. "Tem muitas cenas que, se eu parar para pensar, não colocaria."

*

Um dos pontos altos do reality é quando a ex-modelo, última namorada de Ayrton Senna, comenta sobre a relação tensa que mantinha com a família do piloto. O romance de pouco mais de um ano foi interrompido pela morte trágica do ídolo, em 1994.

*

"Sofro um apagamento que não é de agora, é da vida inteira. Mas eles não vão conseguir me apagar. Podem contar uma história muito diferente da que vivi, mas estou viva para contar a minha versão. Quem viveu com o Senna 24h, dormiu, acordou, se divertiu, chorou, fomos eu e ele. Podem fazer o que quiser. Vou continuar sendo indigesta e está tudo bem", diz ela no reality.

*

A colocação não vem por acaso. A série "Senna", que estreou na Netflix em novembro de 2024, praticamente ignora a presença de Galisteu, interpretada pela atriz Julia Foti, na vida do piloto. O acordo entre produtores e herdeiros sobre a presença da personagem provocou acusações de "apagamento" por parte da família do ídolo das pistas e discussões nas redes sociais.

*

Galisteu anunciou que vai revisitar sua trajetória com Senna em um documentário para a Max, plataforma de streaming da Warner. Ela já havia lançado no ano da morte do piloto o livro "O Caminho das Borboletas", em que retrata o namoro de ambos.

*

"Esse é mais um projeto na minha carreira. É um mergulho profundo em memórias que, por muito tempo, ficaram trancadas. E reabri-las e encarar essas emoções de frente mexeu muito comigo, mas também está sendo libertador e incrível. E tenho certeza de que público vai gostar", escreveu à coluna por mensagem após o anúncio.

*

Aos 52 anos, a mãe de Vittorio, 14, mantém o sonho de ampliar a família. O adolescente é fruto do relacionamento com o empresário Alexandre Iódice, com quem é casada há 13 anos."Eu não sabia que eu tinha tanto amor pra dar", diz ela. "Quando o Vittorio chegou na minha vida, eu fiquei louca. Teria mais do que um [filho], mais um, dois, três."

*

"A Cláudia Raia me empolgou muito quando eu vi a relação dela com a gravidez. Eu falei, opa! Até liguei pra ela e falei: 'Chegou minha vez, hein, gata, agora eu vou'. Mas fiquei sozinha nesse rolê, porque o Alê não quer. Então, ficou um sonho muito meu."

*

A queda da fertilidade e os riscos de uma gravidez em idade avançada não pressionam a apresentadora, que considera métodos alternativos para encarar a jornada da maternidade, como barriga de aluguel, caso a oportunidade volte a aparecer. "Por isso que eu estou até questionando as mamães de bebês reborn. Quem sabe eu não me torno uma?", ela brinca. Mas confessa que o movimento de donos de bonecos ultrarrealistas que viraram febre no Brasil a deixa confusa.

*

"Não estou conseguindo alcançar. Eu faltei nessa aula para entender o que faz uma pessoa carregar um boneco e querer ter um lugar no Sistema Único de Saúde (SUS). Numa situação, num país como o nosso, que tem gente na fila há dois meses tentando ser atendida, por que um boneco? Não faz o menor sentido."

*

No reality, outro assunto ganha destaque: a menopausa. Um tema que ela não esperava enfrentar com tanta intensidade. "Sei lá em que país ou planeta eu estava. Achava que, pelo meu estilo de vida, fosse passar pela menopausa tranquilamente. Meu amor, fui atropelada", conta. Dos mais de 100 sintomas atribuídos ao processo fisiológico, ela calcula ter experimentado cerca de 30. "Você perde a cintura, mesmo comendo tudo igual, malhando tudo igual. Você vai ficando quadrada", conta.

*

Para ela, falar publicamente sobre tabus é uma responsabilidade. No reality, ela aborda também a morte do irmão Alberto Filho, o Beto, aos 28 anos em 1996, por complicações da Aids. Ele lutava contra o vício em drogas e, quando se contagiou, o vírus do HIV era uma "sentença de morte".

*

"A referência que eu tinha era o Cazuza [músico brasileiro que morreu de complicações da Aids]. Eu ficava em frente à televisão esperando a [mãe do cantor] Lucinha falar alguma coisa, que tinham encontrado algo para melhorar, que descobriram algum remédio, entendeu?".

*

"É importante você ter referências. Com a possibilidade de falar, por que não trazer assuntos que tanta gente ainda esconde e dos quais tem vergonha?".

Eufrázio

Ministério da Cultura e Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas, apresentam



O mérito é de todos os brasileiros.

O Museu da Língua Portuguesa acaba de receber a **Ordem do Mérito Cultural**, a maior honraria concedida pelo Governo brasileiro a instituições e pessoas que trabalham com cultura no país.

Temos orgulho de ser um museu público e comprometido com a valorização do nosso maior patrimônio: o povo brasileiro que, todos os dias, transforma a língua portuguesa em algo único e nosso.

Dividimos esse reconhecimento com todos os nossos colaboradores, conselheiros, patrocinadores, parceiros, gestores públicos e todos os visitantes que, como nós, vivem, amam e sonham em português.

Museu da Língua Portuguesa
Estação da Luz — São Paulo/SP
Terça a domingo, 9h às 16h30

Grátis aos sábados e domingos
Grátis para crianças até 7 anos
Confira outras gratuidades

Foto: Ana Mello

Museu da Língua Portuguesa | Temporada 2025



A história da desigualdade

[RESUMO] Um dos mais brilhantes economistas da atualidade, o sérvio-americano Branko Milanović examina em seu novo livro as obras de seis autores clássicos de diferentes vertentes (como Adam Smith e Karl Marx) sobre a desigualdade de renda. Nessa viagem de mais de dois séculos, da Revolução Francesa ao fim da Guerra Fria, ele analisa as visões de cada época a respeito da concentração de riquezas, retrata o nascimento, o posterior ostracismo e o atual ressurgimento desse debate e lança perguntas oportunas sobre as turbulências de hoje

Por **Celso Rocha de Barros**
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História". É colunista da Folha

Ilustrações **Adams Carvalho**
Artista visual

Em "Visões da Desigualdade: da Revolução Francesa ao Fim da Guerra Fria", o economista Branko Milanović promete uma história intelectual a respeito do tema através das obras de seis autores clássicos: François Quesnay, Adam Smith, David Ricardo, Karl Marx, Vilfredo Pareto e Simon Kuznets.

Na verdade, o livro entrega muito mais do que isso. Primeiro, porque uma boa história intelectual é também uma boa história dos problemas sociais concretos que os autores analisados tinham diante de si. Segundo, porque Milanović nos mostra que esses problemas são extremamente atuais.

O livro acaba sendo uma história da modernidade sob o ponto de vista da desigualdade. Nos estudos pioneiros de Quesnay ainda vemos as classes do Antigo Regime, mas também já temos uma perspectiva tecnocrática característica do Estado Moderno, importantíssima para a história da economia.

Adam Smith nos apresenta o capitalismo já plenamente formado, com suas virtudes e seus problemas. Karl Marx traz para a mesa de discussão a perspectiva das classes subalternas do capitalismo, que até então mal começavam a desfrutar os benefícios do crescimento acelerado.

Kuznets descreve um quadro em que a desigualdade, após crescer muito no início do período capitalista, tende a cair, o que reflete bem a experiência social-democrata do século 20 —mas não o momento da globalização recente.

A leitura de Milanović da obra de Adam Smith busca distanciá-lo da versão simplista em que o autor de "A Riqueza das Nações" seria um defensor acrítico do capitalismo. Smith abraçava, como Quesnay, a ideia de que o progresso econômico se mede pelo nível de vida dos mais pobres.

Embora fosse um defensor da livre concorrência, apontava um canal pelo qual a desigualdade de classe promovida pelo mercado poderia gerar resultados indesejáveis: os ricos sempre terão uma chance razoável de colocar o Estado a serviço de seus interesses.

A propósito, se os defensores da globalização neoliberal tivessem levado isso em conta nos anos 1990 e 2000, poderiam ter notado a captura dos governos, inclusive os de esquerda, pelos apologistas da desregulamentação financeira, um lobby poderoso com grande capacidade de financiar campanhas e think tanks.

A incapacidade de perceber isso nos levou à crise de 2008, o maior golpe contra as ideias liberais das últimas décadas, o início da crise de hegemonia global em que vivemos até hoje.

Isso não quer dizer, é claro, que Adam Smith possa ser aproximado da perspectiva "anticapitalista", seja lá o que signifique. Só mostra que, exatamente por ter entendido corretamente os mecanismos que tornavam a economia de mercado mais eficiente do que as outras, Smith também percebeu momentos em que ela podia dar errado.

O que nos traz ao capítulo sobre Marx, que facilmente poderia ser expandido e publicado separadamente.

Nascido na ex-Iugoslávia, Milanović conhece bem o pensamento marxista e a realidade dos sistemas socialistas. Isso, por si só, já lhe confere certa singularidade nos dias de hoje: poucos defensores ocidentais contemporâneos do marxismo dedicaram muito tempo a ler, por exemplo, os estudos críticos elaborados nos próprios países da antiga Cortina de Ferro.

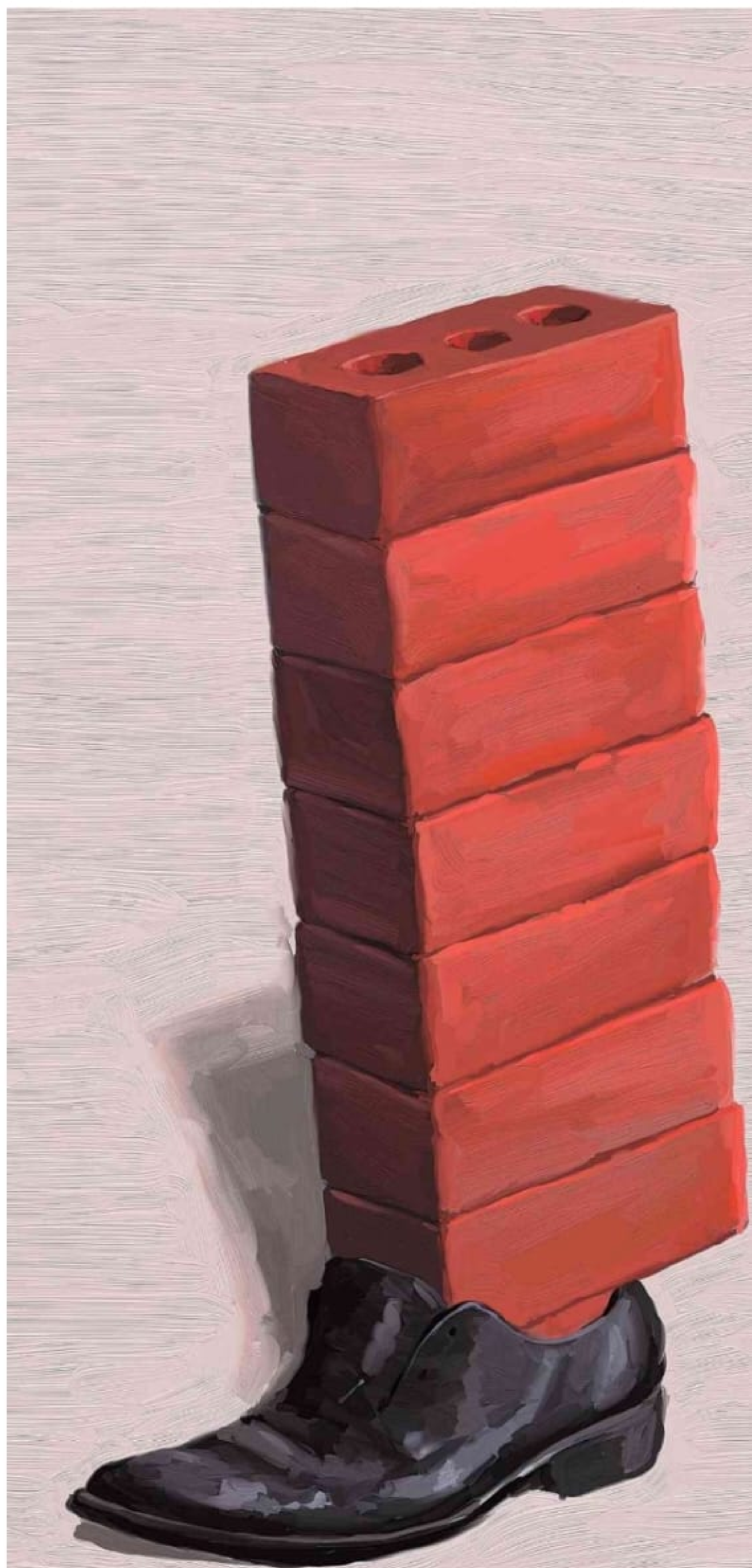
A Iugoslávia, que desenvolveu seu próprio modelo de socialismo de mercado, era um ponto de observação privilegiado.

É provável que essa biografia, que combina o domínio do instrumental técnico da economia moderna, o conhecimento da tradição marxista e a vivência em um país socialista altamente singular, explique muito da originalidade de Milanović.

Continua na pág. B5



Eufrázio



Continuação da pág. B4

Voltemos a Marx: uma das melhores passagens do livro oferece um corretivo à ideia de que o capitalismo sempre geraria desigualdade crescente. Na verdade, utilizando somente os parâmetros da teoria econômica marxista, é possível projetar vários cenários para o futuro da desigualdade de renda no livre mercado: em alguns, ela cresce; em outros ela, cai.

Isso é consistente com a experiência histórica. Embora Marx tenha municiado seus críticos ao criar formulações excessivamente simples, ele era menos determinista do que se pensa.

A desigualdade de renda, tal como a entendemos, não era o problema central do pensamento marxista. O filósofo alemão obviamente se preocupava com as condições de vida dos pobres sob o capitalismo, esse foi o problema que inspirou seus estudos, e defendia todas as propostas reformistas que pudessem melhorá-las. Entretanto, não acreditava em uma solução de longo prazo que não passasse pela abolição das classes sociais e pelo advento de um novo sistema econômico.

Aqui o contraste da perspectiva marxista com a perspectiva social-democrata, na qual a desigualdade de renda é absolutamente central, fica claro. A luta concreta dos trabalhadores no século 20 mostrou que, em certas circunstâncias, é possível reduzir muito a desigualdade e elevar muito a qualidade de vida sob o capitalismo.

Nada parecido com isso havia acontecido quando Marx era vivo. É legítimo nos perguntarmos se o filósofo alemão tinha como prever esses desdobramentos, em que, aliás, a influência de seu próprio pensamento foi muito importante. A utopia socialista provavelmente ajudou a aumentar a propensão de trabalhadores do mundo todo à ação coletiva.

De qualquer forma, se Karl Marx for ressuscitado como inteligência artificial, vai ter que reconhecer que os sociais-democratas provaram que as fronteiras do possível eram mais amplas do que ele supunha.

Mesmo assim, Milanović, que sabe disso tudo, faz bem em lembrar que a perspectiva marxista, com seu foco na estrutura de classes do capitalismo, tem duras lições a ensinar à social-democracia, que sofreu, e continua sofrendo, pesados golpes desde que a globalização foi retomada no final do século 20.

O populismo nativista de extrema direta cresceu, em boa parte, conforme as soluções sociais-democratas do século passado foram sendo abandonadas. Na verdade, a própria ideia de "crise da democracia" é, em grande parte, a crise de uma democracia de perfil social-democrata.

Esse tipo de modelo tem que se mover entre esses dois polos, permanentemente: a democracia oferece inúmeras possibilidades aos trabalhadores sob o capitalismo, possibilidades ausentes nos regimes leninistas, mas a estrutura econômica da sociedade moderna favorece o crescimento, não necessariamente a justiça.

Continua na pág. B6

Um dos estudos citados mostrou em 1977 que, sob o socialismo, quanto mais alto a pessoa estivesse na hierarquia do partido, maior sua propensão a dizer que não existiam classes na sociedade. A comparação com os ricos no capitalismo é evidente —e divertida



A história da desigualdade

Continuação da pág. B5

A social-democracia sempre vai ser uma ofensiva da política contra as tendências "automáticas" do mercado.

O grande momento do livro, contudo, não é a discussão de nenhum dos seis autores citados, mas sim o capítulo 7, em que Milanović fala do declínio dos estudos sobre desigualdade durante a Guerra Fria. Arrisco dizer que o coral dos clássicos está no livro para enfatizar o quão estranho foi o silêncio sobre o assunto quando o mundo era dividido entre os blocos capitalista e socialista.

Na discussão sobre a desigualdade nas sociedades socialistas, Milanović joga em casa: é difícil imaginar outro pesquisador célebre no Ocidente que possa citar com desenvoltura o economista iugoslavo Branko Horvat, ou o sociólogo húngaro Iván Szélenyi, dois grandes pensadores que estudaram o socialismo real.

Um dos estudos citados, de autoria de Miroslav Janicijevic, mostrou em 1977 que, sob o socialismo, quanto mais alto a pessoa estivesse na hierarquia do partido, maior sua propensão a dizer que não existiam classes na sociedade. A comparação com os ricos no capitalismo é evidente —e divertida.

Os sistemas socialistas reduziram muito a desigualdade de renda quando extinguiram a propriedade do capital, mas daí em diante seu foco não foi mais na igualdade salarial.

Milanović cita um discurso de Stálin sobre a conveniência de maior desigualdade de salários que facilmente poderia ser feito por Javier Milei, o ultraliberal presidente argentino. E as desigualdades de poder características da gestão de Lênin reduziram o efeito do igualitarismo socialista.

Mesmo assim, e com todas as dificuldades de mensuração impostas pelo autoritarismo leninista, a desigualdade de socialista parece ter sido, em geral, menor que a capitalista.

Se no Oriente os estudos sobre desigualdade sofreram com a doutrina oficial de que as classes haviam sido abolidas, fato contestado por alguns dissidentes, no Ocidente a ideologia oficial foi reforçada com os resultados empíricos de Kuznets, que mostravam uma queda da diferença de renda a partir de um certo ponto do desenvolvimento capitalista.

O fato de que os trabalhadores podiam lutar por melhorias salariais sem recorrer a uma revolução violenta era parte da propaganda do sistema —e era, naquele período, verdade.

A economia ocidental, inclusive boa parte do keynesianismo, passou a tratar o tema da desigualdade de renda como uma questão menor. Milanović passa muitas páginas batendo, com razão, no establishment de sua própria disciplina por esse erro.

Afinal, esse equívoco ficou claríssimo nos últimos anos da Guerra Fria, quando várias —mas, diga-se, muito menos do que todas— conquistas sociais-democratas foram desmontadas, seja por governos de orientação neoliberal, pela abertura comercial ou pela mudança tecnológica que diminuiu o peso político da classe operária.

No epílogo, quando Milanović aborda a volta do tema da desigualdade ao debate econômico em anos recentes, as curvas de Kuznet já se transformaram em ciclos de Kuznets, nos quais as disparidades de renda podem voltar a subir no capitalismo desenvolvido.

A propósito, Milanović teria feito um favor ao leitor se tivesse passado mais tempo discutindo a abordagem teórica de Thomas Piketty, um autor-símbolo desse novo momento do debate.

Um ponto que merece destaque para o leitor brasileiro é a referência do livro aos economistas estruturalistas latino-americanos (como Celso Furtado) e a outros autores do terceiro mundo, como o egípcio Samir Amin. Eles foram exceções à regra de ignorar a concentração de renda durante a Guerra Fria, talvez por não viverem nos países mais diretamente envolvidos na disputa ideológica.

Milanović admite que teses importantes dessas escolas não se confirmaram (alguns países pobres se tornaram desenvolvidos) e que houve um déficit de análises empíricas em algumas delas.

Mesmo assim, elogia a proposta de integrar análise política e histórica aos estudos sobre desenvolvimento e desigualdade. Infelizmente para o leitor brasileiro, o autor não dedica muitas páginas a esse debate, por não se considerar especialista na obra desses pensadores.

A versão brasileira do livro consegue reproduzir a fluidez do original, o que não é fácil. Entretanto, teria se beneficiado do apoio de um profissional de economia, mais familiarizado com a tradução padrão de termos clássicos.

Em alguns momentos, "rent" é traduzido como "aluguel", ao invés de "renda". Nada que prejudique a leitura do leigo, que talvez só ache esquisito o quanto os economistas clássicos se importavam com os aluguéis. Mas irritará, com razão, os especialistas.

Branko Milanović é um dos pensadores mais originais do debate contemporâneo —e neste livro está mais próximo de sua especialidade do que em sua última obra, o muito influente "Capitalismo sem Rivais" (também pela editora Todavia).

Alguns leitores deste livro anterior podem achar que o tema de "Visões da Desigualdade" é mais restrito, interessante apenas para especialistas. Enganam-se: as duas obras tratam dos mesmos grandes assuntos da modernidade, que talvez agora sejam até discutidos com mais profundidade. ←

Visões da Desigualdade: Da Revolução Francesa ao Fim da Guerra Fria

AUTOR: Branko Milanović. **EDITORA:** Todavia. **TRADUÇÃO:** Pedro Maia Soares. **QUANTO:** R$ 119,90 (352 págs.)

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS, APRESENTAM:


SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA


TEATRO SÉRGIO CARDOSO

TEMPORADA 2025
TODOS OS MUNDOS EM NÓS

26 A 29 DE JUNHO
Autorretrato, de Leilane Teles
dos SANTOS, de Alex Soares
A Vingança do Flamingo, de Carlos Pons Guerra

QUINTA, SEXTA E SÁBADO - 20H | DOMINGO - 16H


GARANTA JÁ SEU INGRESSO!



apaa CULTSP Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas SÃO PAULO BRASIL

Espírito transgressor

[RESUMO] Exposições concomitantes da brasileira Lygia Clark e da japonesa Yoko Ono em museu de Berlim põem em perspectiva as obras e as trajetórias das duas artistas. Ambas exerceram papel-chave no experimentalismo dos anos 1960 com trabalhos viscerais que desafiavam radicalmente a ordem vigente, escreve autor, mas, enquanto Yoko se via amparada pela ordem democrática e pelo poder midiático, Lygia enfrentava a sombra da ditadura militar brasileira

Por **Rafael Cardoso**

Doutor em história da arte pelo Instituto Courtauld, da Universidade de Londres, e colaborador do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)



'Óculos' (1966), de Lygia Clark, obra exposta na Neue Nationalgalerie, em Berlim David von Becker/Neue Nationalgalerie/Divulgação

Os principais espaços da Neue Nationalgalerie, uma das instâncias máximas de consagração para a arte contemporânea em Berlim, estão ocupados atualmente por duas mulheres: Lygia Clark (1920-1988) e Yoko Ono. O fato permanece notável, mesmo decorrido meio século desde a chamada segunda onda do feminismo.

Segundo estatísticas compiladas pelo National Museum of Women in the Arts, de Nova York, as mulheres artistas vendem menos que seus colegas homens, recebem menos por obra vendida, são muito menos representadas por galerias ou em feiras e leilões, ganham poucos prêmios e reconhecimento e raramente ocupam posições de prestígio ou poder institucional.

A situação está melhor que em 1985, quando o coletivo artístico Guerrilla Girls vestiu pela primeira vez suas máscaras de gorila, mas nem tanto. Sua obra mais conhecida ("As Mulheres Precisam Estar Nuas para Entrar no Met?", de 1989) denunciava que somente 5% dos artistas na seção de arte moderna do Museu Metropolitan eram mulheres, mas 85% dos nus eram femininos. Quando o mesmo coletivo refez os cálculos em 2012, os números haviam mudado para 4% e 76%, respectivamente. É pouco provável que as cifras tenham se alterado substancialmente até hoje.

Ainda há quem argumente, contra todas as evidências, que essa desigualdade resulta do menor talento das artistas mulheres. A esses anacrônicos, recomenda-se a leitura do célebre texto de Linda Nochlin de 1971, "Por Que Não Houve Grandes Mulheres Artistas?". Nele, a autora apontou as estruturas que impediram a ascensão de mulheres ao patamar de primeira grandeza na história da arte.

A questão central não é se as mulheres são capazes de serem grandes artistas (óbvio que sim!), mas como se perpetuou um sistema artístico que as coibiu. O texto demorou 45 anos para ser publicado em português, em 2016, e já saiu de catálogo no Brasil, embora continue disponível em Portugal.

Não que o Brasil seja especialmente retrógrado no quesito da representação feminina na arte. Ana Paula Cavalcanti Simioni, autora do livro "Mulheres Modernistas" e professora do IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) da USP, costuma destacar que o país é quase único no mundo por ter duas mulheres entre os cinco maiores nomes da arte moderna.

Juntando a Anita Malfatti e Tarsila do Amaral outras artistas como Zina Aita, Regina Gomide Graz, Georgina de Albuquerque, Maria Martins, Judith Lauand, Djanira, Renina Katz, Fayga Ostrower, Anna Letycia, Tomie Ohtake, Mira Schendel, Lygia Clark, Lygia Pape, Letícia Parente —sem nem adentrar o universo vibrante das artistas vivas— chegamos ao presente com um panteão feminista inconteste, quase um matriarcado de Pindorama, como quis Oswald de Andrade.

No meio artístico brasileiro, não se costuma falar claramente sobre a desigualdade de gênero, muito menos tecer comparações com outros países. Daí o interesse de ver confrontadas as obras de Lygia Clark e Yoko Ono. As duas artistas têm muito em comum, para além de terem se destacado em um meio de vanguarda dominado por homens. Ambas exerceram papel-chave no experimentalismo dos anos 1960 —Lygia como protagonista do movimento neoconcreto e Yoko como integrante do movimento Fluxus. Ambas foram pioneiras da arte participativa.

É fascinante constatar as coincidências e dissonâncias entre uma obra como "Bag Piece" (1964), de Yoko, em que participantes vestem sacos de pano preto para interagirem no espaço, e "Túnel" (1968), de Lygia, em que participantes são instados a adentrar um longo tubo de malha clara. Essas obras precisam ser ativadas pelo uso, pois os objetos em si carecem de sentido.

Elas testemunham a importância primordial que as duas artistas atribuíram ao corpo. Por isso, suas respectivas exposições são pontuadas por registros e documentação de performances.

Também há enormes diferenças na trajetória das duas artistas. A começar pela mais óbvia: Yoko Ono sobreviveu para testemunhar sua consagração. Aos 92 anos, quase a metade dos quais vividos como viúva de John Lennon, a artista se posta acima dos modismos do meio e das vicissitudes do mercado, serene na consciência de seu lugar na história da arte.

O mesmo não pode ser dito de Lygia Clark. Embora tenha conquistado o reconhecimento possível para uma artista brasileira nos anos 1960 —foi escolhida para a Bienal de Veneza em 1962, homenageada com uma sala especial na Bienal de São Paulo em 1963 e outra na Bienal de Veneza de 1968—, o acolhimento de sua obra tornou-se menos generoso nos anos 1970 e 1980. Quando morreu, em 1988, não teria como prever que um dia seria festejada como uma das artistas mais importantes do mundo na segunda metade do século 20.

O espaço destinado às duas artistas na Neue Nationalgalerie inverte essas trajetórias de modo eloquente. Ao contrário do que se poderia esperar três, duas ou até mesmo uma década atrás, é Lygia quem ocupa o lugar de honra.

A mostra "Lygia Clark: Retrospectiva" espalha-se pelo andar térreo do caixote de vidro de Mies van der Rohe, dividida em salas generosas que pontuam cada etapa de sua evolução criativa.

Continua na pág. B9

Enquanto Yoko Ono ganhava as manchetes mundiais ao lado do marido Beatle, a sombra da ditadura militar no Brasil forçou Lygia Clark a voltar sua experimentação cada vez mais para dentro —primeiro do meio artístico de vanguarda, em seguida da prática terapêutica que passou a exercer do seu apartamento em Copacabana


WAR IS OVER!

IF YOU WANT IT

The New York Times

THE WEEK IN REVIEW

Section 4

The Nation

Vietnam 1: Calculated Risk in U.S. Troop Withdrawal

More South Vietnamese Troops

Vietnam 2: Saigon's Forces Are Still Untested

Vietnam 3: Still No Word From Hanoi on Prisoners

Fewer U.S. Troops

'War Is Over! If You Want It', anúncio de Yoko Ono e John Lennon publicado no jornal The New York Times em 21.dez.69 Yoko Ono/Neue Nationalgalerie/Divulgação

Continuação da pág. B8

Ao todo, são oito módulos: origens construtivas, descoberta da linha orgânica, arquiteturas, a pintura como objeto, criaturas mutáveis, experiências sensoriais diversas, o corpo coletivo e estruturação do self.

Contando com cerca de 120 empréstimos de coleções públicas e privadas, brasileiras e internacionais, a exposição reúne um conjunto impressionante de obras. Só dos famosos "Bichos", há mais de 20 originais, sem contar numerosas reproduções que podem ser manipuladas pelo público. Tudo organizado com um rigor mais característico da curadoria alemã (assinada por Irina Hiebert Grun e Maike Steinkamp) que da própria vivência da artista.

Enquanto isso, no subsolo do mesmo edifício, a exposição de Yoko Ono divide o espaço com outras de longa duração. Em comparação com a mostra dedicada a Lygia, "Yoko Ono: Sonhar Juntos" (com curadoria de Klaus Biesenbach, Connor Monahan e Jon Hendricks) pode parecer quase um adendo.

De certo modo, não deixa de ser, pois corre em paralelo a outra exposição maior, "Yoko Ono: Música da Mente" (com curadoria de Patrizia Dander e Juliet Bingham) —esta sim, uma ampla retrospectiva, que ocupa um andar inteiro e mais o pátio interno do Gropius Bau, outra instância poderosa de consagração artística em Berlim. Antes de chegar à capital alemã, a retrospectiva passou pela Tate Modern, em Londres, em 2024.

As duas exposições berlinenses de Yoko Ono foram inauguradas no mesmo dia e ficam em cartaz até o final do verão europeu. Como se não bastasse, a artista instalou ainda a obra "TOUCH" na parede lateral da galeria Neue Berliner Kunstverein. Presente simultaneamente em três instituições importantes, Yoko domina a paisagem berlinense de artes visuais com uma cobertura inconcebível para qualquer artista brasileiro.

Se ela cede a primazia a Lygia Clark em um dos palcos, essa delicadeza é mais que recompensada pelo conjunto. Misto de artista, celebridade, ativista, sempre performática, Yoko continua a ditar suas instruções conceituais com uma fineza e uma força que desvelam a dimensão do projeto cultural ambicionado por ela desde os anos 1960.

Fiel aos preceitos que moldaram o movimento Fluxus, Yoko Ono nunca recuou do desafio de misturar arte e vida. Na obra emblemática "Film no. 4" (Bottoms)", de 1966/67, a artista entrou em confronto direto com a censura cinematográfica britânica, que barrou sua exibição pública. O filme, de 79 minutos, registra em enquadramento fechado uma sequência de cerca de 200 bundas em movimento de caminhar, com uma trilha sonora composta de entrevistas e conversas entre os participantes.

Ante a proibição da censura, Yoko liderou uma manifestação pacífica nas ruas de Londres, distribuindo flores aos repórteres e questionando a percepção de que havia qualquer dimensão erótica ao filme. O princípio de performar o protesto político e de midiatizar o experimentalismo para um público de massa é o mesmo que ela e Lennon empregariam com esmagadora eficácia em 1969 com seu happening "Bed-in" e a campanha de intervenção urbana "War Is Over (If You Want It)".

Enquanto Yoko Ono ganhava as manchetes mundiais ao lado do marido Beatle, a sombra da ditadura militar no Brasil forçou Lygia Clark a voltar sua experimentação cada vez mais para dentro —primeiro do meio artístico de vanguarda, em seguida da prática terapêutica que passou a exercer do seu apartamento em Copacabana.

Nesse mergulho profundo, sua obra atingiu uma densidade que, por seu lado, a produção da artista japonesa não conseguiu manter após os anos 1970. Separadas por meio mundo de distância, mas animadas pelo espírito de uma época transgressora, suas trajetórias foram afastadas, em última instância, pelo desequilíbrio estrutural geopolítico entre suas respectivas condições. Yoko, amparada pela ordem democrática e o poder midiático, teve a chance de falar ao presente. Lygia deixou seu legado para a posteridade: nós que reconhecemos na obra dela a liberdade possível em meio à repressão.

Decorrido mais de meio século desde suas produções mais inovadoras, o que ainda aproxima essas mulheres experimentais é a distância de um tempo em que a arte apresentava um desafio radical à ordem vigente.

A célebre obra "Cut Piece" (1964), de Yoko Ono, em que a artista permanecia impassível enquanto participantes cortavam pedaços de sua roupa com uma tesoura de costura, expõe a potência da vulnerabilidade e da não violência. Ela oferece um contraste involuntário, porém aflitivo, com a performance "Canibalismo" (1969), de Lygia Clark, no qual uma pessoa deita no chão, vestindo uma roupa especial que cobre seu corpo todo, salvo uma abertura na altura da barriga, de onde os demais participantes, de olhos vendados, extraem frutas e as comem.

A vítima do banquete canibal se sujeita à devoração ritualizada, do mesmo modo que, na obra de Yoko, a artista oferece seu corpo à agressão alheia. Ambas as obras são viscerais, em um sentido que parece faltar à arte no presente, até mesmo em suas proposições mais provocativas. ←

Leitura equivocada

Por **Luiz Armando Bagolin**
Professor do Instituto de Estudos Brasileiros da USP



'A Canoa sobre o Epte' (1890), de Claude Monet João Musa/Divulgação

[RESUMO] 'A Ecologia de Monet', em cartaz no Masp, causa estranhamento ao interpretar a obra do pintor impressionista a partir da crise ambiental contemporânea, escreve autor, já que Monet se entusiasmava com fenômenos meteorológicos em razão dos efeitos visuais ricos que produziam, não por ver neles sinais de desequilíbrio climático

Em uma carta datada de 24 de abril de 1889 a seu amigo e futuro biógrafo Gustave Geffroy, Claude Monet (1840-1926) diz: "Estou angustiado, quase desencorajado e fatigado a ponto de me sentir um pouco doente. O que estou fazendo não está bom, e, apesar da sua confiança, tenho muito medo de que meus esforços não levem a nada. Nunca tive tanta má sorte com o clima. Nunca três dias adequados consecutivos, então tenho que ficar sempre fazendo mudanças, pois tudo está crescendo e ficando verde [...]. Em resumo, à força de mudanças, estou seguindo a Natureza sem conseguir capturá-la, e ainda tem o rio que encolhe, incha de novo, verde um dia, depois amarelo, às vezes quase seco, e que amanhã será uma torrente, depois da terrível chuva que está caindo agora".

À época, Monet já contava com quase 50 anos. Quinze anos haviam se passado desde a exibição de "Impressão, Nascer do Sol" (1872), pintura que batizaria o impressionismo.

Sua reputação estava solidificada, assim como sua fama de captar a instabilidade do mundo visível —por mais efêmero que fosse o fenômeno diante dos olhos. Como já havia escrito Baudelaire em "O Pintor da Vida Moderna" (1863), a modernidade consistia justamente no "transitório, o fugidio, o contingente, a metade da arte cuja outra metade é o valor de eternidade".

Monet, ao contrário do cronista de rua Constantin Guys, sobre quem Baudelaire escrevia, não se dedicou à crônica social da cidade, mas ao estudo obstinado dos efeitos de luz e cor. No entanto, percebeu como poucos que a paisagem da vida moderna se transformava radicalmente desde a Revolução Industrial. Durante o exílio em Londres (1870-71), em meio à Guerra Franco-Prussiana, teve contato com obras tardias de Turner, como "Tempestade de Neve" (c. 1842), fascinado pelo esforço da luz em atravessar uma atmosfera densa —muitas vezes, literalmente intoxicada.

Já naquele tempo era sabido que o famoso fog londrino não era apenas neblina marítima, mas uma mistura espessa de umidade e poluição do carvão. A fumaça industrial cobria o Reino Unido, cujo abastecimento elétrico era quase inteiramente dependente da queima do mineral. No inverno de 1952, esse mesmo "smog" custaria cerca de 12 mil vidas. Não se trata, portanto, de um dado menor da história visual urbana.

Monet não ignorava esse ambiente. Ao contrário, parece tê-lo explorado ativamente como recurso plástico. Pinturas como "O Tâmisa Abaixo de Westminster" (1871) testemunham seu empenho em captar a turvação da atmosfera e os miasmas do progresso industrial.

Entre 1899 e 1901, retornaria a Londres em três temporadas, sempre hospedado no Hotel Savoy, com vista privilegiada para a ponte de Waterloo e a paisagem fabril do South Bank. Em fevereiro de 1901, escreveu: "Uma maravilha após a outra, cada uma durando menos de cinco minutos, era o suficiente para enlouquecer alguém".

As cartas dele para a sua esposa na época mostram como continuava vivendo todo o tempo fascinado e frustrado, não só pelas mudanças de luz durante o dia, mas também pela neblina e poluição de Londres, que obscureciam os objetos e coloriam o ar em torno deles. Para pintar o palácio de Westminster, ele passava as tardes do outro lado do rio, em uma sala do Hospital St. Thomas. Em um dia ele chegou a trabalhar em cinco telas simultaneamente, desde o nascer do sol.

Mas essa obsessão com a variação ininterrupta da luz, que atravessa sua série sobre a catedral de Rouen e se repete nas vistas londrinas, pouco tem de reflexão ecológica no sentido atual. O fascínio de Monet era puramente pictórico: uma tentativa desesperada de acompanhar as metamorfoses da luz e dos elementos —e de convertê-las em matéria sensível sobre a tela.

É nesse ponto que causa estranhamento a proposta da exposição "A Ecologia de Monet", atualmente no Masp, que interpreta sua obra a partir da crise ecológica contemporânea.

A mostra, organizada por Adriano Pedrosa e Fernando Oliva, com assistência de Isabela Loures, toma como ponto de partida duas obras do acervo do museu: "A Canoa sobre o Epte" (c. 1890) e "A Ponte Japonesa sobre a Lagoa das Ninfeias em Giverny" (1920-24) para articular uma leitura em chave ambiental. Além dos quadros pertencentes ao museu, a mostra traz pela primeira vez ao Brasil obras de Monet pertencentes ao Museu de Arte da Filadélfia, Instituto de Arte de Chicago, Art Gallery of Ontario, Museu Kunst, de Berna, e Museu d'Orsay, entre outros. Ao todo, estão exibidas 32 telas do pintor.

A exposição se ampara em um seminário prévio realizado em 2023, com a presença de estudiosos como Caroline Shields, Marianne Mathieu, Maria Grazia Messina, Nicholas Mirzoeff e Stephen Eisenman. Este último, conhecido por conectar arte e Antropoceno, é o principal responsável por inserir a obra de Monet em um horizonte de consciência ambiental. Segundo os curadores, a ideia seria iluminar a pintura impressionista como forma de registro das transformações produtivas e sociais, inaugurando —ainda que inconscientemente— uma sensibilidade ecológica.

No entanto, é difícil não notar que tal interpretação se impõe retrospectivamente. Trata-se de um anacronismo deliberado —no melhor dos casos, um exercício de leitura à luz de agendas contemporâneas; no pior, uma tentativa forçada de encaixar obras canônicas em pautas institucionais predefinidas. A curadoria reconhece esse direcionamento ao afirmar que a mostra integra o ciclo anual do museu: em 2024, "Histórias da Diversidade"; em 2025, "Histórias da Ecologia". O que se coloca, portanto, não é apenas uma nova leitura, mas uma moldura que determina a leitura possível.

Nas palavras da equipe curatorial, a mostra pretende lançar "novas luzes sobre o trabalho do artista ao explorar temas como os impactos das transformações dos meios de produção e das dinâmicas sociais sobre o imaginário

Continua na pag. B11

Continuação da pág. B10

impressionista; a percepção do mundo natural como uma economia complexa e interdependente, evidente em algumas de suas obras; e o princípio de uma consciência ecológica, que em Monet e outros pintores abrangem tanto a biologia quanto a fenomenologia".

Em 2016, a exposição "Monet: The Early Years" no Museu Kimbell, no Texas, já apontava o caráter alegadamente político da pintura impressionista, trazendo à luz uma suposta ligação entre o desenvolvimento da paisagem moderna e a transformação ambiental promovida pelo homem.

Monet, como se sabe, jamais foi ativista. Nem mesmo discreto interlocutor de preocupações ambientais. Os impressionistas, de modo geral, se entusiasmavam com enchentes e nevascas, não porque nelas vissem sinais de desequilíbrio climático, mas porque tais eventos produziam efeitos visuais mais ricos. A fumaça das locomotivas, os reflexos sobre as águas turvas, os céus envenenados da cidade —tudo isso lhes oferecia desafios técnicos e prazeres sensoriais, não diagnósticos do colapso planetário.

Entretanto, segundo a curadoria, "também podemos pensar na obra de Monet como uma tentativa de conciliar dois ritmos e meios de produção distintos que existiam simultaneamente naquele período: por um lado, uma temporalidade de longa duração, associada à paisagem, à geologia e às formações do mundo natural; e, por outro lado, a experiência acelerada da vida urbana, o desejo incessante de progresso, tão típico da modernidade, que era visto como o controle e a sujeição da natureza. A presença de indústrias no interior do país foi incorporada em suas paisagens, assim como as transformações dos hábitos da sociedade francesa, como a expansão do turismo na Normandia e na Bretanha".

Obras como "Os Descarregadores de Carvão" (c. 1875), que mostra trabalhadores descarregando carvão no Sena, ou "A Estação Saint-Lazare" (1877), com sua bruma densa de vapor e fuligem, não são denúncias. São celebrações formais. Monet não está apontando os perigos da industrialização, mas absorvendo sua aparência para reinventar a pintura.

Mesmo aspectos técnicos de sua obra, hoje alvo de problematizações ambientais —o uso de terebentina, pigmentos de cádmio, envernizamentos espessos—, nada tinham de consciência ecológica. Ao contrário, eram práticas comuns da modernidade artística, voltadas à intensidade cromática e à presença material da imagem. A fisicalidade da pincelada, a viscosidade da tinta, o contraste entre texturas diversas —tudo isso contribuía para o que se poderia chamar de uma estética atmosférica, na qual a cor e a luz prevalecem.

Nesse sentido, a associação entre Monet e uma "ecologia da percepção" soa, no mínimo, exagerada. As obras do Masp, como "A Canoa sobre o Epte", revelam um olhar hipnótico voltado à superfície da água, ao jogo de reflexos e algas, mas sua motivação é gráfica, talvez inspirada pelas gravuras japonesas que o artista colecionava. O mesmo vale para as visões do lago e da ponte em Giverny, cujo curso de água foi desviado artificialmente por iniciativa do próprio Monet, com apoio do amigo Georges Clemenceau —o que hoje, aliás, seria visto como intervenção ambiental indevida, nada ecológica.

Ao contrário do que propõe a curadoria, os jardins de Giverny não são uma resposta contemplativa à crise do mundo natural. São uma fantasia orientalista deliberadamente construída, à maneira do "sharawadji", o conceito do paisagismo britânico do século 18: a beleza sem ordem, uma paisagem artificial que simularia a espontaneidade da natureza. Monet projetou e cultivou seu jardim como se compusesse um quadro. Mas não há aqui lamento, culpa ou advertência: há apenas fruição sensorial.

A obsessão com a variação da luz pouco tem de reflexão ecológica. O fascínio de Monet era puramente pictórico: uma tentativa desesperada de acompanhar as metamorfoses da luz e dos elementos —e de convertê-las em matéria sensível sobre a tela

O grande painel das ninfeias, hoje no Museu L'Orangerie, em Paris, é um bom exemplo. Quase abstrato, feito no fim da vida, ele dissolve as coisas na própria matéria pictórica: água, ar, vegetação, tudo se mistura em uma mesma vibração cromática. Em 1890, Monet escrevia: "Voltei a algumas coisas que são impossíveis de fazer: água, com ervas dançando no fundo. É uma visão maravilhosa, mas enlouquece qualquer um tentar pintá-la".

Essa obstinação técnica não se confunde com consciência ecológica. Ao contrário de artistas contemporâneos como Tacita Dean —que, ao desenhar nuvens ou geleiras, aponta diretamente para a finitude do mundo natural—, Monet parecia imerso em um hedonismo visual radical. Dean pode intitular um livro de colagens "Monet Hates Me" (Monet me odeia, 2021), citando uma frase de Pissarro. Mas é bem possível que Monet simplesmente não se preocupasse com nada disso. Sua pintura não é sobre o planeta. É sobre a pintura. ←

A Ecologia de Monet

ONDE: Masp (av. Paulista, 1.578). **QUANDO:** Ter., sex. e sáb., das 10h às 22h; qua., qui. e dom., das 10h às 18h. Até 24 de agosto. **QUANTO:** R$ 75; grátis ter. (o dia todo) e sex. (a partir das 18h)

teatro uol
JULHO/25
Ingressos à venda
Rodrigo Sant'Anna em ATAZANADO — Sex., Sáb. e Dom., 20h — De R$60 a R$150* — ATÉ 03/08
Fulvio Stefanini em O PAI — REESTREIA 05/07 — Sáb. e Dom., 18h — De R$50 a R$150*
A AUTOESTIMA DO HOMEM HÉTERO — Criação e atuação AMANDA MIRÁSCI — ESTREIA 05/07 — Sáb., 22h — De R$40 a R$100*
MULHERES EM CHAMAS — Miá Mello, Camila Raffanti, Juliana Araripe — ESTREIA 02/07 — Qua. e Qui., 20h — De R$45 a R$120*
Bruno Baroni & Thaisa Damous em EU TAMBÉM SOU MÉDICO — ESTREIA 08/07 — Ter., 20h — De R$45 a R$120*
Festival de Férias Julho 2025 — 8 espetáculos para curtir as férias!
Os Três Porquinhos o retorno do Lobo Mau — Seg., às 15h
As Aventuras de João e Maria no Teatro — Ter., às 15h
Perdidos em Madagascar um musical animal — Qua., às 15h
Watchatchá uma viagem pela ciência — Qui., às 15h
Que Palhaçada é Essa? — Sex., às 15h
Lucas Cunha Show — Sex., às 18h
O Mágico de Oz — Sáb. e Dom., às 15h
A Bela e a Fera — Sáb. e Dom., às 16h30
Seg. a Dom. – 30/06 a 03/08 — De R$45 a R$120*
Shopping Pátio Higienópolis — Av. Higienópolis, 618 - Terraço — Televendas: 3823-2737
*Valor do ingresso variável de acordo com a sessão, meia-entrada e demais descontos. Consulte a bilheteria.
teatrouol.com.br
Alvará do corpo de bombeiros - Validade 22/08/2025; Alvará funcionamento local de reunião (AFLR) - Processo 1020.2024/0004487 e Acessibilidade - Processo 1020.2023/0024165-9
Compre aqui
Realização: Conteúdo Teatral — Patrocínio: Germed, Bain & Company, Banco Luso Brasileiro, Folha, UOL
@teatrouol /teatrouol

Eufrázio

QUADRÃO

Angeli

MEMORABILIA

A ÚLTIMA GUERRA DO MUNDO

ANGELI









DOM. Jan Limpens, João Montanaro, Ricardo Coimbra, Angeli e Laerte

SUDOKU texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

8							5	
		2	7	5				
3						2		4
	1			7	9	8	2	
		7				9		
	9	8	2	1			4	
9		4						2
				8	5	4		
	6							7

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

8	7	9	4	3	2	6	5	1
1	4	2	7	5	6	3	9	8
3	5	6	8	9	1	2	7	4
4	1	5	6	7	9	8	2	3
2	3	7	5	4	8	9	1	6
6	9	8	2	1	3	7	4	5
9	8	4	1	6	7	5	3	2
7	2	1	3	8	5	4	6	9
5	6	3	9	2	4	1	8	7

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Seguir, abraçar **2.** Vaporizar, pulverizar **3.** Clube campeão em competição esportiva pela terceira vez / Exame Nacional de Desempenho de Estudantes **4.** Mosquito transmissor de doenças, de origem africana e asiática, mas disseminadas nas Américas desde a colonização **5.** A Pigossi tenista paulistana / Um apelido para Isabel **6.** Mestre de qualquer tipo de embarcação **7.** Outro nome do tubérculo inhame-da-china / Pé do cachorro **8.** Lançar uma coisa longe de si / (Náut.) Abreviatura do lado direito do navio, olhando da popa para a proa **9.** Pref.: moderno / O Roth treinador gaúcho de futebol **10.** (Quím.) O símbolo do ósmio, material usado na fabricação de pontas de canetas / Estar em declínio **11.** Uma das ilhas que formam o nome de um país das Pequenas Antilhas **12.** Forrar com certo material usado para revestir e adornar pisos **13.** Cortar.

VERTICAIS

1. Feito de madrugada, antes da luz do dia **2.** Sigla do departamento que administra as rodovias paulistas / Afirmar **3.** Registro de falecimentos / Radiopatrulha **4.** (Pron.) A segunda pessoa / Cometer equívocos materiais ou morais / (Ing.) Alimento que usa um adoçante hipocalórico **5.** Dar como razão / Sinal que se coloca sobre vogais **6.** O Levi (1901-1965), pioneiro da arquitetura contemporânea brasileira / Admirar **7.** A nação africana de Lusaka / Que rouba (fem.) **8.** (Med.) Sensibilidade hipotética a certas radiações **9.** Que tem base concreta / (Mar.) Ato de atracar um navio a um ponto de terra.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1							■		■
2									
3				■					
4									
5						■			
6		■							■
7					■				
8							■		
9				■					
10			■						
11	■								
12								■	
13	■		■						■

HORIZONTAIS: 1. Adotar, **2.** Nebulizar, **3.** Tri, Enade, **4.** Estegomia, **5.** Laura, Bel, **6.** Arrais, **7.** Cará, Pata, **8.** Atirar, EB, **9.** Neo, Celso, **10.** Os, Decair, **11.** Trinidad, **12.** Tapetar, **13.** Torar.
VERTICAIS: 1. Antelucano, **2.** Dersa, Atestar, **3.** Obituário, RP, **4.** Tu, Errar, Diet, **5.** Alegar, Acento, **6.** Rino, Apreciar, **7.** Zâmbia, Ladra, **8.** Radiestesia, **9.** Real, Abordo.



Homem invade palco na Feira do Livro, na praça Charles Miller, durante homenagem ao poeta Antonio Cicero Rafaela Araújo/Folhapress

Feira do Livro tem invasão em palco e debates com veteranas

Programação de sábado foi marcada por susto em homenagem ao poeta Antonio Cicero e mesas com as escritoras Marilene Felinto e Beatriz Bracher sobre seus processos criativos particulares

Walter Porto e Carolina Faria

SÃO PAULO Um homem invadiu o palco principal da Feira do Livro, na tarde deste sábado, durante uma homenagem ao poeta Antonio Cicero com sua irmã Marina Lima, a editora Alice Sant'Anna, seu amigo Arthur Nogueira e a poeta Bruna Beber. Beber lia um texto de Cicero intitulado "Quase", quando um rapaz subiu no palco, tomou o microfone e declamou um texto de protesto.

A atitude espantou os convidados e o público. Dois seguranças se mobilizaram para contê-lo, escoltando-o pelo braço. Quando Beber retomou a palavra e causou uma onda de risadas quando leu novamente o título: "Quase".

A programação acontece de forma aberta na praça Charles Miller, em frente ao estádio do Pacaembu. A organização do evento lamentou o ocorrido.

Fora o susto, foi uma das mesas mais emotivas da feira até aqui. Os convidados se revezaram para ler, cada um, meia dúzia de poemas de Cicero coletados agora no livro "Fullgás", que reúne sua obra completa e foi editado por Sant'Anna na Companhia das Letras.

Marina Lima também contou detalhes de como a dupla compôs a canção "Fullgás", seu sucesso mais conhecido, e disse ter ficado emocionada e orgulhosa de esse ter sido o título escolhido para a coletânea da obra do irmão.

Pela manhã, duas veteranas apresentaram suas literaturas em mesas separadas. Lançando o elogiado romance "Corsária", Marilene Felinto abriu sua fala lendo um texto que desancava boa parte do sistema literário, incluindo a própria feira que organizou a mesa.

A conversa mediada pela crítica Luciana Araujo Marques sobrevoou alguns dos motivos principais da carreira da autora de "As Mulheres de Tijucopapo", que agora aborda com novas tintas o tema do retorno e da insubmissão.

Felinto reforçou que tem dificuldade de encaixar sua literatura num rótulo ou movimento. "Falar que a literatura vem de um lugar determinado não me diz muita coisa. Prefiro a literatura que vem de lugar nenhum, ou de todo lugar."

A conversa foi marcada por uma dificuldade algo cômica da escritora em definir sua obra ou explicar seu processo criativo, dizendo que sua tendência é mandar o leitor descobrir isso por si.

Já a escritora e editora Beatriz Bracher falou do livro "Guerra 1", primeira obra de uma trilogia que será composta de trechos escritos por brasileiros que participaram da Guerra do Paraguai. A partir de cerca de 30 livros históricos selecionados a partir de uma biblioteca de um colecionador, ela fez um trabalho de pesquisa para criar uma narrativa coesa e de ritmo fluido, segundo Joca Reiners Terron Terron, que mediou a mesa.

"Eu não sinto que é algo inovador, e sim a única maneira de falar o que eu estava vendo ali", afirmou a autora. "É quase uma homenagem a essas pessoas. Não é uma vampirização, mas uma ressuscitação. O que me deixa mais orgulhosa é eu não existir naquele lugar." Mesmo com esse afastamento, Bracher se considera autora de um romance, não uma historiadora ou coisa parecida.

O colunista Antonio Prata participou de uma mesa promovida pela **Folha** no Tablado Literário Mário de Andrade para falar sobre um território mais recente de sua produção: os livros infantis. A conversa, mediada por Gabriel Justo, teve como foco "Jacaré, Não", inspirado em sua convivência com os filhos.

"Provavelmente também escreveria livros infantis se eu não fosse pai, mas os livros seriam piores", brincou. Ele destacou que, embora todo texto dependa da sua forma, a literatura voltada ao público infantil exige atenção redobrada. "Todo texto tem que ter ritmo, mas o infantil precisa ter essa cadência evidente." ←



Destaques deste domingo

FEIRA DO LIVRO

- **10h30, no Auditório Armando Nogueira** Luciana da Cruz Brito e Bianca Santana
- **14h, no Tablado Literário Mário de Andrade** Conrado Hübner Mendes, com mediação de Eduardo Sombini

BIENAL DO LIVRO

- **12h, no Palco Café Literário Pólen** 'Páginas na Tela - Ainda Estou Aqui', com Marcelo Rubens Paiva, Heitor Lorega, Murilo Hauser

Bienal do Livro fisga público com parque de diversão

Yuri Eiras

RIO DE JANEIRO A edição deste ano da Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, mistura parque de diversões e feira livre. O resultado foi um público com olhar sempre ocupado. O objetivo da organização do evento e das editoras, como nas bienais anteriores, é atrair o público para os livros, e assim novas táticas surgiram.

A atenção para os estandes das editoras é dividida com salas de jogos de escape, cosplays, e espaços de conversa com presença de autores famosos. No lado externo do pavilhão, ao lado da praça de alimentação, uma roda-gigante é outra novidade disputada.

Acompanhada de três amigas neste sábado, a corretora Simone Coutinho, 38, levou à Bienal quatro crianças de três anos, que entraram animadas para ver a roda-gigante e saíram encantadas com as cores dos livros de colorir que haviam ganhado. Para alimentar o hábito da leitura, diz Coutinho, será um pulo. "Eles estão descobrindo a pintura, o mundo das cores. Logo, logo vem o mundo das letras", afirma.

A roda-gigante tem filas de espera de até uma hora. Os ingressos postos à venda online têm esgotado ainda pela manhã. As 16 cabines da roda são temáticas de histórias como "Alice no País das Maravilhas" e "Lilo & Stitch".

"Vim para a Bienal para um passeio em família, mas descobri novos interesses", afirma Fernanda Ramos, 29, que saía do evento com três bolsas de livros.

Para o público jovem, especialmente os fãs de romance e suspense, a atual edição da Bienal é como uma Disneylândia. O "escape room" dedicado aos livros de suspense tinha fila e vagas esgotadas no início da tarde do sábado.

Na sala temática fechada, o público é instigado a desvendar enigmas durante os dez minutos de visita. Além dessas atrações, a Bienal deste ano tem um labirinto sensorial da editora Darkside, uma biblioteca lúdica voltada ao público infantil e uma sala de cultura pop.

Com tanto estímulo, atrair a atenção do público é desafio para os autores independentes. O quadrinista Lucas Eklipse comemorava cada livro vendido. "A venda dos livros já pagou o que gastei para expor aqui. Saio no lucro", diz.

A paulista Larissa Pozatti, 23, viajou à Bienal para ver sua autora favorita, Caroline Fawley, dona de uma trilogia de romance com fantasia e pitadas sexuais. "Ter prazer pelos livros abre nossa mente para novos interesses", diz.

O evento segue até este domingo, dia 22, nos pavilhões do Riocentro, zona oeste da capital fluminense.

COMIDA

Festival gastronômico Taste tem aula de Gustavo Rodrigues neste domingo

SÃO PAULO Neste domingo, das 11h às 20h, o parque Villa-Lobos, na região oeste, recebe mais um dia do festival gastronômico Taste São Paulo.

Às 16h, o chef Gustavo Rodrigues ensina a preparar um peixe na brasa ao estilo do Sororoca, seu bar de pescados e frutos do mar. Já às 19h, a especialista em pâtisserie Lucia Sequerra e a chef executiva Ligia Karazawa, do Astor e Ici Brasserie, compartilham técnicas e dicas para o preparo de carnes e molhos para o churrasco.

Uma novidade deste fim de semana é o Ema, da chef Renata Vanzetto, que mesmo fechado desde março, serve seus clássicos ao festival.

Os ingressos custam a partir de R$ 65. A programação vai até o dia 29.

Conspiração brasuca

[RESUMO] Antonio Fernando Borges publicou apenas três livros e morreu em relativo esquecimento no ano passado. Deixou, entretanto, um projeto ficcional poderoso, no qual emulou Machado de Assis e Jorge Luis Borges, acrescentando à fórmula uma meditação irônica sobre conspirações e paranoia, o que resultou em uma literatura que ultrapassa a mera cópia para ser original e amarga sobre os rumos do Brasil

Por **Martim Vasques da Cunha**
Doutor em ética e filosofia política (USP), é autor de "Crise e Utopia – O Dilema de Thomas More", "A Poeira da Glória" e "A Tirania dos Especialistas"

Antonio Fernando Borges, falecido em novembro do ano passado, aos 70 anos, foi um dos grandes escritores brasileiros dos últimos tempos —e também solenemente ignorado por seus contemporâneos.

Em termos estilísticos, ele conseguiu o impossível. Imitou com perfeição o tom e os maneirismos de Machado de Assis e Jorge Luis Borges, em um projeto ficcional que teve começo, meio e fim, com três livros impecáveis: o volume de contos "Que Fim Levou Brodie?" (1996) e os romances "Brás, Quincas & Cia." (2002) e "Memorial de Buenos Aires" (2007).

No aspecto temático, Antonio Fernando Borges fez o impensável para quem vive no mundo paralelo da literatura nacional. Abordou temas metafísicos com uma sofisticação rara, lidando tanto com as obsessões do autor de "Dom Casmurro" a respeito da loucura e das paixões humanas quanto com as especulações do criador de "O Aleph" em torno da natureza do tempo e das realidades bifurcadas.

Além disso, AFB (as iniciais do autor) acrescentou um terceiro toque de ousadia, extremamente perigoso (daí o incômodo que sua obra despertou em seus pares, independente da ideologia política).

Trata-se do fato de que ele também se inspirou em um outro grande autor, o inglês G.K. Chesterton, muito querido por Jorge Luis Borges, para incluir na sua literatura uma meditação irônica sobre as conspirações cósmicas que comandam as nossas vidas.

O incômodo citado acima ocorre porque uma das maiores fake news de todos os tempos é a de que o brasileiro não é suficientemente paranoico. O mito do "homem cordial" (obrigado, Cassiano Ricardo) ainda perdura entre nossas análises históricas —o que nos leva a uma fileira ímpar de equívocos cognitivos.

A obra de Antonio Fernando Borges, com sua notável presciência, mostra que o povo tupiniquim é, sim, paranoico ao extremo —e capaz de produzir as intrigas mais bizarras (perdoem-me pelo pleonasmo).

No entanto, como qualquer bom praticante da arte da perseguição sistemática, o nosso Borges vai além deste clichê. Com a ajuda do mago portenho e do Bruxo do Cosme Velho, consegue refletir a respeito da verdadeira marca de Caim que há na alma brasileira: a nossa infinita capacidade para a autodestruição (algo que o próprio AFB viveu na carne em sua biografia).

Afinal, é isto o que produz a grande arte —a capacidade de o escritor olhar para essa parte sombria da natureza humana, sem nenhuma hesitação, e extrair um sentido a ser transmitido para o resto da sociedade.

E AFB fez isso como poucos. Uma das estratégias literárias que usou foi jogar habilmente com o conflito entre a imitação e a emulação.

Segundo João César de Castro Rocha, a imitação é o que qualquer bom aluno faz: copiar um modelo, e copiá-lo bem, porém sem ultrapassar o estágio da emulação, que seria imitar para ser algo melhor e diferente, e mais, ser um escritor único.

Nesta perspectiva, esta seria uma das formas pelas quais a literatura brasileira conseguiria escapar da sua condição subdesenvolvida, ao possibilitar que seja vista como uma novidade em relação a outros países latinos e até mesmo europeus, uma vez que este seria o modo ideal para o artista superar a si mesmo.

Ocorre que, nos últimos anos, a nossa literatura ficou apenas na condição de imitar —e nada mais. Esta postura atinge desde os best-sellers, como Itamar Vieira Junior (um ensopado de Raduan Nassar com cultura identitária) e Carla Madeira (uma Nélida Piñon com toques de sacanagem), até os mais queridinhos da intelligentsia (vide os romances urbanos, escritos por homens "erectos" que copiam ora Ian McEwan, ora Cormac McCarthy, ou os poemas e relatos de autoficção elaborados por mulheres que anseiam ser a próxima Sylvia Plath), passando pelos lançamentos de uma direita sem nenhuma imaginação (uma mistura de PG Wodehouse com Evanildo Bechara, no pior dos sentidos).

AFB, por sua vez, imitou rigorosamente Machado de Assis e Jorge Luis Borges, mas foi além: praticou a emulação e, com isso, criou uma literatura toda peculiar.

Os únicos autores que estão ao lado do nosso Borges nesta categoria —os dois primeiros ainda vivos e ativos, ainda bem, mas o terceiro também falecido recentemente— são Diogo Mainardi, Alberto Mussa e Fernando Monteiro.

Mainardi é um inovador na forma do romance, capaz de unir humor, ironia e virtuosismo técnico para refletir a respeito do que significa ser brasileiro nesta loucura que é o mundo moderno.

Mussa inverte todas as expectativas dramáticas comuns aos clichês da nossa cultura para depois aprofundar-se na dinâmica do desejo humano que rege a hierarquia social do país.

Já Monteiro, que morreu em fevereiro deste ano, usou e abusou da sintaxe barroca da língua portuguesa para meditar sobre os projetos falhados que nos perseguem, em particular na relação idiossincrática entre cinema e literatura.

Nos quatro casos acima, o que os ligam —apesar de provavelmente nenhum deles ter lido os livros dos outros— é a capacidade infinita de surpreender o leitor, num jogo ambíguo de espelhos e de reflexos que só a ficção é capaz de produzir.

Neste aspecto, AFB se mostrou como um mestre igual aos seus modelos originais.

Em "Que Fim Levou Brodie?", ele joga com o próprio sobrenome para refletir a respeito dos "homens que mastigam a linguagem" (título de um dos relatos mais inusitados do volume) e perceber que, provavelmente, a realidade objetiva do Brasil está indo pelo mesmo caminho, o da entropia.

Aqui, ele se aproxima também da literatura de outros dois grandes paranoicos: o portenho Ernesto Sabato (em particular, "Sobre Heróis e Tumbas", com a obsessão pela seita dos cegos) e o americano Thomas Pynchon (com seu amor pelos complôs cognitivos).

Isto é evidente em "Brás, Quincas & Cia", romance que aparentemente homenageia Machado de Assis, mas depois o leitor percebe que ele já denuncia a "poética da dissimulação" que vigora ainda hoje na nossa cultura, a mesma poética que, consumida por dentro pelo kitsch da propaganda política do igualitarismo e da consciência coletiva, também dá combustível para o surgimento das mais loucas teorias conspiratórias, antecipando assim a alucinação que tomaria conta da política nacional nos anos seguintes.

Esta ficção profética é levada ao extremo em "Memorial de Buenos Aires". Se antes o nosso Borges conversava com Machado, Sabato e Pynchon, agora o diálogo é com o Borges deles e com o Chesterton de "O Homem que Era Quinta-Feira".

Mas há um detalhe: a conspiração dos livros anteriores, que sempre se autodestruíam, atinge a vida pessoal do narrador, alguém semelhante ao próprio AFB na vida real e que, infelizmente, reforça a dissolução na sua própria biografia.

A grande ironia é que, apesar dessa dinâmica interna quase infernal, o escritor brasileiro nunca perdeu a serenidade do estilo.

Ele era capaz de escrever parágrafos aparentemente plácidos, como este em "Memorial": "No dia em que comecei a pôr em dúvida a fidelidade de Marilu, a ideia absurda de que Helena não é minha filha caiu sobre mim como uma tempestade improvisada. Algumas ideias teimosas pertencem à família das moscas: por mais que a gente as espante, voltam a pousar. E aquela era, sem dúvida, uma delas. Lembro de ter vagado às cegas por bairros escuros, indo parar numa parte feia, triste e menos conhecida da cidade. Esperar encontrar ali um pouco de beleza ou poesia que me serenizasse a alma seria exigir demais daquele caserio cinzento e da natureza amarga e esforçada do lugar, feita de árvores secas e morros inacessíveis".

Parece fácil escrever dessa forma, com riqueza e leveza de detalhes, mas não é.

A qualidade de sprezzatura (a aparente facilidade ao realizar tarefas difíceis) no estilo de Antonio Fernando Borges lhe permite a reviravolta final da piscadela que não se leva a sério no reino literário, mas é perigosa quando se estende enfim na "conspiração brazuca" que é a realidade.

Assim como Diogo Mainardi, Alberto Mussa e Fernando Monteiro (e tantos outros sem holofotes e manchetes a seu favor), o nosso Borges prova que a literatura nacional ainda respira, mesmo que seja por aparelhos. O problema é que, no caso dele, o próprio Brasil quis destruí-lo, antes pelo ostracismo, agora por amnésia.

Chegou a hora de criar uma nova trama (ou um novo complô?) para que, depois da sua morte, este grande escritor não tenha a mesma sorte funesta dos seus personagens. ←

+

O singular universo de Antonio Fernando Borges

"Que Fim Levou Brodie?" (1996)
Nestes contos já se notam as referências culturais marcantes de sua obra, como Machado de Assis e Jorge Luis Borges.

"Braz, Quincas & Cia." (2002)
Em um quarto de hotel, um autor defunto escreve suas "memórias póstumas". Soa familiar? O próprio Machado talvez seja um personagem desta história tresloucada sobre um escritor que falhou na tentativa de suicídio, mas mesmo assim está morto —e sobretudo cansado.

"Memorial de Buenos Aires" (2006)
"O diário de uma temporada em Buenos Aires escrito por um homem que nunca saiu do Rio. As impressões de 1939 anotadas por alguém que morreu um ano antes." A breve sinopse dá uma ideia da verve do autor.

No aspecto temático, Antonio Fernando Borges fez o impensável para quem vive no mundo paralelo da literatura nacional. Abordou temas metafísicos com sofisticação rara, lidando tanto com as obsessões do autor de "Dom Casmurro" a respeito da loucura quanto com as especulações do criador de "O Aleph"

As vingadoras

[RESUMO] Pouco conhecida no Brasil, a escritora Wanda von Sacher-Masoch (1845-1906) é tema de coletânea com 11 contos. À frente de seu tempo, suas protagonistas levam ao extremo o desejo de vingança contra a ordem patriarcal, forma de a autora escancarar a desigualdade de direitos entre homens e mulheres, e fazem pensar nas configurações do feminismo atual

Por **Dirce Waltrick do Amarante**

Tradutora e professora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Autora, entre outros livros, de "Para Ler Finnegans Wake de James Joyce" e "James Joyce e Seus Tradutores"

"Damas de Casaco de Pele e Chicote", uma coletânea de 11 contos da escritora austríaca Wanda von Sacher-Masoch (1845-1906), pseudônimo de Angelika Aurora Rümelin, foi lançada recentemente no Brasil pela editora Ercolano.

Vale lembrar que ela foi casada com o também escritor Leopold von Sacher-Masoch, cujo livro mais conhecido é "A Vênus das Peles" (1870), inspirado em experiências autobiográficas. Nesse romance ele narra as aventuras sexuais de Severin e Wanda, marcadas pela submissão masculina, vindo daí o termo "masoquismo". Aliás, o pseudônimo de Rümelin é a junção do nome da protagonista de "A Vênus das Peles" com o sobrenome de Leopold.

Os contos de Wanda von Sacher-Masoch, posteriores ao romance do marido, lançam um novo olhar às figuras femininas no universo das relações afetivas. Suas protagonistas podem até ser sensuais, e às vezes gélidas e cruéis, como desejava Severin, mas não o são para agradar e satisfazer o parceiro, já que não há nenhum pacto entre eles —o pacto é da mulher com ela mesma.

"Damas de Casaco de Pele e Chicote" não ganhou, até o momento, muito destaque por aqui, ainda que seja um livro fundamental para pensar o feminismo e ressignificar o conceito de "vingança", termo imputado às mulheres quando rompem o silêncio e buscam pela reparação das violências sofridas.

Em "A Domadora", a protagonista, uma domadora de leões, depois de confiar em seu amante, descobre que foi traída e que seu romance com ele era comentado na sociedade. A noiva do antigo amor também a via como um ser menor e exótico.

A quebra de confiança e a humilhação pela qual passou são imperdoáveis, por isso a domadora não hesita em condenar à morte o traidor: "Com o chicote, ela começou a despertar e açular os leões sonolentos, enquanto o príncipe gritava por socorro. Entretanto, seu apelo se extinguiu sem ser ouvido em meio à tempestade de inverno".

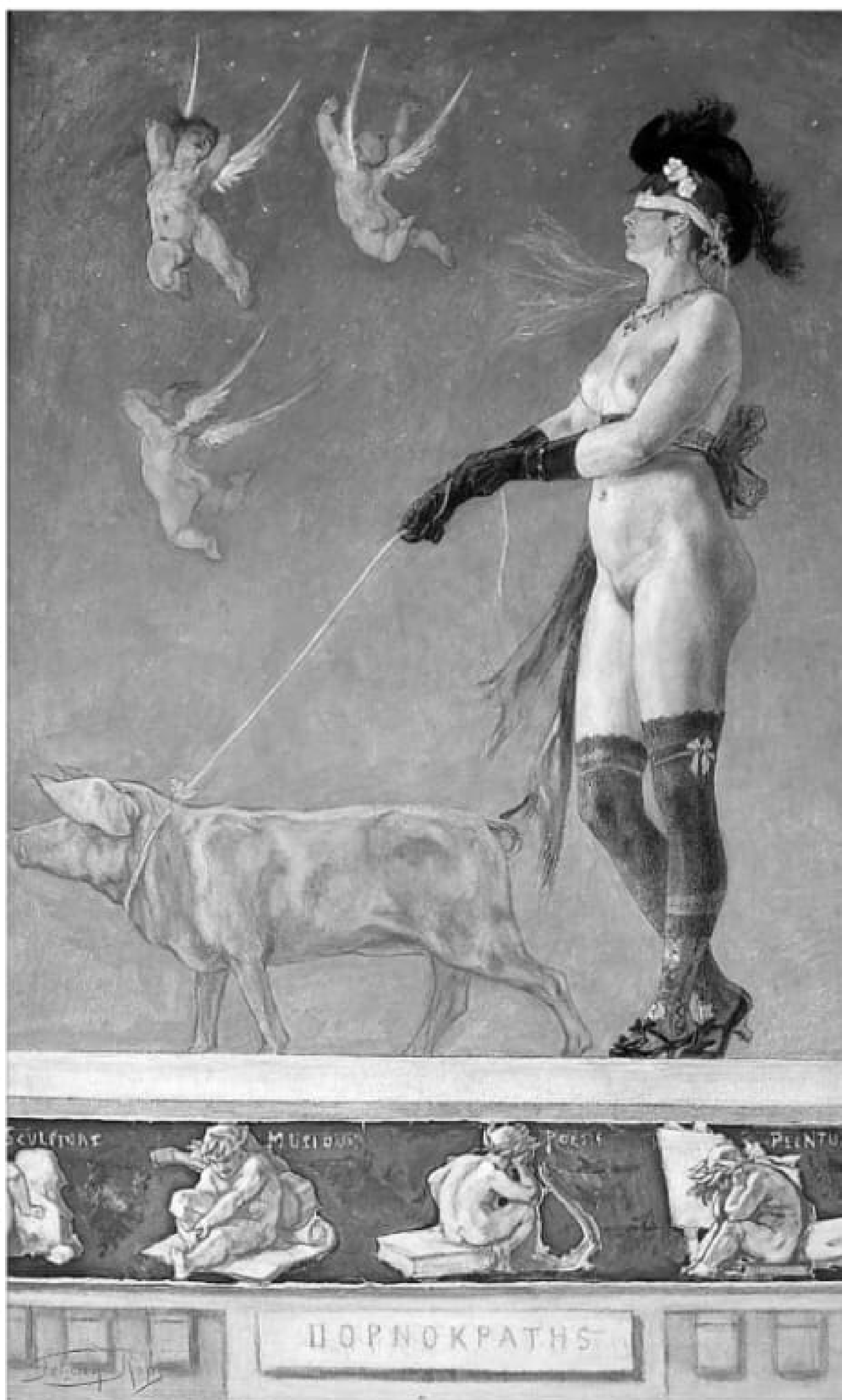
"Damas de Casaco de Pele e Chicote" começa com um breve alerta da autora: "A mulher legalmente excluída de todos os direitos do homem, subjugada pelos costumes e pelo preconceito, é inimiga secreta do homem e busca vingar-se dele recorrendo à astúcia e às artes da dissimulação. Apenas a mulher com direitos iguais aos do homem em todos os aspectos e com igual instrução será sua companheira leal, honesta e corajosa na luta pela existência".

Em seus contos, a escritora leva ao extremo os casos de vingança, talvez como uma forma de chocar e chamar a atenção para o tema da igualdade de direitos entre homens e mulheres.

A propósito do verbo "vingar", usado pela escritora, note-se que ele costuma carregar uma conotação negativa. Todavia, a vingança é necessária, como verificamos durante a leitura, pois evita que os sentimentos das personagens se transformem em ressentimento.

Em "Tortura e Sintoma Social", a psicanalista Maria Rita Kehl reflete sobre a ideia de ressentimento na sociedade brasileira, mas, diria, essa reflexão é válida também para avaliar a reação das protagonistas dos contos, que sofreram violência e abusos.

Kehl lembra que o ressentimento é "fruto dos abusos históricos que aparentemente 'perdoamos' sem exigir que opressores e agressores pedissem perdão e reparassem os danos causados". Esse sentimento seria uma espécie de "revolta passiva" (Bourdieu) ou "vingança adiada" (Nietzsche), a sinalizar uma covarde cumplicidade dos ofendidos e oprimidos com seus ofensores/opressores.



"Pornocrates" (1878), pintura do artista belga Félicien Rops Reprodução

As protagonistas dos contos podem até ser sensuais, mas não o são para agradar e satisfazer o parceiro, já que não há nenhum pacto entre eles —o pacto é da mulher com ela mesma

A mágoa "irreparável" do ressentido indica que ele sabe, mas não quer saber, que aceitou se colocar em uma condição passiva diante dos abusos do mais forte. "Essa passividade, convém ressaltar, se daria por covardia, por cálculo ('mais tarde ele há de reconhecer e premiar meu sacrifício') ou por impotência auto-imposta". Assim, "o ressentido acaba por se revelar cúmplice do agravo que o vitimou".

No conto "A Bei" (bei era um título dado a oficiais superiores do Exército otomano e aos altos funcionários administrativos, ou a príncipes vassalos do sultão), da antologia que comento aqui, duas mulheres traídas pelo mesmo homem se unem e planejam uma vingança conjunta.

Elas sabiam que, se o deixassem livre, ele acabaria com a vida delas: "Se ele escapasse, a mataria —foi o que ela viu claramente em seu olhar sanguinário". Portanto, "sem perder tempo, a bei ordenou que ele fosse conduzido ao pátio e pregado à cruz. Enquanto sua ordem era executada, saboreou seu café e o sorbet com a máxima serenidade".

Kehl lembra que "o ressentimento não abate aqueles que foram derrotados na luta e no enfrentamento com o opressor, e sim os que recuaram sem lutar e perdoaram sem exigir reparação".

As personagens de Wanda von Sacher-Masoch não perdoam e, se tiram a vida de seus opressores, é porque parecem não acreditar que haja salvação para eles. Obviamente, na ficção tudo é válido, inclusive essa solução extrema, pois à autora interessa redimensionar esteticamente os fatos que narra.

Apesar disso, as protagonistas de "Damas de Casaco..." permitem a comparação com mulheres contemporâneas que viveram situações similares.

As cantoras Shakira e Miley Cyrus, conforme amplamente noticiado, denunciaram a traição de seus parceiros em canções que viralizaram —da mesma forma, a administradora francesa Gisèle Pelicot e a escritora brasileira Vanessa Bárbara decidiram tornar público os abusos sofridos e os traumas que se perpetuaram.

É interessante pensar que, diferentemente da tese de Kehl, essas mulheres que falam sobre seus traumas e os denunciam acabam depois sendo acusadas de vingativas e ressentidas. É uma política perversa, pois "incentiva" o silêncio e o esquecimento, perpetuando e naturalizando qualquer tipo de violência, como lembra a psicanalista.

No que tange ao silêncio, em "A Mãe de Todas as Perguntas", a feminista estadunidense Rebecca Solnit afirma: "A libertação sempre é, em parte, um processo de contar uma história: romper histórias, romper silêncios, criar novas histórias. Uma pessoa livre conta a sua história própria". Mas só "uma pessoa valorizada vive numa sociedade em que a sua história ocupa um lugar".

As mulheres, diz Solnit, nem sempre podem contar sua própria história —aliás, seus depoimentos por vezes não têm valor. Nesse caso, "a vítima não tem nenhum direito, nenhum valor, não é igual".

As protagonistas de Wanda von Sacher-Masoch sabem disso, mas não deixam de lutar pela reparação das injustiças. ←

Damas de Casaco de Pele e Chicote
AUTORA: Wanda von Sacher-Masoch. **EDITORA:** Ercolano. **TRADUÇÃO:** Karina Jannini. **QUANTO:** R$ 84,50 (168 págs.)



Luiza Pannunzio

Isto foi escrito à mão

As máquinas de escrever são objetos maravilhosos, assim como canetas-tinteiro

Ricardo Araújo Pereira

Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Conto com a compreensão e a tolerância de todos para a confissão que faço a seguir: eu coleciono e uso diariamente canetas-tinteiro e máquinas de escrever. Sei que é chocante, até porque todos aqueles que me rodeiam me fazem sentir como uma pessoa do século 19 que, por uma razão que ninguém sabe explicar, mas todo mundo lamenta, se intrometeu no mundo moderno.

É uma vida dura a minha. Sempre que abro o YouTube, o algoritmo oferece vídeos que, como ele bem sabe, me interessam. São vídeos longos de senhores que têm a mesma obsessão que eu, e se dedicam a mostrar as suas canetas-tinteiro, a medi-las, a pesá-las, a registrar quantas voltas é preciso dar na tampa para destapar a caneta —uma volta e três quartos, no caso da linda Pilot Custom Urushi Vermillion.

É evidente que nenhum desses senhores terá alguma vez visto uma mulher nua. E eu agradeço o seu sacrifício e a sua loucura, que eu partilho —talvez em um grau ligeiramente menor.

O som dessas máquinas basta para seduzir o seu utilizador. É um objeto híbrido, bélico e resistente como a metralhadora, livre e rebelde como o piano da canção de jazz

Às vezes, pessoas como eu têm pequenas vitórias. Há uns meses, um apagão fez com que Portugal e a Espanha ficassem sem eletricidade entre as 11h e as 20h. À minha volta havia desespero. Mas eu peguei numa das minhas máquinas de escrever —uma Olivetti Lexikon 80, igual àquela em que Gabriel García Márquez escreveu "Cem Anos de Solidão"— e escrevi os textos que precisava entregar nesse dia. Embora fossem de qualidade ligeiramente inferior a "Cem Anos de Solidão", a verdade é que consegui escrevê-los igualmente.

Máquinas de escrever são objetos maravilhosos, cujo som basta para seduzir o utilizador — um som que fez com que as principais metáforas associadas às máquinas de escrever fossem um piano de jazz e uma metralhadora. É, de fato, um objeto híbrido, bélico e resistente como a metralhadora, livre e rebelde como o piano de jazz.

E há mais. Na primeira vez que trouxe uma máquina de escrever para casa, as minhas filhas, duas pessoas nascidas já neste século, habituadas a computadores e a smartphones, espantaram-se: ah! Imprime logo! Sim. É instantâneo.

E, no entanto, canetas-tinteiro e máquinas de escrever resistem à rapidez moderna. São símbolos de uma certa lentidão injustamente desprezada. Devagar é, de fato, melhor. Quem tem pressa come cru.

DOM. Ricardo Araújo Pereira **QUA.** Bia Braune
QUI. Flavia Boggio **SEX.** Renato Terra **SÁB.** José Simão

MULTITELA

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com

Nova temporada de série histórica narra mudanças sociais intensas do século 19

A Idade Dourada
Max, 16 anos
A terceira temporada de "A Idade Dourada" se passa em meio a intensas transformações econômicas e sociais na década de 1880. Perspicaz e novelesca, a série criada por Julian Fellowes vai explorar temas como o casamento e o divórcio e o custo da ambição dos novos ricos, representados pela família Russell, que tentam solidificar seu domínio na alta sociedade. Dylan Baker e Merrit Weaver se somam ao elenco que inclui Christine Baranski e Carrie Coon.

O Urso
Disney+, a partir de quarta-feira, 25
Os novos episódios da série vencedora do Emmy têm os chefs Carmy, Sydney e Richie empenhados em fazer o restaurante O Urso alcançar outro patamar. A busca pela excelência não significa apenas melhorar a qualidade, mas também decidir o que vale a pena manter, conseguir que a equipe se adapte e superar os frequentes desafios.

Raul Seixas: Eu Sou
Globoplay, a partir de quinta-feira, 26
A minissérie sobre o cantor e compositor baiano, interpretado por Ravel Andrade, desvenda suas influências culturais, políticas e espirituais no auge de sua carreira, nos anos 1970 e 1980. O escritor Paulo Coelho, parceiro de Raul na composição de dezenas de canções, é vivido pelo ator João Pedro Zappa.

Torre Greenfell: A Verdade por Trás do Desastre
Netflix, 14 anos
Ao expor a negligência do governo, as falhas das empresas privadas e a incompetência dos reguladores anos antes da tragédia, o documentário britânico examina acontecimentos determinantes que levaram ao incêndio da torre Grenfell, em Londres, em 2017.





Os Afro-Sambas: O Brasil de Baden e Vinicius
Max, a partir de terça-feira, 24
O documentário mergulha na gênese de um dos álbuns mais marcantes da música brasileira, 'Os Afro-Sambas de Baden e Vinicius', fruto da parceria de Baden Powell e Vinicius de Moraes, lançado em 1966. Mais do que um registro musical, o filme faz uma viagem espiritual às raízes afro-brasileiras, evidenciando como os ritmos ancestrais, em especial os cânticos de terreiros de umbanda e do candomblé, se mesclam com a harmonia sofisticada da bossa nova e do samba. Com participações de Maria Bethânia, Nelson Motta, Jards Macalé, Dori Caymmi, Russo Passapusso e Cynara Faria, ganham destaque as canções 'Canto de Ossanha', que se tornou símbolo do sincretismo religioso, 'Tempo de Amor', 'Canto de Iemanjá' e 'Canto de Xangô'

Parada do Orgulho LGBT+
DiaTV e YouTube, a partir de 11h, livre
Em celebração do mês do Orgulho LGBTQIA+, o canal da Samsung Plus disponibiliza diversos filmes que promovem a diversidade, culminando com a transmissão da Parada do Orgulho de São Paulo, considerada a maior do mundo.

A História do Mundo em Duas Horas
History, 15h50, 10 anos
Abrangendo os eventos cósmicos, os avanços científicos e as revoluções culturais, esse documentário explica como o mundo em que vivemos foi moldado ao condensar 13,7 bilhões de anos de história em apenas 120 minutos.

O Último Amor de Mr. Morgan
Film&Arts, 22h, 12 anos
Michael Caine é o viúvo Matthew Morgan. Ele vive solitário em Paris, ocupando seu tempo com aulas de inglês. Um dia, ele conhece Pauline, uma simpática professora de dança bem mais jovem que ele. Os dois se tornam amigos, mas enfrentam a oposição dos filhos.

Israel, Irã e EUA: A Longa Guerra
Curta! e CurtaOn, 23h, 16 anos
Na esteira da guerra entre Israel e Irã, este documentário dividido em duas partes ajuda a entender a eclosão do conflito ao narrar a invasão israelense no Líbano, a guerra civil na Síria e os acontecimentos que sucederam a revolução islâmica no Irã em 1979.

Canal Livre
Band, 0h, livre
O programa debate o avanço do programa nuclear iraniano, a crise política desencadeada pelo primeiro-ministro israelense Binyamin Netanyahu e o envolvimento dos Estados Unidos no Oriente Médio. Tem a participação dos professores de relações internacionais Leonardo Trevisan e Sidney Leite.

Feira Naturebas, de vinhos naturais, tem estrela francesa, 'açaí wine' e festa para 'enterro do fígado'

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO "Uva, y nada más", diz Mónica Zas, da espanhola Bodegas Cueva, sobre o único ingrediente dos vinhos que trouxe para a Naturebas. A 13ª edição da feira de vinhos que acontece neste final de semana no pavilhão da Bienal, no parque Ibirapuera, zona sul de São Paulo, preza pela produção natural desse fermentado, sem aditivos químicos.

Zas é uma entre os cerca de 180 produtores que ofertaram mais de 3.000 vinhos. Além da cartela brasileira, há garrafas de países como Bélgica e Eslovênia.

A estrela é o francês Jean-Pierre Robinot, pioneiro no ramo. "Ele aposta em vinhos mais envelhecidos, que guarda em uma 'cave' debaixo da montanha", diz Lis Cereja, idealizadora da feira.

Vivian Vitorelli, da gaúcha Casa Viccas, diz que o "vinho das indústrias" usa macetes químicos para alcançar um sabor mais padronizado, como corrigir a acidez do processo de fermentação da uva. "A gente faz o vinho mais limpo possível". Lá, as garrafas custam até R$ 140.

Nem sempre o consumidor geral se adapta de imediato e por vezes é preciso reeducar o paladar. Outra sócia da Viccas, Sara Valar diz que se chove muito na região, a acidez da uva pode ser mais elevada, por exemplo, mas a produção natural não busca uniformizar o sabor.


Rótulos de vinhos na feira Naturebas Anna Virginia Balloussier/Folhapress

Quem vai à feira passa horas perambulando pelos estandes. Alguns têm um balde para o cliente "descartar" o vinho testado após um bochecho, para não se embriagar tanto entre as provas.

A Florisa Vinhos da Amazônia não fabrica, tecnicamente, vinho, já que não utiliza uva. O produtor Marcos Vieira, do Acre, faz bebidas fermentadas a partir de frutas da região (até R$ 120 cada). Expôs na feira o "cupuaçu wine" e o "açaí wine" —o rótulo traduz vinho para o inglês, de olho na exportação.

Haverá ainda uma festa de encerramento, batizada de "Enterro dos Fígados", no Cineclube Cortina, na noite de domingo. Quem pagou ingresso para o pavilhão da Bienal, a R$ 239, tem entrada garantida, e aos de fora são cobrados R$ 60. Em paralelo, a Naturebas também tem outros produtos orgânicos, como chocolates, chás e queijo artesanal. ↩

Feira Naturebas
ONDE Pavilhão da Bienal - av. Pedro Álvares Cabral, s/n, São Paulo. **QUANDO** Dom. (22), 13h. **PREÇO** R$ 229, em feiranaturebas.com.br